

Universidade Federal de Minas Gerais

BÁRBARA MARQUES BARBOSA DE CARVALHO

**“VOCÊ NÃO PODE CORTAR AQUILO QUE NÃO EXISTE”-
UMA MÁSCARA, MIL FACES: o uso discursivo do anonimato
em *Anonymous***

Belo Horizonte
2016

BÁRBARA MARQUES BARBOSA DE CARVALHO

**“VOCÊ NÃO PODE CORTAR AQUILO QUE NÃO EXISTE”-
UMA MÁSCARA, MIL FACES: o uso discursivo do anonimato
em *Anonymous***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: (2B) Análise do Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Ida Lucia Machado

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C331v

Carvalho, Bárbara Marques Barbosa de.

Você não pode cortar aquilo que não existe – uma máscara, mil faces [manuscrito] : o uso discursivo do anonimato em Anonymous / Bárbara Marques Barbosa de Carvalho. – 2016.

112 f., enc. : il., color.

Orientadora: Ida Lúcia Machado.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 101-103.

Anexos: f. 104-113.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Estratégia discursiva – Teses. 3. Interação discursiva – Teses. 4. Colaboração online – Teses. 5. Linguística – Teses. I. Machado, Ida Lúcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418

**Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Dissertação intitulada “Você não pode cortar aquilo que não existe”- uma máscara, mil faces: o uso discursivo do anonimato em *Anonymous*”, de autoria da mestranda Bárbara Marques Barbosa de Carvalho, aprovada pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa (CEFET-MG)

Prof. Dr. Wander Emediato de Souza (FALE – UFMG)

Orientadora: Prof.^a Dra. Ida Lucia Machado (FALE – UFMG)

Belo Horizonte, 14 de janeiro de 2016.

Para Sonia, Ronaldo e Abner

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por todos os dias de minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Ida Lucia Machado, pela doçura, atenção e por ter me proporcionado um clima de tranquilidade para realizar meu mestrado. Querida Ida, obrigada por ter sido uma motivação para mim desde a decisão de me inscrever até a finalização do programa.

Agradeço, também, a todos os professores que contribuíram para minha formação, pela dedicação e pelo conhecimento que adquiri.

Aos colegas, agradeço a companhia e o convívio. Em especial, à Juliana Santos e Bárbara Amaral, que estiveram comigo desde a primeira reunião de tutores.

Agradeço à Marina Viana Bento, por ter sido minha parceira na primeira pesquisa que realizei sobre *Anonymous*.

Agradeço à CAPES, pelo auxílio financeiro e por ter me possibilitado a experiência incrível de ser pesquisadora e professora.

A minha grande família e a todos aqueles que impactaram minha vida.

À Mariana, pela amizade preciosa. Sem você, a vida seria muito menos colorida.

À Dudu, pelo carinho especial, pelos cuidados, pela alegria e pela amizade.

Ao meu irmão, Hugo, por fazer parte da minha família e da minha vida desde o momento que nasci.

Aos meus pais, Ronaldo e Sonia, agradeço por tudo que sou e que conquistei. Obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio e pelo exemplo que vocês são para mim. Não há palavras para dizer tudo o que vocês significam em minha vida. Vocês são a maior bênção que Deus colocou em meu caminho!

Ao Abner, agradeço por ser meu anjo da guarda, meu companheiro e minha fonte inesgotável de amor, paz, força e alegria por toda uma década. A você, meu eterno carinho.

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

*À parte isso, tenho em mim todos os sonhos
do mundo.*

(Álvaro de Campos / Fernando Pessoa)

*Man is least himself when he talks in his own
person. Give him a mask, and he will tell you
the truth. (Oscar Wilde)*

RESUMO

No presente trabalho, estudamos o uso discursivo do anonimato, a partir de *Anonymous*, um coletivo *online* de *hacktivistas* – uma mistura de *hacker* e ativista – que opera anonimamente e sem líderes. Buscamos analisar como e por que o anonimato do coletivo foi forjado, seu funcionamento e como é explorado. Acreditamos que o anonimato em *Anonymous* se configure como estratégia discursiva e seja fruto da necessidade criada pela situação comunicativa. Para conduzir nossa análise, baseamo-nos fundamentalmente na Semiolinguística de Patrick Charaudeau, mas contamos também com conceitos de Foucault, Bakhtin e Parret. Procuramos explicar o que é *Anonymous* e descrever algumas de suas empreitadas – com destaque para a briga com a igreja da Cientologia e o episódio com a empresa de segurança de computadores *HBGary Federal* –, bem como apresentar algumas reflexões acerca do anonimato no mundo contemporâneo. Propomos, também, uma breve discussão sobre o estudo das estratégias, bem como analisar os impactos e as consequências da escolha do uso do anonimato e seus efeitos estratégicos, que contribuem para a construção e fortalecimento do discurso de *Anonymous*. Acreditamos mostrar que o anonimato pode se configurar como uma estratégia discursiva versátil, que pode atuar em vários níveis discursivos. Através de *Anonymous*, estabelecemos algumas vantagens e desvantagens do uso estratégico do anonimato. Como ponto negativo, encontramos um sujeito que abre mão de reivindicar sua legitimidade e tem que investir, assim, nos outros tipos de estratégias (credibilidade e captação). Ademais, perde-se um pouco de controle sobre a própria imagem. Porém, o anonimato possibilita a criação de uma estrutura horizontal e descentralizada, pelo menos aparentemente. Assim, não há líderes, criando-se um efeito de igualdade. O anonimato contribui, também, para os efeitos de neutralidade, opacidade e empoderamento – forjados por nós em nossa análise. Como não se associa a nenhum EUC específico, o sujeito tende para o simbólico e cria uma espécie de onipresença estratégica. Enfim, o anonimato é, ao mesmo tempo, uma estratégia ofensiva e defensiva. Com essa pesquisa, esperamos mostrar a importância das estratégias para o discurso e que o anonimato marca pelo silêncio, falando, muitas vezes, mais alto que qualquer nome gritado aos ventos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Estratégias discursivas. Anonimato.

ABSTRACT

In this work, we study the discursive use of anonymity by *Anonymous*, an online collective of *hacktivists* – a combination of hacker and activist –, which operates anonymously and without leaders. We aim to think about how and why the collective's anonymity was forged, the way it works, and how it is explored. We believe that the anonymity in *Anonymous* is a discursive strategy and that it is the result of the need created by the situation of communication. To conduct our analysis, we fundamentally used the Semiolinguistics of Patrick Charaudeau, but we also counted on concepts from Foucault, Bakhtin e Parret. We attempt to explain what *Anonymous* is, and describe some of its endeavors – especially the fight against the church of Scientology and the episode with the computer security company *HBGary Federal* –, as well as present some observations on anonymity in the world today. We also propose a brief discussion on the study of strategies, as well as analyze the impacts and consequences of the choice of using anonymity, and its strategic effects, which contribute to the construction and strengthening of *Anonymous*' discourse. We believe to have shown that anonymity can be a versatile discursive strategy, which can function in many discursive levels. Through *Anonymous*, we've established some advantages and disadvantages of the strategic use of anonymity. As a downside, we find a subject who gives up the claim for legitimacy and has to invest, thus, in the other types of strategies (credibility and seduction). Moreover, a bit of control over one's own image is lost. However, anonymity enables the creation of a horizontal and decentralized structure, at least apparently. Therefore, there are no leaders and an effect of equality is created. Anonymity also contributes to the effects of neutrality, opacity and empowerment – forged by us in our analysis. Because it does not associate to any specific communicative-subject (JEc), the subject tends to the symbolic and creates a kind of strategic omnipresence. In shorts, anonymity is, at the same time, an offensive and defensive strategy. With this investigation, we hope to show the importance of strategies to the discourse, and that anonymity makes its presence by being silent, a silence that often speaks louder than any name screamed in the wind.

Keywords: Discourse Analysis. Discursive strategies. Anonymity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: SOBRE <i>ANONYMOUS</i>	14
1.1. O que é <i>Anonymous</i>?	14
1.1.1. As origens de <i>Anonymous</i>	19
1.1.2. <i>Anonymous</i> sob a ótica acadêmica	24
1.2. A Cientologia e <i>Anonymous</i>: para além das risadas	28
1.3. A operação <i>Payback</i> e a operação HBGary	32
1.4. Considerações gerais sobre o anonimato e seu lugar na contemporaneidade	35
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	45
2.1. A abordagem da Teoria Semiolingüística de Charaudeau	46
2.2. O sujeito da Semiolingüística	49
2.3. Nossa visão geral da Semiolingüística	54
2.4. Uma tipologia das estratégias: problematização	62
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	66
3.1. A situação comunicativa e o anonimato	66
3.2. As consequências do anonimato e seus usos estratégicos	73
3.3. O anonimato enquanto estratégia enunciativa	86
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa pretende estudar o uso do anonimato no discurso, a partir do coletivo *Anonymous*, verificando como tal anonimato foi forjado, seu funcionamento e como é explorado. Para tanto, procuraremos compreender suas origens, seu funcionamento discursivo e suas consequências estratégicas no discurso do coletivo. Acreditamos que o anonimato em *Anonymous* é uma estratégia discursiva. Portanto, em nossa análise, buscaremos perseguir essa hipótese e concluir em que medida ela se confirmaria.

O objeto de estudo que propomos está concentrado nos *hacktivistas* (mistura de *hacker* e ativista) *Anonymous*. Ao nos deparar com o coletivo, pudemos perceber a importância do papel do anonimato na sua constituição discursiva, o que nos levou a pensar nesse elemento como um dos pilares daquilo que sustenta *Anonymous*. O anonimato, já presente no próprio nome do coletivo, é fundamental e inerente à identidade do coletivo. Nosso interesse nesse fenômeno veio do ineditismo da forma como o coletivo se organiza, sem líderes, sem institucionalização, sem nomes, sem faces – uma nova maneira de fazer frente às organizações mais influentes do mundo, incluindo o próprio governo dos Estados Unidos.

Desejamos entender como *Anonymous* conseguiu despontar no cenário mundial e ser páreo em lutas contra inimigos tão poderosos, tanto econômica quanto politicamente. Acreditamos que grande parte de sua força vem de seu discurso, principalmente do que consideramos nesse trabalho como uma estratégia poderosa, o anonimato.

A análise girará em torno dos seguintes questionamentos: quais são as causas e as origens do anonimato em *Anonymous*?; há uma relação entre a situação comunicativa e o anonimato?; quais são as vantagens e desvantagens do anonimato no coletivo em pauta?; o uso do anonimato pode ser uma estratégia discursiva?; quais efeitos são provocados por seu uso? O *corpus* selecionado por nós inclui vídeos, imagens e textos escritos que marcaram a trajetória do coletivo e que permitem analisar as questões que desejamos estudar.

Para desenvolver nossa análise, temos como fundamento teórico-metodológico a Teoria Semiolinguística de Charaudeau. Contaremos, ainda, com conceitos de outros teóricos que complementam nosso aparato teórico: o conceito de Panoptismo de Foucault; o conceito de carnavalização de Bakhtin; e os conceitos de enunciação modalizante e deitizante de Parret. Buscaremos também em outros teóricos que vêm contribuir para a reflexão dessa base teórica:

Deleuze para o Panoptismo, Rabatel para a enunciação modalizante e deitizante e, finalmente Machado para a carnavalização e para a Semiolinguística. Como base teórica para compreender o fenômeno *Anonymous*, recorreremos principalmente aos trabalhos da antropóloga Coleman, mas nos valeremos também dos estudos de Auerbach, Jarvis e Silva.

Assim, apoiada nesse aparato teórico, propomo-nos a realizar uma análise discursiva do anonimato no coletivo que se intitulou *Anonymous* que será dividida em três capítulos. No capítulo 1, apresentaremos o coletivo, sua história e a visão acadêmica sobre esse fenômeno cibernético. Trataremos, também, das operações realizadas por *Anonymous* que são pertinentes ao nosso *corpus* de análise: a operação contra a igreja da Cientologia (*Chanology*), a operação *Payback* e *HBGary*. Encerraremos o capítulo com uma reflexão sobre o lugar do anonimato no mundo real e no cibernético, propondo uma análise sobre o assunto a partir do conceito de Panoptismo, de Foucault. Essa é a introdução da análise do anonimato como estratégia discursiva.

No capítulo 2, exporemos os fundamentos teórico-metodológicos da nossa pesquisa. Apresentaremos a abordagem da Teoria Semiolinguística, que será a base teórica para nós enquanto analistas do discurso. Abordaremos o posicionamento de Charaudeau a respeito do sujeito, que será adotado por nós para estudar a questão das estratégias no discurso. Teceremos algumas considerações sobre a Semiolinguística, com o intuito tanto de contribuir para o estudo a teoria em geral quanto para direcionar nossa análise. Para finalizar a parte teórica do trabalho, proporemos uma problematização do estudo das estratégias. Discutiremos a tipologia das estratégias e seu lugar nos estudos do discurso a partir da Semiolinguística.

No capítulo 3, conduziremos nossa análise do *corpus* tendo em vista tudo que foi apresentado nos capítulos 1 e 2. Iniciaremos com a influência que a situação comunicativa exerce na escolha do anonimato enquanto estratégia discursiva. Buscaremos mostrar em que medida o anonimato de *Anonymous* foi uma reação às circunstâncias impostas pela situação a qual o coletivo estava sujeito. Em seguida, daremos continuidade à análise do anonimato como estratégia discursiva ao estudar as consequências de seu uso, procurando mostrar como eles se configurariam como estratégias. Finalmente, buscaremos em Parret uma complementação teórica para entender como o anonimato é também uma estratégia enunciativa.

Acreditamos que nossa pesquisa poderá contribuir para os estudos do discurso por se propor a estudar a parte da troca comunicativa em que o sujeito tem liberdade para escolher e

criar estratégias que diferenciarão seu discurso, objetivando alcançar o sucesso de seu *projeto de fala* e enriquecendo sua força persuasiva.

CAPÍTULO 1: SOBRE *ANONYMOUS*

Antes mesmo do início do século XXI, já estava nascendo um meio de interação social um pouco diferente do que se havia visto no passado, uma rede invisível que se espalhava por todo o mundo e interligava pessoas em um mundo virtual. Com o advento da Internet, a história humana subiu mais um degrau, afetando os mais diversos aspectos da nossa vida, e, em especial, a nossa comunicação.

As distâncias encurtaram e criou-se uma vida cibernética que se desenrolava no espaço da Internet através de *sites* que proporcionavam um espaço para a interação entre os internautas. Um deles é o chamado *4chan*, um *site* norte-americano que, desde 2003, promove discussões dos mais variados temas através de fóruns nos quais os internautas podem postar seus comentários e respostas a outros comentários. Uma das características mais interessantes do *4chan* é que os usuários são encorajados a interagir anonimamente, adotando, portanto, o apelido *anonymous*, que significa anônimo em inglês. É desse habitat que surge o atualmente conhecido grupo *hacktivista Anonymous*.

1.1. O que é *Anonymous*?

Anonymous é um mistério. Qualquer um e, ao mesmo tempo, ninguém pode sê-lo. Querer determinar esse paradoxo nos parece uma tarefa árdua, assim como montar um quebra-cabeça cujas peças estejam faltando. Não pretendemos nesta seção definir *Anonymous*, mas sim procurar entender as condições e as circunstâncias que envolvem seu nascimento, bem como buscar conhecer sua história e entender suas origens para estabelecer os valores e o funcionamento do coletivo.

É no descontraído, desprezioso e, às vezes, ofensivo *site 4chan* que a história de *Anonymous* começa. O *site* serviu como um casulo onde a ideia chamada *Anonymous* estava paulatinamente se desenvolvendo até se metamorfosear em umas das “pessoas” mais influente de 2012, segundo os leitores da prestigiada revista americana *Time*.

Essa *ideia* começou nos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo inteiro e hoje há *Anonymous* em vários países, inclusive no Brasil. Nos recentes protestos brasileiros de junho de 2013, por exemplo, encontramos muitos manifestantes usando a máscara-símbolo de *Anonymous* – a chamada máscara de Guy Fawkes, a mesma usada pelo personagem V na história em quadrinhos (HQ) *V de Vingança* e no filme de mesmo nome.¹ *Anonymous* apareceu, também, na própria Internet através das redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Milhares de usuários compartilharam ou curtiram *posts* de *Anonymous*, demonstrando seu apoio ao grupo.

Mas, o que/quem é/são *Anonymous*? Uma questão complexa que se mostra até hoje motivo de discussões e que levou o próprio grupo a postar vídeos e *releases* buscando respondê-la. Sem maiores pretensões, tentaremos aqui descrever *Anonymous* de modo geral, com o objetivo de apresentá-lo àquele que o desconhece.

Diremos que *Anonymous* é um coletivo *online*, que opera anonimamente e em conjunto como um só, mas que é composto por vários membros. Sua estruturação é horizontal e descentralizada – pois o coletivo não apresenta líderes de qualquer tipo –, mas sua atuação se dá de forma coordenada e bem organizada, geralmente em torno de um objetivo de cunho político livremente combinado entre si no mundo cibernético. *Anonymous* representa uma ideia, um conjunto de valores fluidos que são partilhados por um grupo heterogêneo de pessoas, uma legião de um corpo só, porém sem nenhuma cabeça.

Eles são designados como *hacktivistas* – uma mistura de *hacker* e ativista. Muitos de seus ataques/protestos a grandes *sites* institucionais são definidos pelo governo norte-americano como *cybercrimes*, por serem crimes praticados no domínio da Internet. O *Federal Bureau of Investigation* (FBI) tem *Anonymous* em sua lista de procurados e já conseguiu localizar alguns participantes, que estão sendo processados.

A maioria dos protestos *online* realizados por *Anonymous* são feitos através de ataque DDoS (*Distributed Denial of Service*), que seria um equivalente a um protesto em que muitas pessoas se reúnem nas ruas para impedir o trânsito de carros, por exemplo. O que acontece é

¹ O roteirista Alan Moore e o artista gráfico David Lloyd criaram, em 1982, a HQ com título original *V for Vendetta*, ou em português, *V de Vingança*, publicada originalmente pela editora americana Vertigo. A história cativou os leitores e se tornou um filme de mesmo nome, em fevereiro de 2006. Este filme foi dirigido por James McTeigue e contou com um elenco de atores consagrados, como Natalie Portman e Hugo Weaving. De modo geral, foi bem acolhido pela crítica e pelo público.

que são enviados muitos pedidos para um endereço na *web* ao mesmo tempo, excedendo sua capacidade e, assim, tirando-o do ar.

É curioso observar que *Anonymous* se define, não como um grupo², mas uma ideia, como um posicionamento que se toma perante aos acontecimentos do mundo, seja no campo político, econômico ou até religioso. É uma ideia que defende primordialmente a liberdade, a transparência e os interesses do cidadão comum. Como o coletivo nasceu no mundo cibernético, este é sua *base*. Portanto, o interesse em preservar e defender os direitos de liberdade na Internet é uma das mais importantes frentes de *Anonymous*. O grupo é contra a censura no mundo cibernético e contra a regulamentação dele pelo governo.

Anonymous recorre a várias maneiras para identificar e “dar cara” a essa entidade cujo princípio fundamental é o anonimato. Poderíamos citar as várias imagens que fazem parte do extenso repertório iconográfico de *Anonymous*: são imagens produzidas para divulgar o coletivo, suas ideias, suas ações e conquistas. Em geral, apresentam sempre um tom jocoso e/ou de zombaria. Ao longo deste trabalho, apresentaremos algumas delas como fonte de ilustração e reflexão. Porém, gostaríamos de abordar alguns elementos que contribuem para a identificação de *Anonymous*: o logotipo, o mote e a máscara de Guy Fawkes. Vejamos.

O logotipo do coletivo em si já nos intriga por não ser de fácil interpretação. Ele é marcado por uma ambivalência e ironia tamanhas que podem confundir aquele que tenta entendê-la. Ei-lo:



Figura 1

² Compreendemos e aceitamos essa definição dada pelo próprio *Anonymous*, mas, ao longo deste trabalho, iremos nos referir a ele como grupo apenas para facilitar a retomada anafórica do mesmo. De maneira nenhuma estamos querendo desafiar ou deturpar o que *Anonymous* pensa sobre *Anonymous*.

Um aspecto que nos intriga é a seriedade desse logotipo. Preto e branco, um homem (ou mulher?) de terno e gravata emoldurado(a) por louros. Isso nos parece sério e formal demais para esses rebeldes bem-humorados. Porém, algumas respostas começam a surgir quando consideramos o logotipo das Nações Unidas, a ONU:



Figura 2

As semelhanças entre os dois logotipos saltam aos olhos. As cores, os louros, o mapa-múndi: o logotipo de *Anonymous* faz referência ao da ONU, porém de uma forma especial, adequada ao irônico coletivo. Temos um caso de paródia icônica, que se forma pela ironia, uma ironia socrática, que questiona, mas não dá respostas, pois pretende levar o outro à reflexão e à formulação de mais perguntas e não respostas (MACHADO, 1988).

A paródia, a ironia e o riso carnalizado (BAKHTIN, 1987) que marcam esse logotipo são bastante coerentes com o próprio coletivo (veremos com mais detalhes a respeito disso ao longo deste trabalho). Agora sim percebemos que nossa impressão inicial de seriedade presente no logotipo foi, talvez, precipitada e superficial. A seriedade é irônica e, dessa forma, torna-se justamente o contrário, pois parece querer rir da seriedade de outrem.

Tomemos, agora, o famoso mote de *Anonymous* que está sempre em seus vídeos como uma espécie de assinatura: “*Knowledge is free. We are Anonymous. We are Legion. We do not forget. We do not forgive. Expect us*”, que, em uma tradução nossa, seria “O conhecimento é livre. Nós somos *Anonymous*. Nós somos Legião. Nós não esquecemos. Nós não perdoamos. Aguardem-nos”. Segue abaixo uma das muitas imagens produzidas por *Anonymous* e amplamente divulgada na Internet:



Figura 3

Na figura 3, temos o mote acompanhado da máscara de Guy Fawkes. Encontramos algumas variações que podem excluir algumas dessas frases, mas o mote é sempre facilmente reconhecido e ligado a *Anonymous*. Vemos em seu mote um poder sumarizador que parece capturar a essência do coletivo. Passemos frase a frase.

A frase inicial –“O conhecimento é livre”, ou em outra possível tradução, “O conhecimento é grátis” – reflete um dos valores mais importantes para *Anonymous*, a transparência e o acesso livre a toda a informação disponível. Todo o trabalho de *Anonymous* envolve revelar “verdades escondidas”, como documentos secretos do governo (o que explica o apoio ao *WikiLeaks*) ou as práticas da igreja da Cientologia. Isso, como veremos, é um paradoxo, já que o próprio coletivo se esconde atrás da opacidade de seu anonimato. Esta é uma questão complexa. Ensaaiemos uma reflexão mais profunda mais adiante, quando abordarmos os pensamentos de Foucault e Deleuze.

A frase mais famosa e mais repetida, por ser o centro dessa espécie de assinatura, – “*We are Anonymous*” – é ambivalente na língua inglesa, pois poderia ser traduzida como “Nós somos anônimos” ou “Nós somos *Anonymous*”, já que o coletivo tem como nome a palavra “anônimos” do inglês. No entanto, um pouco dessa ambiguidade se desfaz na forma escrita pelo uso da letra maiúscula em *Anonymous*, o que indica nome próprio e, portanto, o coletivo cibernético e não o adjetivo. Ainda assim, o possível jogo de palavras existe e é uma característica recorrente no discurso de *Anonymous*, bem como sua ambivalência.

A frase seguinte é também bastante emblemática do coletivo: “Nós somos Legião”. Ela parece trazer consigo uma força avassaladora de um poderoso exército unido, principalmente pelo uso da letra maiúscula em “Legião”. Vemos nela a característica marcante da qual se alimenta *Anonymous*: a união de muitos, como um enxame de abelhas (metáfora que é, inclusive, usada pelo próprio coletivo em outras ocasiões).

Consideraremos as frases que seguem – que traduzimos como “Nós não esquecemos. Nós não perdoamos. Aguardem-nos” – juntas, pois elas se somam em uma atmosfera de ameaça e medo, justiça (com as próprias mãos) e empoderamento daquele que fala. Tudo isso é muito próprio do discurso de *Anonymous*, como tentaremos mostrar nesse trabalho. Ao ouvir essas palavras, vem-nos à mente algo como um aviso, um alerta de alguém que está em uma posição superior advertindo aquele mais fraco ou vulnerável.

Transparência, acessibilidade da informação, anonimato, ambivalência, união, medo e empoderamento, pequenos feixes refletidos do prisma que é este coletivo anônimo, opaco, fragmentado e multifacetado.

Esse emblemático mote surge do *site 4chan*, onde foram criadas as chamadas “regras da Internet”. As regras 3, 4 e 5 são: “3) nós somos anônimos, 4) *Anonymous* é legião e 5) *Anonymous* nunca perdoa”. A intenção inicial dessas regras era ligada à zombaria, para “dar risadas” (*the lulz*) (SILVA, 2013, p.59). Mas, quando o coletivo as utiliza como uma assinatura no vídeo de protesto contra a Cientologia, um tom de seriedade se mescla ao de brincadeira. Notamos, assim, a clara influência do berço de onde se originou *Anonymous*, o *4chan*. Está aí nosso ponto de partida para compreender o que é *Anonymous*.

1.1.1. As origens de *Anonymous*

Para entender *Anonymous*, é interessante conhecer suas origens. Façamos, então, uma breve passagem pela história do coletivo. Começaremos em 2003, quando Christopher Poole – mais conhecido por seu apelido Moot – cria um *site* que seria o berço do irreverente *Anonymous*, o *4chan*.

O *site* visa a proporcionar um espaço onde pessoas podem comentar e postar imagens sobre assuntos variados através de subfóruns temáticos, como por exemplo, cultura japonesa, origami e música. Porém, o mais famoso e controverso é o chamado *random* (em inglês, aleatório), também designado como */b/*. Nele, encontramos todo tipo de comentário, incluindo obscenidades e mensagens de ódio.

Duas características marcantes do *4chan* nos chamam a atenção: a velocidade e fluidez da informação e o anonimato de seus usuários. A estrutura do *site* é relativamente bem simples, sendo basicamente uma página em rolamento, na qual aparece em tempo real o que é postado pelos usuários, que adotam o *nickname* (o apelido/nome do usuário na Internet) *anonymous* (anônimo, em inglês). Porém, esse material postado só fica disponível por questão de minutos ou horas; após isso, tudo é automaticamente deletado.

Com o tempo, os usuários mais assíduos acabaram por estabelecer entre si uma ligação tão forte que já havia se desenvolvido uma espécie de cultura própria, com piadas e assuntos típicos dos frequentadores do *site*. Segundo Auerbach (2012), *sites* como o *4chan* fazem parte do que ele nomeia como *A-culture* – conceito desenvolvido pelo autor, cujo fundamento é “a desconexão intencional entre a vida real de alguém e a *persona* (ou, frequentemente, *personae*) online de alguém”³ (AUERBACH, 2012, p.2). A *A-culture* viria na contramão de *sites* de rede sociais como *Facebook* e *Twitter*, cuja proposta é o oposto do que baseia a *A-culture*.

Os *sites* frequentados pelos futuros *Anons* – como o *4chan* e o *Internet Relay Chat* (IRC), *site* de discussão muito usado por *Anonymous* até hoje – apresentam três características marcantes: a comunicação predominantemente escrita, o anonimato total ou parcial de seus usuários e a efemeridade do registro das interações (AUERBACH, p.03, 2012). *Sites* como esses estão dentro da *A-culture* e influenciaram sua constituição.

Isso pode ser percebido quando Auerbach afirma que o anonimato e a comunicação escrita são responsáveis por quatro aspectos da *A-culture*: velocidade, elitismo, ironia e auto documentação. Essa colocação se destaca para nós, pois vemos a importância do anonimato e da forma de comunicação para a constituição da cultura a qual pertence e de onde nasceu *Anonymous*. Discutiremos um pouco mais sobre isso na seção 1.4, que trata sobre o anonimato no mundo cibernético.

³ Tradução nossa do inglês: “the intentional disconnect between one’s real life and one’s online persona (or, frequently, *personae*)” (AUERBACH, 2012, p.2).

O primeiro aspecto refere-se à velocidade da rotatividade da informação e dos comentários postados. O segundo diz respeito à formação de um grupo fechado e à antagonização àqueles que não fazem parte desse mundo e dessa cultura. Gostaríamos de destacar os dois aspectos restantes.

A ironia está muito presente na *A-culture*, sendo que “qualquer ponto de discussão pode ser imediatamente ironizado, seja pelo ridículo, paródia ou por manobras metatextuais”⁴ (AUERBACH, 2012, p.11). Temos uma cultura de ofensa recreativa, em que o prazer de zombar o outro é o que alimenta as práticas do grupo. No entanto, essa ironia apresenta, segundo Auerbach, uma nuance especial, pois ela é independente de sinceridade, característica que está ligada à zombaria gratuita das “pegadinhas” que os usuários do *4chan* adoravam pregar, como passar trotes por telefone ou fazer filmes, imagens e afins para debochar de algo ou alguém: essa prática ficou conhecida como *trollagem* (que vem da palavra inglesa *troll*, que significa “ogro” em português).

Essa característica lúdica própria dos usuários do *4chan* ficou simbolizada pela expressão *the lulz*, que surgiu da sigla LOL (do inglês, *laughing out loud* – literalmente, “rindo em voz alta”). Tendo herdado essa característica de suas origens no *4chan*, *Anonymous* ainda apresenta essa maneira irreverente, mas às vezes sinistra, de fazer um projeto *for the lulz*, ou seja, pelas risadas. Além do caráter ativista político, seria o prazer de participar de um projeto que os motivaria a realizá-lo.

Vemos na *trollagem* reflexos do mundo anônimo e sem restrições criado no *4chan*. Os trotes, ou *trollagens*, realizadas por membros da *A-culture* demonstravam um espírito adolescente e irresponsável, sem nenhuma preocupação com as consequências de seus atos para si próprios e para suas vítimas. O ato da *trollagem* é uma forma de exercício de poder, em que o *troll* se diverte à custa de outrem. Temos uma mistura do lúdico com o sério e uma hierarquização entre o *troll* e a vítima. Assim, é conferido ao *troll* um *status* de intocável e todopoderoso, pois ele interfere com a vida dos outros sem sofrer retaliações. Veremos que há em *Anonymous* um resquício desse empoderamento, mas de forma menos cruel e irresponsável, já que as vítimas são escolhidas diferentemente.

Outra característica do *4chan* que podemos observar em *Anonymous* está ligada ao último aspecto estabelecido por Auerbach para a *A-culture*, a auto documentação. Esse aspecto

⁴ Tradução nossa do inglês: “Any point of discussion made can be immediately ironized, either through ridicule, parody, or metatextual maneuvers”. (AUERBACH, 2012, p.11).

está ligado ao primeiro, a velocidade. Como a informação é efêmera, tanto pela alta rotatividade de novos materiais postados quanto pelo pouco tempo de permanência online, é natural que haja uma tentativa de perpetuação do que está sendo produzido ali. Isso é alcançado pela auto documentação, a qual, a nosso ver, está ligada à vontade de preservação de uma memória necessária para a constituição e continuidade de uma cultura – no caso, a *A-culture*.

Porém, a auto documentação também está relacionada a outro aspecto além da velocidade. Como aponta Auerbach (2012, p.11), “a *A-culture* se documenta de ambas as formas, temporária e persistentemente, criando incessantemente conhecimento compartilhado para ironizar”⁵. Ao se auto documentar, a *A-culture* consegue manter uma memória coletiva que permite o constante uso da parodização nos materiais postados por seus usuários, já que, para o contrato da paródia ser estabelecido, é preciso haver um conhecimento prévio compartilhado.

Como afirma Machado (2013, p.32), “a paródia pertence, assim, a um *clube* mais ou menos fechado, já que ela depende da capacidade de memória de seus leitores, de sua cultura... mas também dos ambientes físicos onde ela foi concebida”.⁶ É isso que observamos na *A-culture* da qual *Anonymous* faz parte, um grupo de pessoas que compartilham uma cultura e uma memória coletiva, desenvolvidas dentro do universo cibernético de *sites* como o *4chan*. A presença da paródia reafirma essa cultura virtual.

Enfim, vemos que todos os quatro aspectos estão intimamente relacionados: a velocidade da informação estimula a auto documentação, que, por sua vez, propicia a troca irônica entre os membros dessa comunidade específica e separada (elitismo). São sobre esses pilares que se sustenta a cultura a qual *Anonymous* se filia.

Esses quatro aspectos, naturalmente, tiveram impacto na constituição, funcionamento e identidade do coletivo. Eles contribuem, sem dúvida, para responder a pergunta “o que é *Anonymous*?”, pois podemos entender, por exemplo, de onde vieram os valores que governam o coletivo, bem como entender um pouco mais suas práticas e seus membros.

⁵ Tradução nossa do inglês: “A-culture documents itself in temporary and more persistent forms, incessantly creating common knowledge to ironize”. (AUERBACH, 2012, p.11).

⁶ Tradução nossa do francês: ““La parodie appartient ainsi à un club plus ou moins fermé, puisqu’elle dépend de la capacité de mémoire de ses lecteurs, de leur culture... mais aussi des environnements physiques où elle a été conçue”. (MACHADO, 2013, p.32).

É interessante observar, por exemplo, que os usuários que eram atraídos pelo *4chan* no início da existência do *site* eram geralmente os desajustados, os antissociais e os adolescentes (AUERBACH, 2012), que encontraram nos fóruns anônimos de discussão um lugar para se sentir em casa, um lugar onde eles tinham uma voz e onde é possível viver num mundo sem restrições, sem consequências e sem limites. Estaria aí o apelo de *sites* como o *4chan* e o IRC.

Além disso, “eles oferecem uma falta de responsabilidade pelo que se diz, um modo de esconder fatos pouco atraentes sobre si e uma saída de emergência instantânea se as coisas se tornarem desagradáveis. Eles oferecem *anonimato*”⁷ (AUERBACH, 2012, p.1). O ambiente criado por esses *sites* funcionaria, assim, como uma válvula de escape tanto da realidade em si quanto da responsabilização pelos atos cometidos.

Dessa forma, possíveis consequências que poderiam ser atribuídas ao indivíduo são suprimidas ou evitadas através do anonimato. O que acontece, na verdade, é uma troca do estigma individual pelo estigma *coletivo* (AUERBACH, 2012, p.8), isto é, o indivíduo estaria protegido pelo grupo e suas ações não seriam contabilizadas individualmente, mas sim coletivamente. Além disso, os usuários se sentem parte de algo maior. Esse sentimento foi transplantado para *Anonymous*, porém de forma mais politizada. É essa a ideia principal do coletivo, muitos que formam um, em uma relação de metonímia. Os membros de *Anonymous* (ou os *Anons*) sentiriam como se estivessem fazendo parte de algo maior e mais poderoso do que eles mesmos.

Voltando ao efeito dos quatro aspectos, notamos que eles influenciaram uma prática muito comum da *A-culture* que será recuperada por *Anonymous*. A efemeridade dos materiais postados nos fóruns do *4chan* nos parece, como já apontamos, ter provocado a necessidade dos usuários de procurar maneiras de manter viva ao menos uma parte do que estava ali sendo produzido. Combinando, então, a vontade de preservação da memória – feita pela auto documentação – e o humor irônico, houve uma enorme produção dos chamados *memes*.

Memes são ideias que se espalham rapidamente e que são continuamente repetidas, imitadas e parodiadas, garantindo assim, a perpetuação de uma “memória” específica, seja uma piada, uma atitude ou um episódio. Geralmente, os *memes* criados no *4chan* são compostos por um desenho ou uma foto, sendo às vezes acompanhados de uma frase. O termo foi criado em

⁷ Tradução nossa do inglês: “They offer a lack of accountability for what one says, a way to hide unappealing facts about oneself, and an instant escape hatch if things get unpleasant. They offer *anonymity*.” (AUERBACH, 2012, p.1).

1976 por Richard Dawkins no seu bestseller *O Gene Egoísta* e seria como a unidade mínima da memória. Segundo o autor, *meme* é “uma unidade de transmissão cultural ou uma unidade de imitação”⁸ (DAWKINS, 2006, p.192).

1.1.2. *Anonymous* sob a ótica acadêmica

Jason L. Jarvis (2014) examina *Anonymous* através de uma teoria da comunicação sobre *memes* e redes (*networks*). Ele apresenta um modelo no qual o coletivo é entendido como uma rede e que tem um comportamento similar ao dos *memes*. Jarvis argumenta em seu artigo que *Anonymous* é constituído de tal forma a se comportar como um *meme*, tendo, portanto, o poder de se autopropagar. O autor diz ainda que *Anonymous* utiliza técnicas de *digital image politics*, uma maneira de fazer política no mundo digital de forma imagética e afirma que “*Anonymous* é o futuro da política imagética”⁹ (JARVIS, 2014, p.345).

Com base nessa afirmação e na análise de Jarvis, notamos, portanto, a importância de *Anonymous* no cenário mundial. O coletivo tem proporcionado a politização de jovens e apresenta valores que parecem vir na contramão daquilo que tem sido fomentado nas vias tradicionais: ao contrário do *Facebook*, *Twitter* e tantas outras redes sociais, o coletivo valoriza a privacidade e a não espetacularização do indivíduo.

Em um mundo de constante vigilância e crescente individualização, *Anonymous* propõe e proporciona um bem que parece estar cada vez mais raro, o anonimato. Estudar esse fenômeno recente e contemporâneo nos parece, assim, uma forma de contribuir para compreender um pouco melhor o que está acontecendo atualmente e tentar entender a dinâmica complexa que move o nosso mundo de hoje.

Ainda buscando pintar um retrato de *Anonymous* e para melhor compreender esse fenômeno cibernético, os trabalhos da antropóloga americana Gabriella Coleman se destacam pelo íntimo e contínuo conhecimento sobre o grupo. A obra da antropóloga a respeito de

⁸ Tradução nossa do inglês: “a unit of cultural transmission, or a unit of imitation”. (DAWKINS, 2006, p.192).

⁹ Tradução nossa do inglês: “Anonymous is the future of image politics”. (JARVIS, 2014, p.345).

Anonymous traz um olhar crítico, panorâmico e específico sobre vários aspectos do coletivo, desde sua história até seu funcionamento interno.

A pesquisadora se interessou academicamente pelo fenômeno já em 2008, quando tomou medidas para se tornar parte do coletivo, como conta em *What it's like to participate in Anonymous' actions* (2010) e *Am I Anonymous?* (2012a). Neles, ela relata sua experiência ao participar de fóruns realizados por *Anonymous*. A autora descreve como se dá a interação comunicativa e como funciona a tomada de decisões do grupo e disponibiliza fotos de alguns momentos em chats em que 31 *Anons* (nome que identifica um participante de *Anonymous*) escrevem e decidem sobre ataques, sendo que 16 deles estão escrevendo simultaneamente.

Esse acesso tão próximo a *Anonymous* gerou um conhecimento em primeira mão que transparece em suas publicações, como em *Our Weirdness is free* (em português, *Nossa estranheza é livre*) (2012b). Nele, Coleman tenta buscar a essência do que seja *Anonymous*, através de uma análise mais profunda do funcionamento do coletivo, abordando seus ataques mais famosos e impactantes de uma maneira diferenciada.

A autora propõe que o fio que tece o coletivo é uma mistura paradoxal de seriedade e irreverência, de ativismo e lúdico, de transparência e opacidade. Uma definição que Coleman dá de *Anonymous* é: “um agrupamento de ideias e ideais adotados por essas pessoas e centralizado no conceito de anonimato”¹⁰ (COLEMAN, 2012b, p. 83) e reforça a importância do anonimato em sua constituição em vários momentos do texto, se referindo a ele como “o princípio organizador do grupo”¹¹ (COLEMAN, 2012b, p. 84). A pesquisadora conclui que

“*Anonymous* é organizado não somente entorno de uma estrutura democrática radical (e às vezes caótica e anarquista), mas também entorno do próprio conceito de anonimato, aqui constituído como coletividade. A acumulação de poder demais – principalmente em um único ponto no espaço (virtual) – e prestígio não é apenas tabu, mas difícil de se realizar funcionalmente”¹² (COLEMAN, 2012b, p. 95).

Coleman nos apresenta um olhar sobre *Anonymous* de dentro para fora por poder contar com sua própria experiência no coletivo – como parte de sua pesquisa que começou em 2008 – , mas diz que “mesmo depois de estudar *Anonymous* por anos e de poder conhecer recentemente

¹⁰ Tradução nossa do inglês: “a cluster of ideas and ideals adopted by these people and centered around the concept of anonymity”. (COLEMAN, 2012b, p. 83)

¹¹ Tradução nossa do inglês: “the group's organizing principle”. (COLEMAN, 2012b, p. 84).

¹² Tradução nossa do inglês: “*Anonymous* is organized not only around a radical democratic (at times chaotic and anarchist) structure but also around the very concept of anonymity, here constituted as collectivity. The accumulation of too much power – especially in a single point in (virtual) space – and prestige is not only taboo but functionally very difficult”. (COLEMAN, 2012b, p. 95).

alguns de seus participantes mais ativos (mesmo que na maioria das vezes virtualmente), minha impressão do grupo é como a de figuras tênues esgueirando nas sombras”¹³ (COLEMAN, 2012b, p.93).

Em nosso trabalho, buscaremos ter sempre em mente o alerta da autora para o problema de se estudar esse fenômeno inédito: nunca podemos ter certeza do que é verdadeiro e do que é falso, se o que ela teve acesso seria livre de segundas intenções publicitárias ou políticas. Entendemos que *Anonymous* é como um quebra-cabeça que está apenas parcialmente montado e procuraremos abordar mais profundamente essa questão em nossa análise.

Um dos aspectos mais marcantes e que nos parece importante na composição dessa imagem fragmentada do coletivo diz respeito ao seu funcionamento e organização horizontal: sem líderes, sem institucionalização, sem nomes, sem faces – uma nova maneira de fazer frente às organizações mais influentes do mundo, incluindo o próprio governo dos Estados Unidos. A constituição de *Anonymous* é, portanto, bem desafiadora e transgressiva.

Em *Anonymous in Context: The Politics and Power Behind the Mask (Anonymous em contexto: a política e o poder por trás da máscara)* (2013), Coleman discorre sobre a lógica de *Anonymous* e busca descrever e explicar o funcionamento do coletivo. Ela diz que os hackers são, como era esperado, essenciais, mas “indivíduos sem habilidades técnicas podem participar escrevendo coletivamente comunicados à imprensa, dando entrevistas à mídia no IRC, projetando pôsteres de propaganda, editando vídeos e extraíndo informações que estão disponíveis publicamente, mas que são de difícil acesso”¹⁴ (COLEMAN, 2013, p. 12). Ela afirma que o ponto forte e o ponto fraco de *Anonymous* estão na sua imprevisibilidade e espontaneidade, que, em nossa opinião, vem da descentralização e horizontalidade da estrutura do coletivo.

Mas, o que há em sua constituição discursiva que o diferencia de outras comunidades engajadas, em outras palavras, o que é aquilo que faz *Anonymous* ser *Anonymous*? Acreditamos que a resposta passe pelo anonimato, que sustenta vários pilares de *Anonymous*: ele já se faz evidente no próprio nome do coletivo, mas está presente também na importância identitária da

¹³ Tradução nossa do inglês: “Even after studying Anonymous for years and recently getting to know some of the more active participants (if mostly only virtually), my impression of the group is one of faint figures lurking in the shadows”. (COLEMAN, 2012b, p. 93).

¹⁴ Tradução nossa do inglês: “Individuals without technical skills can participate by collectively writing press communiqués, giving media interviews on IRC, designing propaganda posters, editing videos and mining information that is publicly available but difficult to access”. (COLEMAN, 2013, p. 12).

máscara de Guy Fawkes – identificadora do grupo, mas não reveladora de quem o sustenta – e na atitude persistente de *Anonymous* em rechaçar qualquer pessoa ou grupo de pessoas que se identificam nominalmente como porta-voz do coletivo¹⁵.

Coleman reconhece o papel basilar desse anonimato ao se referir a ele como “o princípio organizador do grupo” (COLEMAN, 2012b, p.84) e ao afirmar que “[...] além de um compromisso fundamental com o anonimato e o livre fluxo de informação, *Anonymous* não tem nenhuma filosofia ou programa político consistentes”¹⁶ (COLEMAN 2012b, p.84).

Porém, é preciso entender o grau de anonimato que de fato existe no coletivo. Em uma palestra de título *We Are All Anonymous* (2012), Coleman explica que em *Anonymous* temos um pseudo-anonimato, já que os membros se conhecem, ao contrário do que acontece no *4chan*, onde o anonimato é total. Porém, a autora ressalta que o coletivo mantém uma identidade anônima muito forte: um indivíduo não pode nunca tomar para si crédito por algo feito em nome de *Anonymous*; é preciso haver uma espécie de sublimação da identidade do indivíduo.

Acreditamos que é a partir de um apagamento da identidade do indivíduo que *Anonymous* se faz possível, como tentaremos mostrar neste trabalho. A ideia *Anonymous* depende intrinsecamente da noção de anonimato e é uma de suas mais poderosas armas na guerra política, tornando-se ainda mais eficaz ao unir-se à ilusão e num jogo de espelhos, que protege e engana.

Enfim, após conhecer melhor aquele que seria o berço de *Anonymous* e a cultura cibernética à qual ele pertence, podemos reconhecê-los no coletivo que hoje, já maduro e formado, apresenta-se ao mundo. Aqueles usuários do *4chan* que aderiram a esse mundo e à cultura que ele faz parte (*A-culture*) uniram a brincadeira (*trollagem*) ao sério (politização) quando, em 2008, eles se uniram para formar uma ideia, que eles chamaram de *Anonymous*, para protestar contra a igreja da Cientologia e sua postura que desafiava, se não todos, quase todos os valores da *A-culture* tão prezados por seus usuários anônimos/*Anonymous*.

A partir daí, começou a crescer esse coletivo politizado e sem face, que participou de momentos críticos na história mundial, como o episódio dos *WikiLeaks*, a Primavera Árabe, o

¹⁵ Gostaríamos de ilustrar essa afirmação com o caso específico do site *What is the plan?*, que se dizia parte de *Anonymous*, mas não seguia suas ideias fundamentais. Foi publicado, então, no *Facebook* que *Anonymous* não apoiava o site, pois ele “alega ter líderes e representantes, isso não é *anonymous*” (ANONYMOUS REVOLUTION, 2011) (trad. nossa).

¹⁶ Tradução nossa do inglês: “Beyond a foundational sense commitment to anonymity and the free flow of information, *Anonymous* has no consistent philosophy or political program”. (COLEMAN 2012b, p.84).

movimento *Occupy Wall Street*, o recente caso de *Charlie Hebdo* e uma briga comprada contra o Estado Islâmico do Iraque e da Síria.

Nesses eventos, *Anonymous* demonstrou apoio de diversas formas, desde a produção e divulgação de vídeo até protestos *hackers* que buscavam ajudar de alguma forma. O coletivo considera o governo como uma instituição corrupta e falha, que atende aos interesses de uma minoria em detrimento do bem-estar de toda a população. Por isso, o governo é um dos maiores “inimigos” do coletivo, e o governo, por sua vez, contra-atacou.

Em 2011, o FBI conferiu à empresa de segurança em tecnologia HBGary a tarefa de identificar os participantes de *Anonymous*. Porém, os participantes conseguiram ter acesso a essa informação e *hackearam* o *site* da empresa, deixando uma declaração incisiva contra a própria HBGary e o governo.

Mas, o governo não é o único que teve que enfrentar a fúria do coletivo. *Anonymous* enfrenta e ataca pessoas e/ou instituições poderosas, o que se mostra algo delicado, pois é preciso ser páreo para tais oponentes. Foi o caso da frente contra a igreja da Cientologia, o primeiro projeto de *Anonymous*, o *Chanology*, que tomou para si a missão de desestabilizar essa nova igreja que havia surgido nos Estados Unidos na década de 1950.

1.2. A Cientologia e *Anonymous*: para além das risadas

Desde 2003, vários usuários do *4chan* passaram a integrar-se ao *site* e à cultura que ele representava. A identificação entre os participantes foi crescendo com o passar dos anos. Os usuários praticavam a *trollagem* já há algum tempo. Porém, em 2008, aconteceu uma divisão entre eles, na qual um grupo queria continuar a *trollar* pelo *lulz*, mas uma outra parte tomou um caminho mais politizado, envolvendo-se em questões mais sérias e usando a *trollagem* para outros fins, além das risadas.

Esse grupo de pessoas se identificava por certos valores, como liberdade de expressão e transparência. Quando, em 2008, um vídeo privado de uma nova igreja chamada Cientologia, no qual o ator Tom Cruise fala sobre os benefícios dessa religião, vazou na Internet e foi rapidamente retirado devido à ação efficientíssima de seus advogados, algo mudou para aquele grupo de usuários anônimos do *4chan*.

O caso provocou a indignação dos participantes pela afronta a sua tão valorizada liberdade na Internet e tomaram a ação da Cientologia como uma forma de censura dentro de seu território. Como eles mesmos dizem em seu vídeo *Message to Scientology*: “Pelo bem de seus seguidores, pelo bem da humanidade – e pelas risadas – nós vamos expeli-los da Internet e sistematicamente dismantlar a igreja da Cientologia na sua forma presente”¹⁷. (ANONYMOUS, *Message to Scientology*). O resultado foi o nascimento do coletivo *hacktivista* que hoje conhecemos como *Anonymous*.

Essa nova guinada politizada foi motivo de muita tensão entre os participantes do grupo, e a mistura da *trollagem* com o ativismo foi motivo de discussão entre os próprios membros anônimos. Houve uma divisão entre aqueles que queriam usar a ideia *Anonymous* com objetivos políticos e aqueles que apenas queriam se divertir praticando a *trollagem*. O *hacktivismo* prevaleceu, mas sempre com o espírito do *lulz*. A nosso ver, esse foi o passo que marcou o amadurecimento político de *Anonymous* e que o consolidou como uma força *hacktivista*.

Os usuários se organizaram em torno do projeto que chamaram de *Chanology*. Ele baseava-se na proposta de atacar e protestar ferozmente contra a igreja da Cientologia, que, aos olhos dos adeptos do projeto, era uma seita que se aproveitava de seus membros e arruinava-os. O *Chanology* foi o primeiro projeto *hacktivista* de *Anonymous* e foi um momento decisivo para o coletivo. Trata-se de uma mobilização internacional contra essa um tanto estranha religião que, além de ser financeiramente muito poderosa, ainda contava – e conta até hoje – com membros influentes.

A rápida ação de censura na Internet foi o que chamou a atenção de *Anonymous* para a Cientologia, e foi também o que levou o coletivo a pesquisar mais sobre a igreja e descobrir muitos outros aspectos dela que iam de encontro às suas ideias, como a extrema falta de transparência sobre o que se passa de fato nos encontros dos membros, bem como o ocultamento de vários dos materiais usados pela religião, os quais uma pessoa só teria acesso depois de se comprometer com a igreja, o que envolve troca monetária do fiel para a igreja. Para ter acesso ao material de estudo e a cursos oferecidos para aconselhar os membros, os membros têm que pagar uma taxa pré-estabelecida.

¹⁷ Tradução nossa do inglês: “For the good of your followers, for the good of mankind--for the laughs--we shall expel you from the Internet and systematically dismantle the Church of Scientology in its present form.” (ANONYMOUS, *Message to Scientology*).

A igreja afirma que ela pode oferecer o conhecimento necessário para que uma pessoa melhore sua vida pessoal e profissional. O foco, portanto, é na aquisição de ferramentas que melhorariam sua qualidade de vida, uma vez que, para seus membros, a Cientologia é conhecimento, sobre o mundo e sobre si mesmo. A igreja tem os direitos autorais de suas escrituras reservados e protege legalmente suas práticas.

Vemos, assim, que a Cientologia é uma organização que preza pelo segredo sobre si, e não temos, dessa forma, acesso a tudo que diz respeito a ela, o que, é preciso lembrar, é negado pelos representantes da igreja, mas é denunciado por ex-membros da Cientologia. Além disso, eles acusam a igreja de tortura, sendo que vários a processaram por esse motivo. Cabe aqui lembrar o caso de Lisa McPherson, que é citada por *Anonymous* nos vídeos que lançaram a campanha contra a Cientologia.

Lisa McPherson, cientóloga desde os 18 anos, envolveu-se em um acidente de carro no dia 18 de novembro de 1995. Inicialmente, ela parecia bem, mas depois de tirar sua roupa na rua, os paramédicos levaram-na ao hospital. Lá, os médicos a avaliaram e recomendaram uma consulta com um psiquiatra. Acompanhada por cientólogos, McPherson recusou, pois sua religião não permitia sessões com psiquiatras. A moça pede alta do hospital e é levada sob os cuidados da igreja. No dia 05 de dezembro, os cientólogos contatam um médico de seu grupo a respeito de McPherson por telefone e são forçados a levá-la até ele que estava a 45 minutos. Ao chegar ao médico, a moça de 36 anos havia falecido.

A médica legista do Estado realiza a autópsia em McPherson e declara a morte como “indeterminada”, mas afirma que sua condição foi se deteriorando aos poucos e ela morreu desidratada, tendo ficado entre 5 a 10 dias sem beber água, além de apresentar marcas que indicavam mordidas de baratas. Em fevereiro de 1997, a família de McPherson entra com um processo contra a Cientologia pela morte de Lisa. Porém, em 2000, a legista se retrata e muda a conclusão de sua autópsia, declarando que a morte como “acidental”. Em 2004, a igreja e a família entraram em um acordo cujos termos são confidenciais.

Este é um dos muitos casos que envolvem a Cientologia. A igreja é famosa por investigar profundamente qualquer indivíduo que a esteja inquirindo ou criticando, assim como processar seus críticos na justiça. A Cientologia é considerada como uma religião nos Estados Unidos, sua terra natal, além de em vários outros lugares. No entanto, há outros países, como a França e o Chile, que se negaram a fazê-lo por a considerarem, e uma seita. O incidente do

vídeo do ator americano Tom Cruise serviu como gatilho, e, diante de tais aspectos da nova religião, os usuários anônimos do *4chan*, indignados, partiram para a ação.¹⁸

O início da campanha de *Anonymous* contra a Cientologia – o chamado *Chanology* – ficou marcada pela publicação de três vídeos do coletivo no *site YouTube* em janeiro de 2008. O primeiro deles saiu no dia 21 e foi intitulado *Message to Scientology (Mensagem à Cientologia)*. Nele, *Anonymous* declaram guerra à igreja, afirmando assertivamente: “nós vamos expeli-lo da Internet e sistematicamente dismantlar a igreja da Cientologia na sua forma presente. Nós o reconhecemos como um forte oponente e estamos preparados para uma campanha bem longa”¹⁹ (ANONYMOUS, Message to Scientology).

Seis dias depois, saiu o segundo vídeo, *Call to action (Chamada para a ação)*, que convoca as pessoas a participar de um protesto que aconteceria simultaneamente no mundo na frente das igrejas de Cientologia de cada cidade no dia 10 de fevereiro de 2008. É lançado, então, *Code of conduct (Código de conduta)* – o terceiro vídeo – que apresenta 22 regras de conduta que são apresentadas como um guia para aqueles que iriam participar dos protestos. As regras prezam pelo pacifismo, seriedade e pelo anonimato, sendo sugerido que as pessoas cobrissem seus rostos com máscaras ou panos para evitar que a igreja da Cientologia os identificasse e os assediasses.

São esses os três vídeos que lançaram a primeira campanha de *Anonymous*, como o conhecemos hoje, aquele que saiu das teias da Internet para se espalhar pelas ruas do mundo todo. O resultado dessa rápida campanha foi um protesto que aconteceu simultaneamente em cerca de 100 cidades ao redor do mundo, contando com milhares de *anônimos* que carregavam cartazes e usavam máscaras – uma mais que as outras, a famosa máscara de Guy Fawkes. Nascia, assim, efetivamente, uma nova forma de ativismo, fundamentada por uma ideia que se chamou *Anonymous*.

A igreja da Cientologia reagiu aos ataques de *Anonymous* e afirmou em um comunicado para a imprensa que o grupo era composto por *cyberterroristas*. Como o coletivo não era um indivíduo e, além disso, protegia-se pelo anonimato, a igreja não pôde agir como era seu costume. Apesar de ter tentado entrar contra o coletivo na justiça, o processo não teve nenhum

¹⁸ Essas informações foram pesquisadas em COLEMAN (2012a) e nos documentários *We are Legion* (2012), *Scientology and me* (2007) e *La scientologie, vérité sur un mensonge immonde* (2010).

¹⁹ Tradução nossa do inglês: “we shall expel you from the Internet and systematically dismantle the Church of Scientology in its present form. We acknowledge you as a serious opponent, and we are prepared for a long, long campaign”. (ANONYMOUS, Message to Scientology).

efeito. Os protestos de *Anonymous*, no entanto, tiveram sucesso em sua propaganda contra a igreja, divulgando ao mundo as práticas da Cientologia e as duras críticas a ela. *Anonymous* alegaram durante os protestos de rua que a Cientologia, a qual é denominada de “seita” pelo coletivo, destrói vidas e separa famílias.

Depois de *Chanology*, *Anonymous* se engajou em vários outros projetos e operações e conquistou seu lugar internacionalmente participando de eventos que estamparam as capas dos jornais mais prestigiados do mundo. Porém, foi no *Chanology* que *Anonymous* se constituiu como o conhecemos hoje. Coleman (2012b) defende que a politização de *Anonymous* se deu a partir do *Chanology*. Nós acrescentaríamos que foi a partir dele que o coletivo ganhou os traços que o desenham hoje e que, se desejamos entender melhor o fenômeno *Anonymous*, temos que entender e analisar suas origens, e isso inclui o início de sua briga com a Cientologia.

Acreditamos, assim, que a análise do início de *Anonymous* revelará muito sobre o discurso construído pelo coletivo de forma geral, pois foi dentro desse cenário que envolve desde o *4chan* e a *A-culture* e todas as circunstâncias do *Chanology*.

1.3. A operação *Payback* e a operação *HBGary*

Após o grande sucesso do *Chanology*, *Anonymous* aproveitou o bom momento e continuou com outros projetos. Em 2009, o coletivo participou de operações menores, como o apoio a protestos contra resultados da eleição presidencial no Irã. *Anonymous* criou um *site* que permitiu a troca de informações entre iranianos e o resto do mundo, frustrando as tentativas do governo de censura.

Em 2010, o coletivo apoiou outra causa que lhe rendeu mais fama e visibilidade quando lançou a *Operação Vingar Assange* (*Operation Avenge Assange*), que fazia parte de uma operação maior, a *Operation Payback* (algo como *Operação Retaliação*). O coletivo demonstrou apoio ao infame Julian Assange, homem que vazou informações secretas do governo americano e criou um *site* para publicá-las, o *WikiLeaks*. O fato estampou a capa dos jornais mais importantes de mundo. Corporações como o *PayPal*, *MasterCard* e *Visa* pararam de intermediar as doações que financiavam o *site* de Assange. *Anonymous*, então entra em cena

e tira os *sites* de tais corporações do ar. O envolvimento do coletivo nessa empreitada lhe rendeu muita atenção da mídia, porém, nem sempre positivamente.

Várias reportagens foram feitas a respeito do temível grupo *cybercriminoso*. *Anonymous* se deu o apelido de *the final boss of the Internet*, o que em português seria algo como “o dono final da Internet”. Isso é devido à imagem que se formou de que o coletivo era quem decidia o que era aceitável no mundo *online* ou não. O apelido inspira ao grupo respeito e temor.

A fama, ou melhor, a infâmia de *Anonymous* foi crescendo à medida que seus ataques e *trollagens* foram aumentando. Muitos acusaram os membros do grupo de antipatriotas, terroristas e adolescentes inconsequentes, mas a cada protesto, *Anonymous* demonstrava cada vez mais ser um movimento político sério (com algumas doses de risadas).

Anonymous atacou *sites* do governo do Egito e da Tunísia, em 2011, devido à censura de documentos descobertos pelo *WikiLeaks* e pela opressão à revolução tunisiana. Durante a revolução egípcia, o coletivo também invadiu *sites* do governo e ajudou aqueles que estavam no país a acessar a Internet, pois esta havia sido censurada pelo governo.

Porém, o apoio ao *WikiLeaks*, considerado por muitos como um ato terrorista e como uma ameaça à segurança nacional do país, foi o que trouxe problemas para *Anonymous* nos Estados Unidos. A *Operation Payback* envolveu corporações de grande porte e grande influência, além de envolver o próprio governo federal americano. Com ela, *Anonymous* se tornou alvo de investigações por parte do FBI e alguns de seus membros foram indiciados e respondem processo na justiça americana.

No dia 4 de fevereiro de 2011, uma matéria é publicada no *Financial Times* (Menn, 2011). Nela, Aaron Barr, o diretor da HBGary Federal – uma empresa que oferece serviços de segurança e que trabalhava com o governo americano –, alega ter se infiltrado no coletivo e coletado informações sobre membros mais influentes de *Anonymous*, inclusive seus verdadeiros nomes. A notícia ganha muita atenção. Barr e sua empresa ganham prestígio pelo feito que vários buscaram sem sucesso. Porém, a glória de ambos duraria pouco, já que a notícia se mostraria falsa.

Barr havia dado um presente a *Anonymous*: uma oportunidade embrulhada com laço para os Anons praticarem a mistura que mais lhes apetece, *trollagem*, vingança e demonstração de poder/empoderamento. O que se sucedeu foi uma série de declarações e ações que não só

humilharam a empresa e seu diretor com fortes doses de ironia, mas uma reafirmação do poderoso e temível grupo *hacktivista Anonymous*.

Poucos dias após a publicação do artigo, o coletivo *hackeou* o *site* da empresa e deixou uma declaração petulante na página inicial, alertando a todos que não se mexe com a colmeia de *Anonymous* sem ser picado. Mas, não pararam por aí. *Anonymous* teve acesso ao e-mail e arquivos da empresa e divulgou informações privadas, além de desativar o sistema de telefones, sempre ironizando sobre o fato de uma empresa de *segurança* estar sendo vítima exatamente daquilo que prometer proteger.

No espírito de retaliação, *Anonymous* atacou Aaron Barr individualmente, pois ele foi a figura que pessoalmente “desafiara” o coletivo. A conta do *Twitter* de Barr foi acessada pelo grupo, onde divulgaram o suposto endereço de residência e o CPF de Barr.

O coletivo agiu como sempre, de forma cruel, vingativa, irônica e, principalmente, polêmica. A atitude de *Anonymous* pode ter sido recebida tanto positivamente quanto negativamente, mas, de qualquer jeito, o coletivo conseguiu a manutenção de sua fama (ou infâmia) e manteve viva a ideia *Anonymous*.

Apesar de muitos poderem achar o ataque indevido e agressivo demais, muitos (principalmente aqueles que já faziam parte do coletivo e aqueles simpatizantes) perceberam o ataque como uma vitória, uma afirmação da força de *Anonymous*. Afinal, o coletivo havia sido bem-sucedido em um ataque contra uma empresa, cujo diretor ameaçou publicamente a imagem do grupo, e que oferece serviços de *segurança* para o público geral e também para o inimigo número um de *Anonymous*, o todo-poderoso governo norte-americano.

Mesmo para aqueles que têm uma opinião negativa a respeito, o ataque a HBGary foi, sem dúvida, uma demonstração do poder de *Anonymous* e foi importante para contribuir para a credibilidade do coletivo, que ainda era visto por muitos como apenas um grupo de adolescentes inconseqüentes. Dessa forma, se antes ainda havia uma dúvida sobre a força e o perigo desse “grupo de adolescentes”, agora *Anonymous* tinha dado um grande passo em direção à uma imagem de seriedade, mesmo que entranhada de ludismo, contribuindo para sua eterna busca de credibilidade, afirmação de poder e de seu lugar no jogo político ativista.

1.4. Considerações gerais sobre o anonimato e seu lugar na contemporaneidade

A Internet pode parecer, para muitos, algo distante da realidade, algo fechado em si mesmo e desconectado dos eventos do mundo que vivemos. Contudo, a situação não é assim. O mundo cibernético apresenta raízes profundas no “mundo real” e opera, a nosso ver, como um reflexo dele. As pessoas que povoam o mundo *online* vivem também no “mundo real” e não são imunes às mudanças que nele ocorrem.

Vemos essa conexão na tentativa de regulamentação da Internet por parte do governo. Vemos, também, na grande preocupação despendida em fenômenos cibernéticos, como *Facebook*, *Twitter*, *blogs*, *YouTube*, entre tantos outros. Vemos, ainda, na crescente migração de instituições e procedimentos para a Internet, como o *Internet banking* ou mesmo a disponibilização dos principais meios de comunicação no formato *online*.

É inegável a importância da Internet em nossas vidas atualmente. Porém, não foi sempre assim. Houve uma época em que este era um mundo ainda por ser desbastado, quando seus usuários eram como bandeirantes abrindo caminhos desconhecidos. Essas pessoas criaram uma comunidade no mundo cibernético e, como vimos, desenvolveu-se entre alguns uma cultura com suas especificidades e valores próprios, nomeada por Auerbach de *A-culture*. Um desses valores é o anonimato.

Se desejarmos entendê-lo no discurso de *Anonymous*, é preciso conhecer as condições de produção e os imaginários sociodiscursivos entorno do anonimato e, para isso, temos que compreender seu lugar na *A-culture* e no mundo cibernético. Porém, é necessário ter em mente, também, os eventos que estavam acontecendo no país no qual o núcleo de *Anonymous* surgiu: os Estados Unidos.

Após o ataque à Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos mudaram e, pela grande influência que essa potência mundial detém, o mundo todo mudou também. O governo norte-americano implementou a controvertida *Patriot Act* (Lei Patriota), uma lei que mudou drasticamente os direitos à privacidade dos cidadãos, dando ao governo um imenso poder. Com a nova lei, o governo pode, entre outras coisas, apreender, investigar, e interrogar um indivíduo sem nenhum mandato judicial. Assim iniciou-se um estado de vigilância que assombra o mundo até os dias de hoje.

Os eventos que se sucederam, principalmente depois do 11 de setembro, trouxeram consequências para o mundo como um todo, refletindo-se, também, para o mundo virtual. As pessoas passaram a viver em um mundo que encontra, cada vez mais, diferentes maneiras de identificar cada um, contando com recursos diversos, e que tem vários meios de individualizar e responsabilizar cada cidadão.

Gostaríamos de retomar aqui o que nos fala Foucault sobre o Panoptismo, pois acreditamos que essa discussão diz respeito a esse estado de vigilância de que estamos falando e que a ideia do filósofo francês contribua muito para a análise de *Anonymous*.

Em sua obra *Vigiar e punir*, de 1975, Michel Foucault, a partir de uma noção da arquitetura, apresenta uma reflexão sobre os instrumentos de poder usados por aqueles que o detém. Foucault observa que o esquema de vigilância do século XVII se deu através da ameaça da peste. Em nome da proteção da população, um esquema rigoroso e sistemático de registros permanentes foi implementado. Segundo Foucault, foi esse modelo da cidade pestilenta que suscitou esquemas disciplinares que iriam se desenvolver ao longo dos próximos séculos, como aconteceu com o projeto arquitetônico do Panóptico.

O Panóptico foi concebido no final do século XVIII por Jeremy Bentham, um filósofo e jurista inglês. O projeto consiste em uma torre central que é rodeada de celas individuais. Tanto a torre quanto as celas têm janelas que permitem a passagem da luz, que desenha os vultos nas celas. Dessa forma, o vigia que está na torre consegue ver tudo e todos, mas os prisioneiros não conseguem ver nada nem ninguém dentro da torre. Isso permite um estado de vigilância completa, em que o prisioneiro é visto, mas não vê. Ele se sabe vigiado, mas não tem certeza se há realmente alguém na torre ou não.

Assim, o Panóptico cria um “olho que tudo vê”, deixando os prisioneiros em um eterno estado de vigilância, sempre se sentindo observados e, portanto, sempre disciplinados. Têm-se uma unilateralização do poder. Bentham, mais tarde, vê que esse mesmo projeto poderia ser utilizado em outras instituições disciplinadoras, como escolas, quartéis, fábricas e hospitais. Foucault utiliza a figura do Panóptico para analisar a organização da sociedade de sua época, que disciplina nações inteiras pela constante observação e pela ameaça da punição.

Foucault observa que o isolamento é um ponto importante do Panóptico. Ao isolar o indivíduo, perde-se o poder da massa, do coletivo, e o indivíduo fica muito mais fácil de controlar. Como coloca o próprio Foucault:

Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. [...] A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.

[...]

A multidão, massa compactada, lugar de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas. (FOUCAULT, [1975]1997, p. 166).

O homem, ser social, ao ficar isolado perde a força do grupo, mas tudo isso se agrava com a eterna visibilidade, a eterna dúvida que disciplina: estou sendo observado ou não? É daí que vem o poder disciplinador desse projeto arquitetônico, projeto esse, que, segundo Foucault, serviu como um modelo disciplinar para a sociedade de então. Por isso, “o esquema Panóptico é um intensificador para qualquer aparelho de poder” (FOUCAULT, [1975]1997, p. 170). E, ainda, “o Panoptismo é o princípio geral de uma nova “anatomia política” cujo objeto e fim não são a relação de soberania mas as relações de disciplina” (FOUCAULT, [1975]1997, p. 172).

Porém, é importante observar que não há uma única pessoa que tem todo o poder em suas mãos. O que temos é um sistema constituído por vários olhos, distribuídos numa aparelhagem que é maior que um único ser; é uma entidade. O esquema do Panóptico estabelece uma dicotomia entre a opacidade do poder e a transparência do indivíduo.

Em um mundo Panóptico, *Anonymous* – que se enquadraria como prisioneiro – vira o jogo e parece usar da mesma estratégia que o vigia da torre: o não ser visto é possível pelo anonimato, devolvendo a força, ou pelo menos equiparando a situação, pois não se conhece aquele que “tudo vê” da mesma forma que não há um ser *Anonymous*. Como diz seu lema, “somos legião”. O anonimato permite sair da luz que vigia para se proteger nas sombras. Daí podemos entender a paradoxal posição de *Anonymous*: exige transparência das instituições, mas garante sua própria opacidade.

Se no século XVII, tínhamos a cidade pestilenta e no século XIX, o Panóptico, hoje temos uma estrutura ainda mais avançada: câmeras, satélites e a própria Internet servem de instrumentos de um programa disciplinar, que individualiza para enfraquecer e que quer vigiar e punir. Porém, quer ainda mais, quer controlar. É o que discute Deleuze ao refletir sobre esta obra de Foucault. Temos hoje mais do que a *sociedade disciplinar* de Foucault, temos uma *sociedade de controle*.

A *sociedade disciplinar* teria dado espaço à *sociedade de controle* após a Segunda Guerra Mundial (DELEUZE, 1990), quando se estabeleceu uma nova ordem, que lançava mão dos recursos tecnológicos para exercer poder e estabelecer uma sociedade que controla o

cidadão. Nessa nova ordem, o cidadão é aprisionado pelo endividamento, é marcado por uma *cifra* (DELEUZE, 1990), não tem uma identidade, mas sim um *perfil* e um IP²⁰.

Se o Panóptico trouxe o fim das grades, das correntes e das fechaduras pesadas, a *sociedade de controle* de hoje, foi um passo além. Atualmente, não é necessário nem sequer a estrutura física de um Panóptico, pois a temos a céu aberto: pessoas expostas e interligadas em uma *rede* invisível que armazena dados perpetuamente. Já chegamos a um tal estágio de entrega à vigilância que oferecemos informações sobre nós mesmos de forma voluntária: quando aderimos a redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, aceitamos seus termos de compromisso que, em letras miúdas – metafórica ou literalmente – ganham nossa permissão legal para usar nossos dados para diversos fins.

Em *Anonymous*, o trato é bem diferente. Foucault observa que “para se exercer, esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível” (FOUCAULT, [1975]1997, p. 176). Ora, não seria justamente isso a grande força de *Anonymous*? Sua natureza descentralizada, dispersa e eterna? E, ao que parece, tal organização é semelhante ao próprio poder que o coletivo quer combater. Estratégias similares, pontos de vista diferentes? De qualquer forma, acreditamos que é palpável a importância do anonimato e seu papel fundamental e estratégico nesse jogo de poder.

A partir do pensamento foucaultiano sobre o Panóptico e sobre a *sociedade disciplinar*, que é atualizado por Deleuze com sua *sociedade de controle*, buscamos corroborar a ideia de que o anonimato é uma poderosa estratégia comunicativa, discursiva e argumentativa em um mundo de vigilância e controle constantes. O anonimato é uma forma de escapar disso. Os pensamentos dos dois filósofos franceses mostram o valor do anonimato na contemporaneidade, na situação comunicativa na qual *Anonymous* se insere. Como analistas do discurso, propomos que esse valor venha de seu poder enquanto *estratégia discursiva*.

Patrick Charaudeau (2005, p.7) fala em dois espaços que estão sempre presentes em uma troca discursiva: o espaço das restrições – onde estão presentes os *contratos* dos quais o sujeito não tem controle – e o espaço das estratégias – onde o sujeito comunicante encontra uma área de manobra para criar formas de lidar com as restrições. O sujeito seria, portanto, ao

²⁰ A sigla refere-se a *Internet Protocol*, um número de cada computador que funciona mais ou menos como uma espécie de DNA tecnológico.

mesmo tempo submisso e livre, já que se encontra restringido pelo contrato, mas encontra espaço para escolher suas estratégias. Como afirma Machado,

o curioso nisso tudo é que ainda que sejamos portadores de um determinado inconsciente coletivo de crenças e valores por nós assumido e escolhido ao longo de nossas vidas, escolhemos também nossa maneira de comunicar, segundo nossa subjetividade, nosso modo de olhar e entender o mundo das palavras. Em outras palavras, somos únicos e não somos únicos (2011, p.49).

Essa ambivalência do sujeito parece se casar com o ambíguo e fugidio *Anonymous*. Como, então, *Anonymous* usa o anonimato como estratégia para se expressar, para manobrar dentro de um terreno cheio de regras? Podemos nos perguntar, até mesmo, como o coletivo utiliza o anonimato para transgredir as regras que ele não parece querer seguir.

Queremos nos valer dos conceitos de Panóptico, *sociedade disciplinar* e *sociedade de controle* para mostrar que o anonimato pode constituir uma *estratégia* dentro de um *contrato* (nos termos charadeaudianos) Panóptico. Propomos que o anonimato pode ser uma forma de escapar do “olho que tudo vê”, pois o rosto anônimo opera nas sombras, longe da luz que vigia e pode, assim, somar forças com outros indivíduos, saindo do isolamento aprisionador para criar um soma de forças libertadora. Ora, isto não é justamente aquilo que está no âmbito das *estratégias*?

Além de esconder do olho que pune e controla, o anonimato confere a *Anonymous* uma estrutura semelhante ao poder ao qual ele se opõe, seja o governo, a Cientologia ou quaisquer outras instituições panópticas. Ao se tornar anônimo, *Anonymous* sai da armadilha luminosa das celas e se posicionaria na torre do vigia, escondido, sem rosto, opaco, descentralizado. Assim, podemos observar que o anonimato fornece ao lado oprimido uma saída, uma espécie de “capa de invisibilidade” do “olho que tudo vê”, conferindo, assim, poder àquele que o usa, pois permite ficar à sombra.

A coletividade e a opacidade enunciativa em *Anonymous* são consequências benéficas do uso do anonimato. O anonimato garantiria que o indivíduo seja menos importante que o coletivo, que a ideia prevaleça sobre interesses pessoais, garantindo a imortalidade da máscara anônima.

Em um mundo em que estar à plena luz, completamente identificável e isolado significa estar no lado mais leve da balança do poder, em um mundo em que cada ato é visto e cada indivíduo pode ser identificado para ser, assim, punido e controlado, a máscara do anonimato

protege e é usada para escapar do “olho que tudo vê”. Ela é, portanto, uma estratégia usada dentro de uma sociedade em que o *contrato* já foi pré-estabelecido e é imposto ao sujeito. Nesse contexto, *Anonymous* se vale dessa estratégia.

Anonymous, como filho da *web*, nascido em um mundo controlado por um poder opaco, difuso, sem face, sem nome, sem corpo, parece ter herdado tais características. Porém, o coletivo se posiciona do outro lado do cabo de guerra, valendo-se mais ou menos das mesmas estratégias, conscientemente ou não. Entre elas, constituindo um dos pilares que sustentam essa entidade, encontramos o anonimato.

Um exemplo do estado de vigilância e controle em que nos encontramos são os projetos de lei *Stop Online Piracy Act*, de 2011, abreviado como SOPA, e *Preventing Real Online Threats to Economic Creativity and Theft of Intellectual Property Act*, cuja abreviação é PIPA. Ambos os projetos propunham uma regulamentação da Internet com foco no combate à pirataria, que seria um crime, pois infringiria direitos autorais. *Anonymous* prontamente participou e promoveu vários protestos contra o SOPA e o PIPA, indignados com o que eles percebiam como uma censura em sua “terra natal”, a Internet. O resultado da campanha foi positivo, já que os dois projetos de lei foram adiados e não se tornaram lei até hoje.

Os segredos mantidos em nome da segurança pública também causaram resistências e protestos. Além das informações que o governo americano mantinha secretas já terem sido reveladas pelo *WikiLeaks* em 2010, lembremos aqui do vazamento de documentos por Edward Snowden, em 2013. Os documentos demonstram a intensa vigilância internacional que a agência de segurança nacional americana – *National Security Agency* (NSA) vem conduzindo há anos. Essas descobertas vieram para provar a existência da vigilância que é mantida não só sobre os cidadãos dos Estados Unidos, mas também sobre os de muitas outras nações, inclusive o Brasil. Tudo isso diz respeito a todas as nações, é uma questão internacional e extrapola o contexto norte-americano por envolver cidadãos de outros países.

A postura adotada pelos Estados Unidos, principalmente desde 2001, vem nos afetando de formas variadas. Acreditamos que, atualmente, temos vivido uma crescente invasão de nossa privacidade de várias frentes. O governo americano tem implementado políticas e leis, como a *Patriot Act*, o *Stop Online Piracy Act* (SOPA), outras tentativas de regulamentação da Internet e o trabalho realizado no NSA. Além disso, a privacidade é invadida no nosso dia-a-dia, às vezes com nosso consentimento, seja no *Facebook*, *Instagram* e outras redes sociais, outras

vezes pelas lentes dos celulares que nos filmam sem que saibamos. O anonimato está a cada dia se tornando algo como um mito para o cidadão do século XIX.

Nesse cenário de invasão, que veio também, ironicamente, com o desenvolvimento da Internet e de recursos tecnológicos, entra o cibernético *Anonymous* e seus ideais de liberdade, transparência e anonimato. Parece-nos que o coletivo se posiciona na outra extremidade do que descrevemos no parágrafo anterior, pois a ideia nada contra a vigilante corrente capitalista e oferece algo que parece ter se tornado um luxo valioso.

A esse respeito, Coleman afirma que:

como indicado pelo seu nome, *Anonymous* dramatiza a importância do anonimato e privacidade em uma era em que ambos estão rapidamente erodindo para seus cidadãos e em que os segredos do governo e sua sistemática vigilância estão em alta, especialmente nos Estados Unidos²¹ (COLEMAN, 2013, p.4).

Em vista dessa situação de comunicação, começamos a tatear devagar o poder do anonimato para o discurso de *Anonymous*. O coletivo reage em face de todas essas questões políticas, sociais e culturais, oferecendo um espaço para aqueles que querem, como eles, rebelar-se e nadar/lutar contra a correnteza. Em um mundo panóptico e no contexto de uma *sociedade de controle*, *Anonymous* desafia o “olho que tudo vê” e parece querer tomar seu lugar, mudando os pesos da balança do poder. Considerar todas as circunstâncias da situação de comunicação é de suma importância para nossa análise.

Devemos nos lembrar, também, que *Anonymous* surgiu dentro do *4chan* e que muito do que atualmente constitui o coletivo veio de lá. O anonimato faz parte dessa herança. Como vimos, no *site* do *4chan*, o espaço anônimo propiciava um ambiente sem restrições e sem punições, que permitia um exercício daquilo que *Anonymous* tem como valores fundamentais, liberdade e anonimato.

Em nossa opinião, o *4chan* é um espaço cibernético carnavalizado, nos termos de Bakhtin (1987), na medida em que é marcado pela transgressão. A própria *A-culture* seria uma cultura do carnaval. No *site* e na cultura, estão presentes a ruptura com as convenções e a ausência de limites e restrições. Ambos oferecem, através do anonimato, uma atmosfera de

²¹ Tradução nossa do inglês: “As indicated by its name, *Anonymous* dramatizes the importance of anonymity and privacy in an era when both are rapidly eroding for citizens, and when government secrecy and systematic surveillance are on the rise, especially in the United States”. (COLEMAN, 2013, p.4).

irresponsabilização, permitindo que as pessoas façam e falem coisas que normalmente não ousariam.

O *site* proporcionava, e continua proporcionando, um momento em que o sujeito pode se liberar de todos os olhares e realizar atos repreensíveis sem sofrer nenhuma consequência. O anonimato, a tela e a comunicação escrita funcionam como a máscara do carnaval. O *4chan*, assim como o carnaval, são o espaço da transgressão, do cruzamento de limites e onde as restrições se desfazem no ar.

É, portanto, nesse sentido que propomos a aproximação entre o *4chan* e o carnaval bakhtiniano. É importante destacar, no entanto, que é apenas uma aproximação, pois há uma identificação em muitos aspectos, mas não afirmaremos que isso ocorre em todos, naturalmente.

O conceito de Bakhtin (1987) sobre a linguagem carnalizada está em seu livro traduzido para o português sob o título de *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. A esse respeito, Machado afirma que

[...] o autor explica que não é o carnaval em si que se constitui como fato literário: são as misturas de registros discursivos, o não-respeito por certas regras estabelecidas, a insolência em dizer baixinho, ou em alto e bom tom, verdades que seria preferível escrever. Sabe-se que para que a frágil harmonia social seja conservada é melhor que certas coisas não sejam ditas, que certos fatos sejam dissimulados. A literatura carnalizada, aquela que permite a inclusão da ironia e da paródia em seu âmago, irá inevitavelmente romper esse equilíbrio, essa harmonia ou fazê-lo ao menos estremecer um pouco. (2014, p. 112).

Ao escrever sobre a obra de Bakhtin, Machado levanta certas características do discurso carnalizado: o não-respeito por certas regras estabelecidas, o dizer as verdades inconvenientes que afetam o equilíbrio social mantido por dissimulações, a ironia e a paródia. Como vimos quando descrevemos o *site*, podemos encontrar essas características no *4chan*.

Vindo desse ambiente carnalizado, ficou em *Anonymous* uma marca profunda de transgressividade²² que se mostra nos valores e operações promovidas pelo coletivo *cybercriminoso*. Em *Anonymous* e no *4chan*, observamos, por exemplo, uma ruptura com a sociedade vigiada e controlada, pois ambos estão cobertos pelo manto do anonimato, indo de encontro à cultura do “mostrar-se” que parecemos viver atualmente.

²² Abordamos de forma mais desenvolvida a presença da transgressão em *Anonymous* em nossa monografia, na qual concluímos que *Anonymous* é de fato transgressivo e que essa característica é constitutiva do coletivo.

Na festa do carnaval, o anonimato está também presente e vem na forma de máscara que cobre o rosto. É curioso notar que *Anonymous*, por coincidência (ou não), adota a máscara de Guy Fawkes como um dos ícones identificadores do grupo. Por detrás dessa máscara, estão cobertos milhares de rostos que desfrutam do luxo do anonimato.

Os traços carnavalescos do coletivo não param por aí. Uma outra característica muito forte em *Anonymous* é o espírito lúdico que se manifesta nas *trollagens* e nas risadas (*the lulz*), como vimos. Bakhtin (1987, p.7) diz que “em resumo, durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. [...] O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso”. Temos algo muito semelhante ao mundo cibernético, que oferece uma realidade alternativa àquela do “mundo real”, sendo que cobre o internauta com a máscara do anonimato e da comunicação escrita.

Mas, há mais as semelhanças entre o carnaval de Bakhtin e o espaço cibernético relativo a *Anonymous*. Detectamos claramente em *Anonymous* (e na sua linha de filiação, o *4chan* e na *A-culture*) essa tendência de transformar a vida a partir do ludismo. Ele está entranhado desde suas origens, como vimos com Auerbach (2012). Ele está estampado no mote irônico, nas palavras sarcásticas, no logotipo paródico e na cultura da *trollagem*.

Se considerarmos o *4chan*, veremos que ele proporcionava, e continua proporcionando, um momento em que o sujeito pode se liberar de todos os olhares e realizar atos repreensíveis sem sofrer nenhuma consequência. O anonimato, a tela e a comunicação escrita funcionam como a máscara do carnaval. O *4chan*, assim como o carnaval, são o espaço da transgressão, do cruzamento de limites e onde as restrições se desfazem no ar.

Vindo desse ambiente carnavalizado, ficou em *Anonymous* uma marca profunda de transgressividade²³ que se mostra nos valores e operações promovidas pelo coletivo. O riso irônico, o *cybercrime*, as *trollagens* e o uso da paródia refletem os efeitos da carnavalização em *Anonymous*. Adotando essa perspectiva bakhtiniana, buscamos aprofundar nossa compreensão sobre a relação entre aquilo que sustenta *Anonymous*: o anonimato, a transgressão e a ironia. Podemos perceber, assim, que estes elementos estão intrincados e conectados coerentemente.

Ainda buscando maior compreensão e contextualização antes de nossa análise, gostaríamos de retomar aqui o que Auerbach (2012) afirma acerca do anonimato e da

²³ Abordamos de forma mais desenvolvida a presença da transgressão em *Anonymous* em nossa monografia, na qual concluímos que *Anonymous* é de fato transgressivo e que essa característica é constitutiva do coletivo.

comunicação escrita quando diz que eles são responsáveis por quatro aspectos que surgiram com *A-culture*: velocidade, elitismo, ironia e auto documentação. Chama nossa atenção a relação entre o anonimato e a comunicação escrita.

Considerar o canal de comunicação usado no *4chan* e em *Anonymous* é muito importante dentro de uma análise semiolinguística do discurso, como nos propomos a fazer. Poder se exprimir através de um meio que permite que o comunicante esconda não só sua face, mas também sua voz, seus gestos e todos os outros aspectos da forma física. O que resta, no caso do *4chan*, são apenas as palavras escritas na tela.

Vemos que essa característica influenciou *Anonymous*, pois, mesmo produzindo vídeos, o coletivo ainda manteve esses aspectos corporais afastados, na medida do possível, através da voz computadorizada e pelo uso das vestimentas que escondem todo o corpo, sendo que até os movimentos não são naturais.

O anonimato, então, está entranhado desde o berço de *Anonymous* e é refletido em vários outros aspectos que compõem o discurso do coletivo, como a ironia. Propomos, enfim, que o próprio ambiente da Internet e sua cultura influenciaram *Anonymous* no uso do anonimato como estratégia. Portanto, acreditamos que refletir sobre o lugar do anonimato no mundo cibernético será importante para nossa análise dele no discurso do coletivo.

Consideraremos, enfim que a Internet tem se mostrado uma ferramenta importante para dar voz àqueles cidadãos sem influência política e sem representantes públicos. Nesse mundo anônimo, todos têm a mesma face e todos têm o mesmo nome. Parece-nos que no mundo cibernético, as hierarquias se desfazem pelo menos um pouco, abrindo espaços de expressão que dificilmente existiriam no nosso “mundo de carne e osso”. O anonimato, como vemos, é um dos pilares que governam o mundo virtual e que permite certas ações e certos discursos que achariam solo árido na estrutura político-cultural do “mundo real”.²⁴

Anonymous – entidade nascida nesse mundo cibernético –, intuitivamente ou não, inconscientemente ou não (ou, quem sabe, misturando tudo isso), constrói sua identidade e seu discurso fundamentados, entre outras coisas, no anonimato. Nada mais natural, não é mesmo?

²⁴ Apesar de ainda haver muito espaço para o anonimato na Internet, ele vem diminuindo paulatinamente com o passar dos anos. Medidas jurídicas vêm sendo tomadas para regulamentar, controlar, vigiar e punir os internautas.

CAPÍTULO 2: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nosso trabalho de análise tem como referencial teórico a Teoria Semiolingüística de Charaudeau. A teoria vem sendo desenvolvida pelo autor desde sua tese de doutorado de 1977 até os dias de hoje e tem recebido releituras do autor e contribuições de vários pesquisadores franceses e brasileiros que a têm utilizado. A teoria passou a ser estudada, aplicada e expandida pelos pesquisadores do NAD (*Núcleo de Análise do Discurso*) na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, dentre os quais destacaremos Ida Lucia Machado, fundadora desse Núcleo e Wander Emediato de Souza que atualmente o coordena.

Eis como Charaudeau – cuja teoria figura como aquela com o qual se fundou o NAD – explica seu processo de análise:

A maneira pela qual abordamos o discurso insere-o numa problemática geral que procura relacionar os fatos de linguagem a alguns outros fenômenos psicológicos e sociais: a ação e a influência. Nessa perspectiva o que se pretende é tratar do fenômeno da construção psico-socio-lingueira do sentido, a qual se realiza através da intervenção de um sujeito, sendo, ele próprio, psico-socio-lingueiro. (CHARAUDEAU, 2005, p. 1).

Vemos, assim, que Charaudeau propõe uma observação do fenômeno lingüístico tendo em vista questões relativas ao discurso, isto é, considera a parte social da linguagem e seus possíveis efeitos de sentido que, por sua vez, irão produzir interpretações possíveis a partir de elementos psicológicos, sociais, históricos e culturais.

Procuraremos, em nossa análise, levar em consideração tais aspectos. Para tanto, encontramos na Semiolingüística uma base teórica apropriada e que oferece instrumentos de análise que permitem apreciar várias facetas do ato de linguagem.

Realizaremos, dessa forma, nossa pesquisa com base em um entendimento de análise de discurso como algo que

[...] incide sobre um *corpus* de textos reunidos em torno de um tipo de situação (contrato) que os sobredetermina, para que sejam estudadas suas constantes (visando definir um gênero), e suas variantes (visando definir uma tipologia de *estratégias* possíveis). (CHARAUDEAU, 2005, p.6).

No presente estudo, estamos mais interessados nas variantes (estratégias) que nas constantes. Porém, como a última interfere na primeira, acabaremos por abordá-la brevemente também, no que diz respeito à relação desta com aquela.

2.1. A abordagem da Teoria Semiollingística de Charaudeau

Patrick Charaudeau traz em sua teoria uma visão ampla do acontecimento da comunicação. O autor busca em várias áreas do conhecimento conceitos e reflexões para construir sua teoria, pois entende que um linguista do discurso “[...] não pode ignorar que a linguagem não faz sentido, a não ser na medida em que este é considerado em um certo contexto psicológico e social”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 15).

É preciso, portanto, num trabalho de análise de discurso, não perder de vista os aspectos que influenciam direta ou indiretamente na troca comunicativa. Deve-se apreciar os elementos envolvidos além do estritamente lingüístico. Como diz Machado:

Para criar sua teoria, Patrick Charaudeau saiu do *Héxagone*, ou seja, da França e se internacionalizou, de certa forma. Partindo de sua sólida formação como linguista, ele alçou novos vôos para novos horizontes além dos que lhe foram dados pela lingüística “pura” e “dura”, mas também pela lingüística *light* e mais “humana” de **Benveniste** e **Bakhtin** e pela **Semiótica Greimasiana**; o teórico voltou-se, ainda, para aquisições vindas de modernas teorias comunicativas anglo-americanas, tais como a **Etnologia**, a **Antropologia** e, mais especificamente, na Inglaterra, para as belas teorias de **Grice** e **Austin** e pela **Pragmática**. (MACHADO, 2006, p.14/15) (grifos nossos).

O resultado dessa postura, a qual o próprio Charaudeau chamou de *antropofágica*, é uma teoria que tenta propor um estudo do fenômeno da comunicação como um todo, pensando-o como algo complexo. A teoria busca incluir os vários fatores, além do estritamente lingüístico, que estão em jogo na *encenação* comunicativa. Considera também os aspectos psicossociais e extralingüísticos que estão em jogo na troca comunicativa: “Assim, de modo geral, o discurso visto por essa teoria é um ‘jogo comunicativo’, jogo de representações sócio-lingüísticas que, forçosamente, é estabelecido entre uma sociedade e seus membros” (MACHADO, 2006, p. 18).

Como coloca Charaudeau ao apresentar sua teoria:

[...] uma tal abordagem do discurso tem múltiplas filiações: pragmática, psicossociológica, retórico-enunciativa, e mesmo socio-ideológica. E é necessariamente, pluridisciplinar”. (CHARAUDEAU, 2005, p. 8).

A Semiolinguística permite, dessa forma, que diferentes aspectos da comunicação sejam levados em conta na análise. Temos, assim, uma teoria que parece unir questões-chave de diferentes áreas do conhecimento de forma a contribuir para o enriquecimento, aprofundamento e maior compreensão do que acontece em uma troca comunicativa para além do estritamente linguístico.

No entanto, é preciso frisar que essa interdisciplinaridade é proposta sem que a teoria fuja da grande área da linguística, já que a Análise do Discurso se situa dentro dos estudos linguísticos. Isso fica claro quando Charaudeau (1993), após discutir sobre as teorias de Goffman e Austin, dentre outras, deixa clara sua filiação linguística ao dizer que:

[...] nosso ponto de vista é forçosamente linguageiro e que é o *sujeito falante* (e não a sociedade) que está para nós no coração da *mise en scène* da linguagem. Nós veremos, então, que o conceito de *direito à fala* que nós proporemos como fundador da comunicação não é idêntico àquele de proteção da face. (CHARAUDEAU, 1993, p. 45).²⁵

Observamos que, apesar de a sociedade ser também considerada, o sujeito falante (desta sociedade) é quem ganha destaque na Semiolinguística, o que evidencia uma abordagem mais linguística que sociológica ou antropológica. Charaudeau busca colocar a linguagem como objeto de uma análise psicossocio-lingueira.

O conceito de *direito à fala* – colocado por Charaudeau como fundador da comunicação e, portanto, um conceito central de sua teoria – permite uma ligação entre sujeito, linguagem e sociedade. O que confere ao sujeito esse direito de falar, de tomar a palavra e ser ouvido é um misto de reconhecimento social, que leva em conta sua posição legitimada, seu conhecimento cultural partilhado com seus interlocutores e sua competência para falar sobre o determinado assunto.

Notamos que, com esse conceito fundamentador, a Semiolinguística permite uma análise a partir do sujeito, mas que leva em consideração a todo tempo a relação desse sujeito com outros fatores externos a ele. Tal posição é refletida no famoso quadro dos sujeitos da

²⁵ Tradução nossa do francês: “[...] notre point de vue est farouchement langagier et que c’est le sujet parlant (et non la société) qui est pour nous au cœur de la mise en scène du langage. Nous verrons donc que le concept de droit à la parole que nous proposons comme fondateur de la communication n’est pas en tout points identique à celui de protection de la face” (CHARAUDEAU, 1993, p. 45).

linguagem de Charaudeau (2008, p. 52) que representa a troca comunicativa e os sujeitos que nela estão envolvidos. Vejamos:

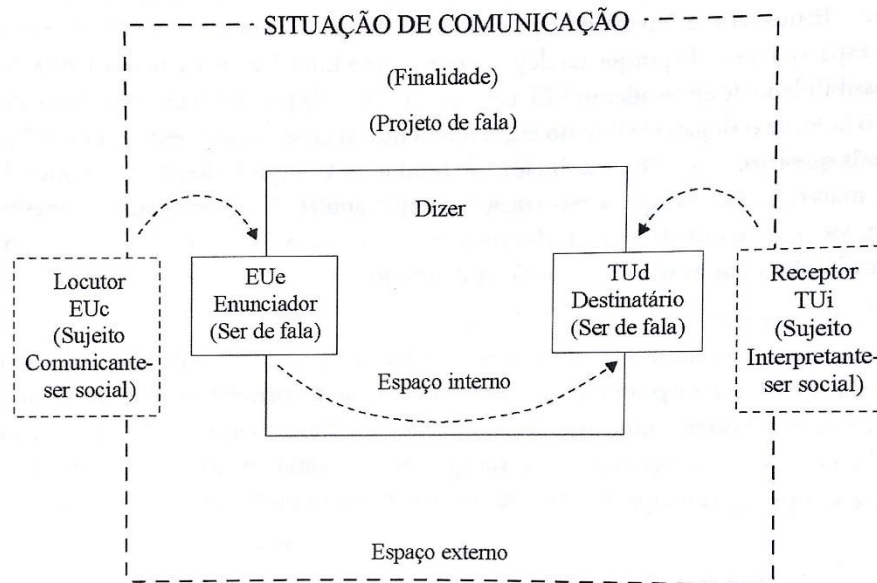


Figura 4

Há, assim, quatro sujeitos envolvidos. Os *parceiros*: *sujeito-comunicante* (EUC) e *sujeito interpretante* (TUI). Os *protagonistas*: *sujeito-enunciador* (EUE) e *sujeito-destinatário* (TUD)²⁶. Essa “divisão” abstrata e teórica dos sujeitos cria dois níveis diferentes na troca comunicativa: o espaço interno, espaço do *dizer*, da encenação comunicativa, dos *papéis linguageiros*, também chamado de *comunicacional*; e o espaço externo, espaço do *fazer comunicacional*, em que os sujeitos assumem suas *identidades psicossociais*, também chamado de *situacional*.

A identidade do sujeito será uma soma dos seus desdobramentos dos circuitos interno e externo, já que os sujeitos se definem “[...] em uma inter-relação entre, de um lado uma identidade psicossociológica e, de outro um papel linguageiro que nós chamaremos de *comunicacional*”²⁷ (CHARAUDEAU, 1993, p. 51).

Porém, há um terceiro nível ainda mais externo, que contém ambos os níveis comunicacional e situacional: é o chamado *discursivo* (CHARAUDEAU, 1993). Ele será abordado por nós no próximo segmento.

²⁶ Para uma explicação mais detalhada dos sujeitos da linguagem, ver Charaudeau (2008).

²⁷ Tradução nossa do francês: “[...] dans une interrelation entre, d’un côté l’identité psycho-sociologique, et de l’autre un rôle langagier que nous avons appelé *communicationnel*” (CHARAUDEAU, 1993, p. 51).).

Todo esse aparato comunicativo está, por sua vez, inserido dentro de um *dispositivo sociocomunicativo de encenação*. Nele operam dois tipos de *restrições (contraintes*, em francês) que são impostas aos sujeitos: as restrições sociocomunicativas – que se referem ao *postulado de intencionalidade* – e as restrições do mercado social da linguagem. Como nos explica Charaudeau (1995, p.4),

[...] existe, portanto, um mercado social de rituais languageiros que corresponde aos hábitos culturais de uma comunidade sociolinguística dada. [...] Mas, existe também um *mercado de palavras*. Estas, por serem empregadas em certos tipos de situação, acabam por se identificar a essas situações e aos indivíduos que as utilizam nessas mesmas situações.²⁸

O que temos, portanto, é que os sujeitos, tanto aqueles do circuito interno quanto os do circuito externo, não interagem livremente entre si, pois estão submetidos a restrições sociolinguageiras. Existe um *contrato* preexistente à interação que deve ser observado, sob pena de se perder o *direito à fala* ou de ter seu abalado e mesmo mal interpretado pelo *outro*, o interlocutor.

Enfim, é preciso partilhar dos saberes culturais e ter noção do valor social da palavra naquele contexto específico; deve-se, também, haver um mútuo reconhecimento entre os sujeitos; e, finalmente, entender que a troca comunicativa é um jogo de apostas (*enjeu*), no qual um enunciado é lançado com certa expectativa, mas pode tomar outros caminhos que estão fora do que o sujeito comunicante previu ou sequer tem controle.

2.2. O sujeito da Semiologia

Consideramos muito importante tratar da questão do sujeito por ser central na análise que desejamos conduzir. Temos em nosso *corpus* um sujeito diferenciado, por ser um *sujeito anônimo*, com particularidades especiais, em uma situação bem contemporânea, fazendo uso

²⁸ Tradução nossa do francês: “[...] il existe donc un marché social de rituels langagiers qui correspond aux habitudes culturelles d’une communauté sociolinguistique donnée. [...] Mais il existe également un marché de mots. Ceux-ci, à force d’être employés dans certains types de situation, finissent par s’identifier à ces situations et aux individus qui les utilisent dans ce mêmes situations”. (CHARAUDEAU, 1995, p. 4).

da grande invenção do século XXI, a Internet. Como desejamos analisar as estratégias elaboradas por esse sujeito, acreditamos ser pertinente uma reflexão teórica sobre seu criador.

Inicialmente, é interessante observar que a questão do sujeito tem sido objeto de estudo e de teorização de muitos estudiosos ao longo dos tempos. A abordagem que se faz desse tópico influencia vários outros aspectos de uma análise, uma vez que uma troca comunicativa não existiria sem sujeitos. Charaudeau, enquanto teórico do discurso, não poderia escapar dessa complexa tarefa. Machado, estudiosa de sua teoria, apresenta-nos uma visão geral dessa questão:

Nossas leituras sobre a TS [Teoria Semiociológica], no dia de hoje, nos levam a crer que Patrick Charaudeau elaborou, de modo consciente ou não, uma junção de conceitos vindos de Benveniste com outros vindos de Bakhtin, chegando então a conceber um dos pontos inovadores da citada teoria: a volta do “sujeito”, conceito que havia sido completamente “pulverizado” por Barthes, nos anos 60 e depois, de certa forma, por Pêcheux e seus seguidores. Estamos nos referindo aqui, é claro, não ao “sujeito-assujeitado” de quem fala Foucault, mas ao sujeito histórico, com suas idiossincrasias e crenças e também com seu estilo. (MACHADO, 2006, p.14).

Assim, a questão do sujeito é tratada por Charaudeau de forma contrabalanceada, trazendo equilíbrio na relação do sujeito com o mundo. O sujeito não seria nem completamente dependente, nem completamente dono de si. Como bem explica Machado:

[...] Há um sujeito que cria seu texto “passeando” pelo universo discursivo de suas convicções e de seu *ethos*. Mas estas convicções e este *ethos* encontram um eco em um sujeito coletivo e social cujos gestos e palavras são determinados por uma ideologia que os comanda, de certo modo. **Nem completamente livre, nem completamente submisso, eis como vemos o sujeito do discurso** (Machado, 1991, p. 68 *apud* MACHADO, 2011, p.50) (grifo nosso).

O sujeito é, então, individual e social, livre e submisso ao mesmo tempo. Entendemos a questão do sujeito assim como a apresenta Machado e será esta a posição que adotaremos enquanto analistas do discurso de *Anonymous*. Machado, em suas reflexões sobre o sujeito, apresenta sua posição partindo do quadro teórico da Semiociologia, mas também levando em conta a teoria fundadora da análise do discurso na França, a de Pêcheux, onde as formações discursivas levavam forçosamente a um sujeito coletivo, constituído pelo ideológico. O posicionamento tão claramente resumido na frase destacada por nós na citação acima encontra eco em vários pontos da teoria de Charaudeau. Descreveremos a seguir um deles.

Como visto, para que um sujeito comunicante possa se engajar em uma atividade comunicativa com um sujeito interpretante, é necessário que haja antes um reconhecimento mútuo dos parceiros e a atribuição do *direito à fala*.

Para isso, faz-se preciso um compartilhamento mínimo de saberes que dizem respeito à troca comunicativa, como, por exemplo, a língua, alguns saberes culturais e o *contrato*. O *contrato* para Charaudeau (1993, p.59) responde às seguintes questões: ‘estamos aqui para falar de quê?’ e ‘estamos aqui para falar como?’. A resposta dada pelos membros de uma determinada comunidade linguística deverá ser (mais ou menos) análoga. Aqueles que não souberem essas respostas, não conhecem o *contrato* e não serão, assim, habilitados a adquirir o *direito à fala*.

Este todo constitui o que o teórico chama de *restrições (contraintes)* que são impostas aos sujeitos da linguagem, limites (sociais) que devem ser respeitados, pois o sujeito, ao usar a linguagem, o faz buscando atingir o objetivo de seu prévio *projeto de fala*. Vem daí uma colocação mais ou menos calculada, mais ou menos intuitiva, de certas palavras/enunciados, que tentam seguir não ultrapassar os limites da situação de comunicação na qual esse sujeito se encontra. Como essas “regras sociais” fazem parte de certos usos da língua em sociedade o sujeito pode lidar com elas por meio de certas *estratégias* das quais ele pode lançar mão.

Charaudeau expõe uma divisão interessante sobre o funcionamento do discurso. Ele determina dois grandes espaços superiores ao sujeito ao dizer que:

É por isso que, no estudo dos textos, sejam quais forem, partimos de nossas hipóteses gerais sobre o funcionamento do discurso, as quais constituem, aqui, um quadro de pesquisa:

as restrições do contrato de comunicação no qual se inscrevem os textos (finalidade, identidade, dispositivo),

os espaços de estratégias dessa mesma situação de comunicação (de legitimação, credibilidade e captação)” (CHARAUDEAU, 2005, p. 7) (grifos nossos).

Observamos que essa identificação de dois grandes espaços nos quais um sujeito falante se situará para proferir seu discurso contém uma concepção de sujeito que busca o equilíbrio, que não é *nem totalmente livre* – pois é regido por certas *restrições* – *nem totalmente submisso* – já que encontra nos espaços de *estratégias* uma margem de manobra para lidar com os limites determinados pelo *contrato* que foi aderido pelo sujeito.

Diante dessas circunstâncias, o sujeito elabora seu *projeto de fala*, isto é, seus objetivos e suas intenções comunicativas. Ao fazê-lo, deverá respeitar as *restrições* do *contrato* a que está submetido, mas encontrará uma forma de atingir esse *projeto de fala* se valendo de certas *estratégias*, que irão diferenciar seu discurso. Essas estratégias são subdivididas por Charaudeau em três tipos das quais o sujeito poderá se valer: legitimação, credibilidade e captação.

A legitimidade, segundo Charaudeau, é “[...] externa ao sujeito falante, ela vem do *status* mais ou menos institucional que é previsto no contrato. É este que lhe dá o “poder de falar”. A legitimidade não pode ser objeto de avaliação ou de gradação. A legitimidade é ou não é.”²⁹ (CHARAUDEAU, 1995, p. 5).

Por ser externa ao sujeito e advinda de circunstâncias sociais, a legitimidade está relacionada ao circuito externo e, logo, ao eu-comunicante (EUc), que, por sua vez, deve ter o reconhecimento de um *Poder dizer*.

Tem-se legitimidade quando é conferido a alguém

[...] o poder de fazer ou dizer em nome de um *estatuto* (ser reconhecido em função de um cargo institucional), em nome de um *saber* (ser reconhecido como sábio), em nome de um *saber-fazer* (ser reconhecido como especialista). (CHARAUDEAU, 2006, p.67).

Logo, a legitimidade vem de um **reconhecimento** amplo do interlocutor, que, geralmente, é dado institucionalmente, mas nem sempre. O fato é que ela está ligada ao desdobramento psicossocial do sujeito e não pode ser adquirida somente na encenação comunicativa.

A credibilidade, ao contrário da legitimidade, não é dada, mas sim construída e sempre renegociada. Por isso, a credibilidade deve sempre ser trabalhada e sofrer manutenções, pois pode ser perdida (e ganhada) a qualquer tempo. É por isso que o seu lugar é no circuito interno, onde ocorre a *encenação* do dizer.

É no plano do dizer, onde se encontra o EUE, que se busca alcançar a credibilidade. Deve-se demonstrar um *Saber fazer*, ou seja, o sujeito deve convencer que tem as habilidades necessárias para ganhar a confiança do interlocutor. Ele deve provar que merece o reconhecimento do interlocutor para ter seu poder de dizer e de fazer.

Como esclarece Charaudeau:

Não se confundirá, portanto, *legitimidade* e *credibilidade*: a primeira determina um “direito do sujeito de dizer ou de fazer”, a segunda, uma “capacidade do sujeito de dizer ou de fazer”. Questionar a legitimidade é questionar o próprio direito e não a pessoa; questionar a credibilidade é questionar a pessoa, uma vez que ela não apresenta provas de seu poder de dizer ou de fazer (CHARAUDEAU, 2006, p.67).

²⁹ Tradução nossa do francês: “[...] externe au sujet parlant, elle relève du statut plus ou moins institutionnel qui est prévu dans le contrat. C’est celui-là qui lui donne “pouvoir de dire”. La légitimité ne peut être l’objet d’une évaluation ou d’une gradation. La légitimité est ou n’est pas” (CHARAUDEAU, 1995, p.5).

A legitimidade é, assim, um direito adquirido, mas a credibilidade está sujeita à avaliação dos interlocutores a todo instante e é, portanto, instável, cabendo ao sujeito fazer uma manutenção constante para conservá-la.

O último tipo de estratégia determinado por Charaudeau refere-se à captação do *outro*, do interlocutor. Nesse tipo de estratégia, percebemos um teor argumentativo diferenciado, já que ela vem mais embebida de *pathos*. Aqui, entram todas as estratégias de sedução com o objetivo de cativar o interlocutor, chamar sua atenção e torná-lo mais susceptível a aderir às teses do sujeito falante.

As estratégias de captação buscam influenciar o outro a partir de seus afetos, provocando emoções no interlocutor, “[...] fazendo uso de alguns procedimentos (entonação de voz, arte da narração, discurso de sugestão, de conivência, de humor, etc.) destinados a ativar imaginários emocionais”³⁰ (CHARAUDEAU, 1995, p.6). Tais estratégias são como a voz da sereia que encanta e leva o outro a segui-la para onde for. O tipo de argumentação que temos aqui é mais emocional que lógico-dedutivo.

São esses os três grandes tipos de estratégias que, segundo Charaudeau, o sujeito falante (ou seja, o EUC que delega sua voz ao EUE) poderá lançar mão em seu discurso para atingir seu *projeto de fala*. É aqui nos espaços de estratégias que o sujeito encontra uma margem de manobra que o liberta (mas não totalmente) das amarras das restrições.

Enfim, com seu quadro comunicativo, Charaudeau esquematiza sua visão sobre a questão da identidade do sujeito que seria desdobrada em duas componentes:

Em sua primeira componente, o sujeito mostra-se com sua identidade social de locutor; é ela que lhe dá o direito à palavra e que funda sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação. Em sua segunda componente, o sujeito constrói para si uma figura daquele que enuncia, uma identidade discursiva de enunciador que se atém aos papéis que ele se atribui em seu ato de enunciação, **resultado das coerções da situação de comunicação que se impõem a ele e das estratégias que ele escolhe seguir**. O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos (CHARAUDEAU, 2006, p. 115) (grifo nosso).

³⁰ Tradução nossa do francês: “[...] en utilisant des procédés (intonation de voix, art du récit, discours de suggestion, de connivence, d’humour, etc.) destinés à déclencher des imaginaires émotionnels” (CHARAUDEAU, 1995, p. 6).

É interessante observar que, ao afirmar que o sujeito é constituído por duas facetas – aquela que preexistente ao discurso (a identidade psicossocial) e aquela na qual se constrói a encenação discursiva (ou seja, local onde são assumidos os papéis linguageiros) –, podemos observar também a posição de Charaudeau no que toca a questão do *ethos*. Para o autor, a imagem de si é construída ao mesmo tempo por dados preexistentes e por dados trazidos do próprio discurso (CHARAUDEAU, 2006, p.115).

É, portanto, esse sujeito fragmentado que deverá conviver com a liberdade oferecida pelas estratégias e pelas imposições/restrições da situação de comunicação em que ele está inserido e das quais não poderá escapar, pois é assim que ele enuncia seu discurso. O sujeito se desdobra e se adapta: ele é individual e coletivo, livre e submisso, discursivo e psicossocial.

2.3. Nossa visão geral da Semiologia

Apresentaremos a seguir um quadro elaborado por nós, com base em Charaudeau (1993, 1995, 2005, 2006), que busca proporcionar uma visão geral da Teoria Semiológica, que fundamentará nossa análise neste trabalho. Nele, procuramos marcar os diferentes momentos da encenação comunicativa, conforme os apresenta Charaudeau, de forma a deixar evidente os conceitos que consideramos centrais para a análise que nos propusemos a realizar.

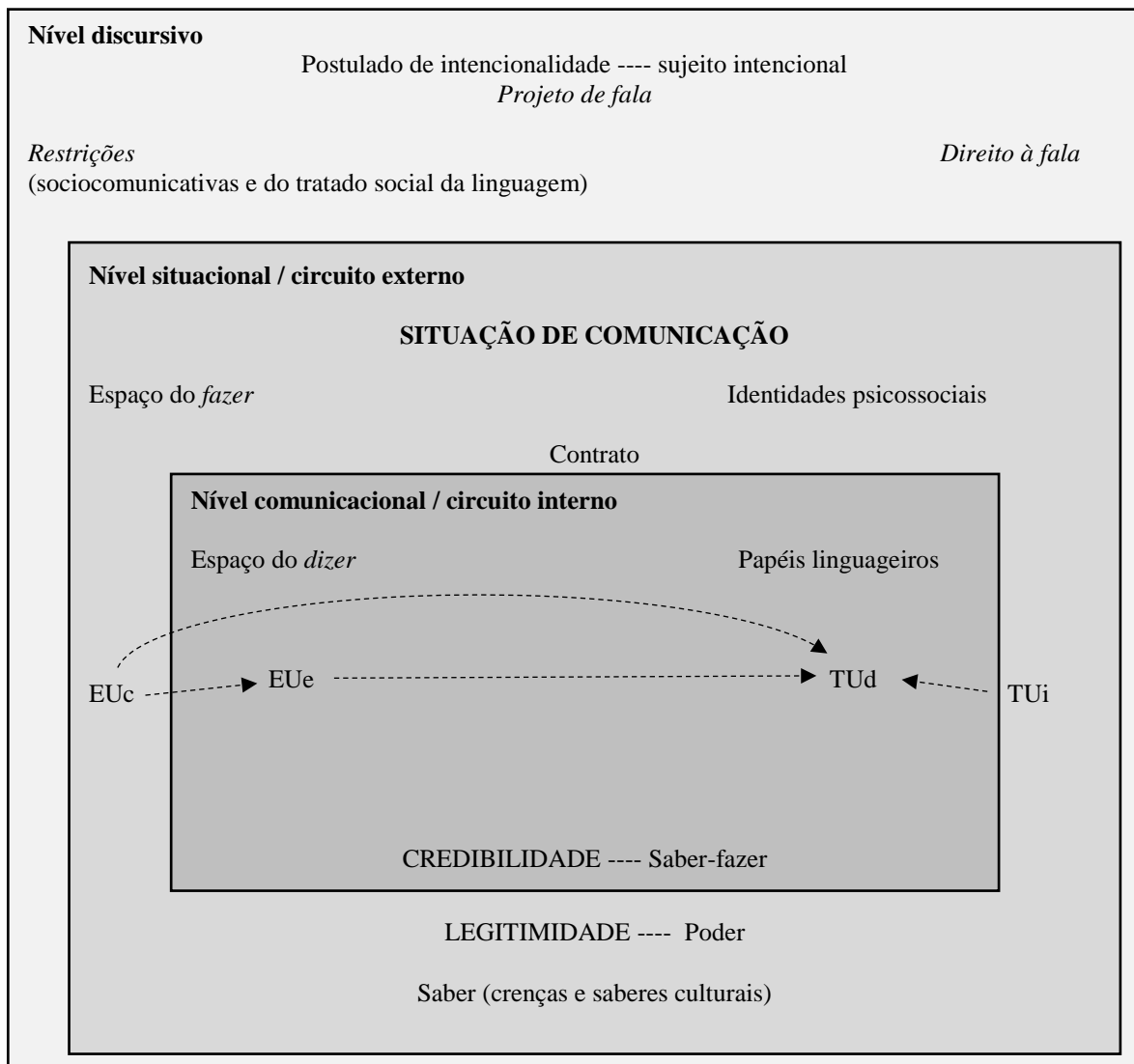


Figura 5

Prosseguiremos com uma breve explicação do esquema supracitado. Partiremos do nível mais externo para o nível mais interno. Começamos, assim, com o nível que contém os outros dois, o *nível discursivo* e os conceitos a ele relacionados.

Para que se estabeleça uma troca comunicativa, é necessário que se cumpram alguns requisitos, segundo Charaudeau. Como vimos, o *direito à fala* é um deles. É preciso que o sujeito conquiste o *direito à fala* para que ele possa estabelecer uma situação de comunicação de interlocução com um TU.

O *direito à fala* se funda em quatro princípios: o de alteridade, o de pertinência, o de influência e de regulação (CHARAUDEAU, 1995, p.2). Explicando rapidamente, diremos que

o princípio de alteridade é aquele que trata da legitimação recíproca dos sujeitos e do reconhecimento mútuo dos parceiros ao direito à fala. Já o princípio de pertinência requer que os sujeitos compartilhem de saberes implicados no ato de linguagem e que conheçam, assim, o *contrato*. Além disso, o interlocutor supõe que o locutor tem uma intenção, um *projeto de fala*.

Os princípios de influência e de regulação, por sua vez, estão interligados, pois, se o primeiro diz que todo sujeito quer atingir e *influenciar* seu parceiro através de um ato de linguagem (*finalidade intencional*), o segundo prevê a contra-influência, isto é, alguma possível reação (de aceitação ou rejeição) do interlocutor à tentativa do outro de influenciá-lo. Nesse jogo de ação e reação, o ideal – mas nem sempre alcançado, é verdade – é que haja uma *regulação* para que o conflito se resolva, ou se amenize e os parceiros comunicativos cheguem a uma conclusão. Para que isso aconteça e comunicação não caia por terra, os parceiros recorrerão a estratégias.

Vemos aí a importância do uso destas, pois elas asseguram a continuidade ou ruptura da troca comunicativa. O uso das estratégias permite que não se apele para o contato físico. Quando o sujeito não tem mais estratégias discursivas, possivelmente recorrerá àquelas corporais, o que não é bom, pois evidencia um mau uso linguageiro.

É, portanto, nos princípios de influência e de regulação que o sujeito encontra o espaço de manobra para articular as estratégias que vai lançar para se engajar em uma troca comunicativa.

Ora, ao dizer que o ato de linguagem é regido pelos princípios de influência e regulação, fica implícito que o sujeito quer influenciar seu interlocutor e que, portanto, tem sempre uma intenção ao tomar a palavra. Por isso, Charaudeau recorre ao chamado *postulado de intencionalidade*, que, para o autor, rege toda a troca comunicativa e o dispositivo sociocomunicativo, uma vez que é o fundamento do ato de linguagem.

Esse postulado diz, basicamente, que o sujeito falante é um sujeito *intencional*. Quando um sujeito enuncia, ele tem uma intenção e quer, conscientemente ou não, alcançar um propósito através de sua empreitada comunicativa.

Portanto, o discurso tem sempre uma intenção. Daí a existência de um *projeto de fala*. Antes de se tomar a palavra, o sujeito já tem um “plano”, um objetivo final e, assim, procederá discursivamente para atingi-lo. Ele lançará mão de estratégias, levando em conta, também, aquilo que é imposto pela situação comunicativa.

Após conquistar o *direito à fala*, estabelecer o *projeto de fala*, bem como formular as estratégias, o sujeito está pronto para tomar a palavra. Esse ato desencadeará uma série de outros requisitos que devem ser cumpridos. Nesse ponto, adentramos o próximo nível, o situacional.

O *nível situacional* é também chamado de *circuito externo* e é o nível do *fazer comunicacional*. Isso significa que o discurso será elaborado aqui pelo *EU comunicante* e interpretado pelo *TU interpretante*.

O comunicante levará em conta a *situação de comunicação* em que está inserido para construir seu discurso. Estão em jogo questões relativas ao espaço, ao tempo e às identidades psicológica e social dos sujeitos. Portanto, é nesse nível que o sujeito reclamará (ou não) sua *legitimidade*.

Porém, ainda antes disso, o sujeito precisa conquistar o *direito à fala*. Charaudeau fala de três condições: o *sujeito comunicante* precisa demonstrar um *Saber*, um *Poder* e um *Saber fazer*. Os dois primeiros se encontram no *nível situacional*. Vejamos.

O *Saber* diz respeito aos universos de crenças da comunidade linguística e da situação comunicativa em que está inserido. O sujeito deve ser reconhecido como tendo domínio desse *Saber*, isto é, ele deve partilhar desses saberes culturais com os seus interlocutores. O *Poder* está ligado à legitimidade institucional que o sujeito no seu desdobramento psicossocial tem. O sujeito deve ter uma posição social que lhe dê a legitimidade de obter um reconhecimento de um *Poder fazer*.

Cabe ao *sujeito enunciador* conquistar a última condição, o *Saber fazer*. Adentramos, portanto, mais um nível do esquema proposto acima e chegamos, assim, no *nível comunicacional*, ou o chamado *circuito interno*. Este é o lugar do *Saber-fazer*, isto é, da instauração da credibilidade do sujeito. É aqui que o EUE precisa, através da aplicação de estratégias, demonstrar que merece o reconhecimento de seus interlocutores.

Nesse nível, estamos no espaço do *dizer*. É aqui que acontecerá a *encenação comunicativa* propriamente dita. O EUC, tendo em vista um TUD, coloca em cena seu desdobramento, EUE. Aquilo que foi elaborado no espaço do *fazer* pelo EUC, será posto em prática no espaço do *dizer* pelo EUE. Daí o nome *comunicacional*.

Temos aqui não mais *identidades psicossociais*, mas sim *papéis languageiros* que serão desempenhados pelos *protagonistas* na *encenação comunicativa*. O circuito interno nada mais

é que o núcleo do dispositivo, é a ponta do *iceberg*, o produto de um trabalho profundo e complexo.

Os protagonistas são *seres de fala* e existem apenas enquanto desdobramentos linguageiros da troca comunicativa *per se*. O EUE, no fundo, nada mais é que a representação de um papel linguageiro que é criado pelo EUC a partir de cada situação específica. O interessante é observar que o TUD é também uma criação do EUC, pois é uma projeção que o eu-comunicante faz do seu interlocutor ideal³¹, assumindo, é claro os riscos da comunicação (*enjeu*) ser bem entendida ou não.

Se a questão no nível situacional seria “- O que dizer?”, no comunicacional seria “- Como dizer?”. Segundo Charaudeau (2008), há quatro possibilidades de estruturas linguísticas que podem responder a tais questões: seriam *os modos de organização do discurso*³². São eles: enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo. Não iremos entrar em detalhes sobre cada um deles nesse momento, mas, eles se referem ao como é linguisticamente *dito* aquilo que foi elaborado no circuito externo. A respeito disso, encontramos outra faceta das estratégias, aquela que diz respeito à materialidade linguística.

Enfim, este é o dispositivo sociocomunicativo de *mise en scène* elaborado por nós com base em Charaudeau (1983, 1993, 1995, 2005, 2006, 2008) com o objetivo de sistematizar aqueles conceitos que consideramos mais importantes para analisar o caso *Anonymous*.

Tentamos colocar no mesmo quadro todas as informações, mesmo correndo o risco de torná-lo um pouco tumultuado, mas com a intenção de nos situar dentro da teoria. Claro que esta é apenas uma visão nossa, bem simplificada de uma teoria ampla como a Semiologia. Porém, para este trabalho, consideramos que tal quadro pode nos oferecer um instrumento de análise suscetível de nos permitir atingir nossos objetivos analíticos.

Chegamos, assim, ao fim das nossas observações sobre o quadro apresentado acima. Porém, destacaremos ainda mais alguns pontos mais sobre a Semiologia a partir de Charaudeau, que afirma que

[...] é preciso descrever inicialmente as restrições estruturais da situação de comunicação política antes de descrever as estratégias discursivas que os atores podem utilizar. Não se misturam, portanto, situações e estratégias de comunicação,

³¹ Por essa razão, adicionamos uma linha pontilhado que vai desde o EUC até o TUD no esquema proposto, conforme sugeriu Medina (2012).

³² Para mais detalhes, veja Charaudeau (1983, 2008).

sendo toda situação de comunicação estruturada segundo um dispositivo que assegura um lugar determinado aos parceiros da troca (CHARAUDEAU, 2006, p. 52).

Assim, baseando-nos na citação acima, elaboramos mais um esquema, que guiará nossa metodologia de análise:

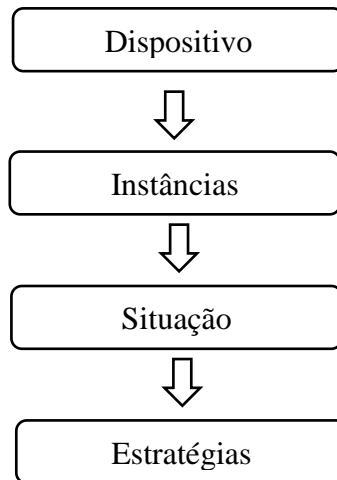


Figura 6

Vemos no esquema acima uma sequência que consegue se formar como um sumário, uma espécie de mapa metodológico para nossa análise do *anonimato* como estratégia discursiva. Percebemos através do esquema que as estratégias estão circundadas por questões maiores que exercem influência sobre elas. O estudo do dispositivo, das instâncias e da situação de comunicação contribuirão, esperamos, para podermos apreender o funcionamento do anonimato em *Anonymous*.

Já abordamos o dispositivo nesse capítulo e tentamos descrever a situação comunicativa no anterior. Faremos a análise dela no próximo capítulo. Resta-nos abordar as instâncias políticas, segundo Charaudeau, já que nosso *corpus* se configura como um discurso com conotações políticas. Eis o esquema apresentado por Charaudeau, já inserido na via da análise do discurso político (CHARAUDEAU, 2006, p. 56):

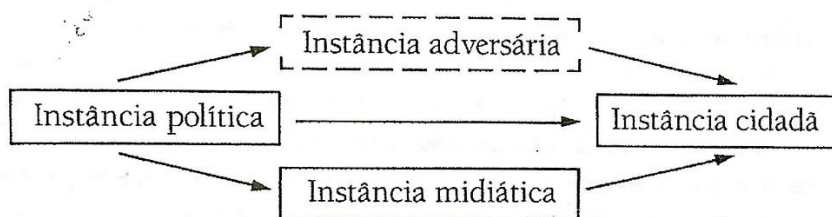


Figura 7

Charaudeau (2006) afirma que existem três lugares de fabricação do discurso político: um lugar de governança, um de opinião e outro de mediação. As instâncias política e adversária são espaços de *governança*, a midiática corresponde à *mediação* entre a política e a cidadã, que, por sua vez, constitui o espaço da *opinião*.

O quadro traduz o vínculo entre as instâncias e nos mostra que o discurso político se faz nos entremeios das relações que podem se estabelecer entre elas. Esses seriam os “times” do jogo político. Vejamos cada um.

A instância política é aquela que está no poder legitimamente e que, nos sistemas democráticos, é escolhida e validada pela instância cidadã através do voto. Ela tem o poder de fazer, de ação e de decisão. Seu contraponto é a instância adversária. Esta tem a pretensão de tomar o lugar da instância política vigente e por isso cumpre um papel de oposição e de crítica a ela.

A instância midiática também é composta por atores que devem ser legitimados em seu papel de informantes. Porém, apesar de terem legitimidade, estão sempre em busca de credibilidade. É nessa instância que há a *mediação* entre a instância política e a instância cidadã, lugar da *opinião*, por meio de diversos veículos de informação.

Nessa mediação, o discurso político também é construído, pois é reinterpretado, de certa forma, pelos informantes e apresentado à instância cidadã para sua apreciação e formação de sua opinião. Charaudeau define a instância cidadã “[...] como aquela que se encontra em um lugar em que a opinião se constrói fora do governo” (2006, p.58). Essa opinião, no entanto, é construída sob a influência não somente da instância midiática, mas também da instância adversária e da própria instância política. Podemos observar tal relação no esquema no uso das setas que convergem todas para a instância cidadã.

Charaudeau subdivide essa instância em *sociedade civil* e *sociedade cidadã*. A primeira é fortemente estruturada e a segunda, ao contrário, é uma construção. Esta tem ainda um subconjunto, os *grupos militantes*. Acreditamos que *Anonymous* poderia se encaixar aí, pois exerce uma ação ativista.

Porém, entendemos que o coletivo não seria um caso típico, por ser uma entidade *online* e por se comportar de maneira, às vezes, tão transgressiva que chega à criminalidade. Além

disso, *Anonymous* tem a seu favor algo como uma “instância midiática não legitimada” própria: todo o enorme volume de material produzido por seus membros anônimos que vai desde *memes* até declarações escritas para a imprensa e vídeos explicativos e de autopromoção.

Notamos ainda que o coletivo compartilha de **algumas** características não só da instância midiática, como da instância adversária. Não encaixaríamos *Anonymous* como instância adversária, pois não há possibilidade desses *hacktivistas* um dia se tornarem presidentes (até mesmo porque eles não são uma única pessoa), ou seja, *Anonymous* não desejam tomar o lugar da instância política, ao que parece.

No entanto, a crítica ferrenha e o caráter antigoverno do coletivo acabam por fazê-lo aproximar-se mais da instância adversária que da cidadã, já que a cidadã critica sim o governo, mas não tão ferozmente e sistematicamente. Assim, por ter uma posição de ataque ao governo tão latente, vemos uma grande semelhança de *Anonymous* à instância adversária.

Porém, estas são apenas algumas reflexões sobre o lugar de *Anonymous* nas instâncias do dispositivo político. Apesar de manter algumas similaridades com a midiática e a adversária, ainda classificamos *Anonymous* como instância cidadã.

Temos, assim, um dispositivo que conta com lugares e pontos de vista diferentes que contribuem para a fabricação do discurso político. Charaudeau resume bem a questão ao dizer que:

O dispositivo do contrato de comunicação política é, de certa forma, uma máquina de forjar discursos de legitimação que constroem imagens de *lealdade* (para a instância política), que reforçam a legitimidade da posição de poder; de *protesto* (para a instância cidadã), que justificam a legitimidade do ato de tomar a palavra; de *denúncia* (para a instância midiática), que mascaram a lógica comercial pela lógica democrática, legitimando esta em detrimento daquela (CHARAUDEAU, 2006, p.63).

O jogo das instâncias, portanto, é de busca por legitimidade para poder participar do jogo político. Cada um se posiciona em um ponto diferente para poder, assim, cobrir a grande área que é o discurso político. Cada um se encarregando de um papel. E é dentro desse paradigma que analisaremos o anonimato em *Anonymous*.

As estratégias, como vimos, têm relação com a forma como outros elementos são estruturados. Assim, para estudar o anonimato como estratégia, é importante considerarmos as questões do dispositivo e suas instâncias, bem como perceber como a situação comunicativa rege as escolhas estratégicas do sujeito comunicante.

Se desejamos estudar o uso estratégico do anonimato em *Anonymous*, devemos analisar as relações que o coletivo pode ter com a situação comunicativa e todo o dispositivo sociolinguageiro em que a *estratégia de anonimato* foi utilizada. Esperamos encontrar algumas respostas no próximo capítulo.

2.4. Uma tipologia das estratégias: problematização

Ao estudar o problema das estratégias no discurso, deparamo-nos com uma questão de nomenclatura. Encontramos nomes diferentes para se tratar das estratégias, como por exemplo estratégias *enunciativas*, *enuncivas*, *discursivas*, *comunicativas* e *argumentativas*. Haveria diferenças entre elas? Poderíamos pensar em uma hierarquia das estratégias?

Não temos a ambição de aprofundarmos tais questões nesse trabalho. Porém, apoiando-nos na Teoria Semiolinguística, gostaríamos aqui, apenas a título de problematização, de abordá-las rapidamente, buscando fazer uma breve reflexão acerca do assunto, sem maiores pretensões teóricas. Tentaremos, também, oferecer algumas possibilidades de resposta, sem esgotar a discussão.

Acreditamos que, ao refletir sobre essas questões, poderemos compreender melhor o funcionamento das estratégias de uma forma geral, mas também ter maior clareza sobre o uso do anonimato no *corpus* desse trabalho. Recorreremos a Charaudeau numa tentativa de estudar as estratégias a partir do quadro teórico do autor.

Em seu artigo *Des conditions de la "mise en scène du langage*, Charaudeau (1993) apresenta rapidamente as bases de sua teoria, discorrendo sobre o que ele chamou de *postulado de intencionalidade*, bem como explicando passo a passo sua visão do processo comunicativo: O teórico apresenta um esquema³³ – que, inclusive, nos ajudou a construir o esquema já apresentado acima. Nele, a troca comunicativa é dividida em diferentes níveis.

Recapitulando um pouco do que já dissemos, podemos perceber que a comunicação entre sujeitos não se dá de forma linear e direta. Há várias etapas e procedimentos que envolvem

³³ Ver CHARAUDEAU, 1993, p.60.

o ato de comunicar, que é produzido de forma fragmentada e de forma hierarquizada: o nível comunicativo está dentro do situacional, sendo que um se mistura ao outro, sem que cada nível perca sua independência; o nível discursivo, porém, envolve e contém ambos os níveis citados.

Temos, dessa forma, uma primeira divisão entre o espaço interno – espaço do dizer, da *mise en scène* comunicativa, dos papéis languageiros – e espaço externo – espaço do fazer e da construção da identidade psicossocial dos sujeitos. Como já expusemos, para cada espaço, há diferentes sujeitos, ou desdobramentos de sujeitos, que entram em ação naquele respectivo nível.

Porém, cada espaço abrange mais que diferentes sujeitos. Cabe no espaço interno a credibilidade e no externo a legitimidade. Isso é facilmente entendido quando nos lembramos que no interno temos os *papéis languageiros* e no externo as *identidades psicossociais*.

Observamos, então, um nivelamento do processo comunicativo: o nível mais interno é o comunicativo, que é envolvido pelo situacional e ambos, por sua vez, são envolvidos pelo nível discursivo, que contém tanto o comunicativo quanto o situacional. Há, porém, algo que rege todo o processo: *o postulado de intencionalidade*.

Assim, a partir desse quadro teórico, acreditamos que podemos estabelecer algumas ligações com o estudo das estratégias. Ora, se todo o processo de comunicação acontece em níveis diferentes, certamente há tipos de estratégias diferentes para cada um desses momentos. Apenas a título de reflexão como uma forma de contribuir para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, faremos um simples esforço para buscar diferenciar diferentes tipos de estratégias para os diferentes momentos da comunicação.

No nível comunicacional, acreditamos que as estratégias sejam mais voltadas para a materialidade linguística, pois, afinal, estamos no lugar do *dizer*, no lugar em que o linguístico-verbal está em evidência e onde são pronunciadas “as palavras” do discurso. Sugerimos, pois, que os tipos de estratégias mais comuns nesse nível seriam as *estratégias enunciativas* (*alocutivo, elocutivo e delocutivo*) e as *estratégias enuncivas* (os modos de organização do discurso de Charaudeau (1983, 2008): enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo). Ademais, é aqui que o EUE buscará estratégias para estabelecer sua credibilidade.

No nível situacional, o EUC – que tomará a palavra buscando estratégias para mostrar sua legitimidade – elabora o seu discurso, levando em consideração pontos mais amplos que aqueles do nível comunicacional, o que inclui questões mais sociais e extralinguísticas. As

estratégias ponderam a situação de comunicação, pois ela influenciará fortemente em sua escolha. Por avaliar a comunicação de uma forma mais vasta, acreditamos que a nomenclatura de *estratégia comunicativa* possa ser uma boa opção.

Segundo Charaudeau (1993, p.50), é “[...] a problemática do duplo espaço externo/interno [...] que faz com que o sujeito seja impregnado da realidade psicossocial, mas dentro da aposta [*enjeu*] intercomunicativa que o define”³⁴. Portanto, apesar de, teoricamente, estarem separados em níveis diferentes, é necessário que analisemos a relação entre os níveis para estudarmos as estratégias.

No entanto, há ainda que se considerar o nível que é anterior a estes dois últimos. O nível discursivo comporta questões ainda mais abstratas e mais amplas do que aquelas consideradas no nível situacional. As estratégias aqui levariam em conta as *restrições* e seriam, portanto, pensadas para desviar dessas limitações que são estabelecidos por elas.

As questões consideradas aqui são ainda mais distantes da materialidade linguística. Por estarem no nível mais externo do dispositivo, elas influenciam todo o processo discursivo, inclusive a situação de comunicação do nível situacional. Logo, sugerimos que aqui se encontrem as *estratégias discursivas*.

Finalmente, é importante destacar que, a nosso ver, todas as estratégias possuem um caráter argumentativo, pois são criadas por um sujeito intencional, que é regido por um *postulado de intencionalidade*. A estratégia nasce com a finalidade de afetar o outro para fazê-lo aderir às teses do sujeito comunicante. Ora, isto é argumentativo por definição.

Teríamos, em conclusão, as estratégias enunciativas e enuncivas, comunicativas e discursivas. Além disso, há ainda os tipos de estratégias que podem focar na legitimação e/ou na credibilidade do sujeito falante, bem como na captação de seu interlocutor. Há, também, as estratégias relativas à construção da imagem de si (*ethos*), às emoções (*pathos*) e às questões mais lógico-dedutivas (*logos*). Essa tríade pode ser a própria estratégia como também se valer de estratégias para sua formação. Esta é uma questão que julgamos interessante e que vale uma maior reflexão em um outro trabalho.

³⁴ Tradução nossa do francês: “[...] une problématique du double espace externe/interne [...] qui fait que le sujet est imprégné de réalité psycho-sociale, mais dans l’*enjeu* inter-communicatif qui le définit” (CHARAUDEAU, 1993, p.50).

Lembremos, enfim, que todo ato de linguagem é uma aventura, a vida em sociedade é um jogo, as *restrições* são as regras e as estratégias são os diferentes modos de cada jogador tentar ser vencedor em sua empreitada comunicativa.

Como já expusemos, a escolha intencional das estratégias depende de uma série de fatores, quais sejam: as *restrições*, o *contrato*, o *projeto de fala* e a *situação de comunicação*. Segundo Charaudeau, a *estratégia discursiva* “[...] leva em conta o efeito possível produzido pelo ajustamento (o jogo) entre a encenação do *dizer* (o ato de fala) e a relação contratual do *fazer*” (CHARAUDEAU, 2001, p.36). Logo, entendemos que as estratégias são um resultado de um processo anterior a elas, pois, apesar de serem o espaço de liberdade do sujeito, elas são também determinadas pelo contexto que já existe antes de o sujeito enunciar.

Ele deve, portanto, adequar seu discurso e preparar-se para o jogo da encenação comunicativa. Quais *armas* usar? Qual é o melhor caminho a seguir para alcançar meus objetivos? Em outras palavras, quais estratégias discursivas posso lançar mão para contornar os obstáculos que o *contrato* e que a *situação comunicativa* me impõem para atingir meu *projeto de fala* com sucesso?

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DO *CORPUS*

3.1. A situação comunicativa e o anonimato

Ao iniciar nossa tarefa analítica, buscamos na Semiologia direcionamentos metodológicos. Retomando o que foi dito no capítulo anterior, consideraremos aqui o dispositivo comunicativo já exposto, onde refletimos sobre o lugar de *Anonymous* nas instâncias discursivas. Agora, recordamo-nos do que afirma Charaudeau:

[...] **o sujeito** que fala não é totalmente livre para tematizar seu discurso. Ele **depende**, como já foi dito, **da situação de comunicação na qual se encontra quando fala e que impõe**, a ele e a seu interlocutor, certo número de **restrições** da qual faz parte o propósito comunicativo (CHARAUDEAU, 2006, p.188) (grifos nossos).

Para analisar o uso do anonimato no caso *Anonymous*, nós, enquanto analistas do discurso, buscamos situar o contexto de produção do discurso do coletivo por acreditarmos que as estratégias só terão sentido se pensarmos que elas existem por causa de um quadro de limitações. Em outras palavras, se a estratégia é criada com o objetivo de se adequar à situação comunicativa, devemos observar esta para entender aquela.

Lembramos que o sujeito – que se engaja numa troca comunicativa porque tem uma intenção, um *projeto de fala* – está imerso em um quadro com uma série de elementos já existentes, além de *restrições* que devem ser seguidas de acordo com as circunstâncias da comunicação. Para ajudar o sujeito-falante nessa tarefa, existem as estratégias que lhe fornecerão os elementos necessários para que ele possa, se for o caso, deslocar-se pela situação de comunicação e conseguir chegar ao seu objetivo, o sucesso – ou pelo menos um relativo sucesso – de seu *projeto de fala*.

E qual seria o *projeto de fala* de *Anonymous*? Vejamos:

Anonymous é todos e está em todo lugar. Nós não temos líderes, nenhuma entidade nos dirige – apenas o coletivo **indignado** de indivíduos, guiando nossa mão no presente **esforço para promover conscientização**.³⁵ (ANONYMOUS, Call to action) (grifos nossos).

³⁵ Tradução nossa do inglês: “Anonymous is everyone and everywhere. We have no leaders, no single entity directing us - only the collective outrage of individuals, guiding our hand in the current efforts to bring awareness.” (ANONYMOUS, Call to action).

Notamos, na citação acima, a escolha lexical de “indignados” para descrever os membros do coletivo, o que já é um índice da tendência ao protesto e ao descontentamento com a presente situação. Notamos ainda que o objetivo traçado pelo coletivo com fins de “promover a conscientização”, aponta para a construção de uma imagem deste como *salvador* e de *detentor do conhecimento*.

De maneira geral, o coletivo tem como objetivo maior mobilizar os cidadãos. A massa anônima quer garantir um espaço no jogo político e adquirir voz para divulgar suas ideias, servindo como palco para que os cidadãos possam protestar e defender o direito à liberdade e à transparência: “A intenção de *Anonymous* é de proteger a livre circulação de informação de todos os tipos do controle de qualquer indivíduo, corporação ou entidade governamental”³⁶ (ANONYMOUS, Operation Payback).

Porém, se considerarmos o primeiro grande projeto político de *Anonymous*, o *Chanology*, o projeto de fala será mais específico. Nas palavras do próprio coletivo:

Com o vazamento do seu mais recente vídeo-propaganda, o alcance da sua influência maligna sobre aqueles que vieram a confiar em vocês como líderes se tornou claro para nós. **Anonymous decidiu, portanto, que sua organização deve ser destruída. Pelo bem de seus seguidores, pelo bem da humanidade e pelo nosso próprio divertimento**, nós procederemos para expulsá-los da Internet e sistematicamente dismantelar a Igreja da Cientologia na sua forma presente.³⁷ (ANONYMOUS, Message to Scientology) (grifos nossos).

O coletivo tinha como objetivo atingir a Cientologia e protestar contra ela. Como vimos, esta seita ou igreja já era conhecida naquele momento (2008) por processar juridicamente seus críticos e opositores. O anonimato de *Anonymous*, portanto, veio bem a calhar.

Mas, voltemos um pouco antes do *Chanology* para discutir a relação entre a situação comunicativa de *Anonymous* e o uso do anonimato. Conforme abordamos no capítulo 1, o coletivo tem suas origens no *4chan*, lugar onde o anonimato era adotado corriqueiramente.

³⁶ Tradução nossa do inglês: “The intention of Anonymous is to protect free flow of information of all types from the control of any individual, corporation, or government entity.” (ANONYMOUS, Operation Payback).

³⁷ Tradução nossa do inglês: “With the leakage of your latest propaganda video into mainstream circulation, the extent of your malign influence over those who have come to trust you as leaders has been made clear to us. Anonymous has therefore decided that your organization should be destroyed. For the good of your followers, for the good of mankind, and for our own enjoyment, we shall proceed to expel you from the Internet and systematically dismantle the Church of Scientology in its present form.” (ANONYMOUS, Message to Scientology).

Nesse *website*, fazia-se tudo pelas risadas (*the lulz*) e a prática da *trollagem* era também muito comum.

Diante desse contexto, o anonimato parece ter sido algo muito natural. Ele prevenia contra possíveis sanções, permitindo, assim, o espaço carnavalizado. Além disso, era uma opção viável e muito utilizada, já que estamos tratando de um ambiente cibernético em que o contato corporal não acontece, o que torna muito mais fácil o ocultamento da identidade do usuário, já que a identidade social está diluída.

Anonymous, conseqüentemente, herda essa herança de seu berço cibernético. Porém, acreditamos que sua campanha contra a Cientologia reforçou ainda mais a necessidade do anonimato e possibilitou que ele fosse utilizado mais estrategicamente do que até então, isto é, foi um passo adiante do processo discursivo do coletivo. Aliás, como já colocamos, o *Chanology* foi o marco da politização de *Anonymous*, segundo Gabriela Coleman (2012b).

Assim, *Anonymous*, ao planejar o protesto que aconteceria em frente a igrejas da Cientologia ao redor do mundo, demonstra preocupação com a questão da proteção do rosto ao estabelecer as regras de conduta durante o protesto:

Regra 13: **Anonymous é legião. Nunca fique sozinho.** Isolamento durante um protesto marca você como um alvo para manipuladores que desejam provocar uma reação nervosa de você e outros hostis. Seguindo esse princípio...

Regra 14: **Organize-se em grupos** de 10 a 15 pessoas.

[...]

Regra 17: **Cubra seu rosto. Isso irá prevenir sua identificação** em vídeos filmados por hostis, outros protestantes ou pela segurança. Use cachecóis, chapéus e óculos de sol. Máscaras não são necessárias e portá-las em uma demonstração pública é proibido em alguns estados.³⁸ (ANONYMOUS, Code of conduct) (grifos nossos).

É interessante observar que, apesar de não ter sido recomendado o uso de máscaras, muitos participantes as utilizaram e, aliás, muitos utilizaram a famosa máscara de Guy Fawkes que se tornaria a “cara” do coletivo. Porém, mesmo não recomendado o uso de máscaras,

³⁸ Tradução nossa do inglês: “Rule #13: Anonymous is legion. Never be alone. Isolation during a protest marks you as a target for handlers who wish to provoke an angry reaction from you and other hostiles. In keeping with this principle...

Rule #14: Organize in squads of 10 to 15 people.

[...]

Rule #17: Cover your face. This will prevent your identification from videos taken by hostiles, other protesters or security. Use scarves, hats and sunglasses. Masks are not necessary, and donning them in the context of a public demonstration is forbidden in some jurisdictions.” (ANONYMOUS, Code of conduct).

percebemos claramente a preocupação com o anonimato, seja pelo apelo a manter-se em grupo, diminuindo a individualização pelo isolamento, seja por sugerir que se cubra o rosto.

Temos, então, a situação de comunicação influenciando a escolha da estratégia: o anonimato serve como escudo de possíveis sanções, assim como no *4chan*, mas serve também para agrupar os protestantes, fortalecendo-os pela união, em vez de enfraquecê-los pelo isolamento. Lembremos do *Panóptico* e sua estrutura isolante.

Tratamos até aqui da relação da situação de comunicação com as origens de *Anonymous* (*4chan* e Cientologia), no que toca a condição anônima do coletivo. Há, no entanto, ainda mais questões a respeito da influência que a situação comunicativa exerce no discurso do sujeito *Anonymous*.

O contexto social, político, histórico e cultural em que *Anonymous* se encontrava e se encontra até o momento é fortemente marcado pelo pós 11 de setembro. Os ataques às Torres Gêmeas provocaram no mundo, mas principalmente nos Estados Unidos, um cerceamento muito grande da privacidade através de leis como a *Patriot Act*, que já foi abordada no quarto segmento do capítulo 1 desse trabalho, juntamente com outros exemplos que mostram a mudança para um mundo mais vigiado.

O mundo ocidental tem, desde então, restringido cada vez mais a privacidade dos cidadãos (e até de governos, como denunciado por Edward Snowden sobre a vigilância a Dilma Rousseff, atual presidente do Brasil) em nome da segurança e do combate ao terrorismo. Diante dessa situação, *Anonymous* se metamorfoseia e assume o ponto oposto do cabo de guerra, reagindo a essas mudanças. Lembramos que nosso *corpus* lida com o *Anonymous* original, isto é, o norte-americano, país da *NSA*, a Agência de Segurança Nacional americana, que dispõe de recursos poderosíssimos para espionar até mesmo o mais comum dos cidadãos americanos.

O anonimato acaba se apresentando como uma opção muito atraente perante essa situação de invasão de privacidade, uma vez que oferece um espaço de resistência àqueles que se encontram cada vez mais expostos e vigiados. Nada mais natural para o transgressivo coletivo *online* que se configurar como uma resistência às novas limitações às quais estavam sendo submetidos.

O anonimato é, obviamente, a peça-chave para que essa resistência ao cerceamento da privacidade fosse possível e é, nesse sentido, uma estratégia de captação. Em uma nova

conjuntura na qual a identificação – e possível sanção – do sujeito é cada vez mais eficaz, a oportunidade de ser anônimo é sedutora.

Essa estratégia de captação se desdobra no que chamamos de *efeito de empoderamento*, que é também perpassada pelo anonimato. Expliquemos. No mundo contemporâneo ocidental, o cidadão parece estar desacreditado dos atores políticos. De uma forma geral, os cidadãos parecem sofrer de um sentimento de impotência. Conforme explica Charaudeau:

Mas o sentimento de impotência é igualmente oriundo da visão que o cidadão moderno teria do mundo político. Numerosas declarações estigmatizam **uma classe política enfraquecida que se encontra desacreditada** pelo acumulo de escândalos relativos ao desvio do bem público, de corrupção ou de comprometimentos, aí compreendidos a justiça e poder político. [...] Portanto, **sentimento de impotência que se faz acompanhar de uma perda de identidade das pessoas**, a qual repousa sobre um paradoxo: graças ao crescimento geral do nível de instrução, o indivíduo aumentaria consideravelmente seus conhecimentos e sua capacidade de análise, mas, ao mesmo tempo, perderia sua identidade, portanto, **agiria cada vez menos**. Sua consciência cidadã encontra-se afetada, e talvez por isso ela se refugie ora na indiferença (“a troco de quê?”) ora na procura por uma figura de autoridade (Le Pen). (CHARAUDEAU, 2006, p.265) (grifos nossos).

O autor afirma haver um sentimento de impotência que é acompanhado por uma perda de identidade das pessoas. Porém, salta aos olhos a conexão destacada por Charaudeau da perda de identidade das pessoas com a diminuição de sua participação cidadã, pois o que observamos em *Anonymous* é uma inversão dessa condição: temos um coletivo de pessoas que se unem por uma identificação e que participam ativamente através dessa comunidade, exercendo sua cidadania ao protestar e posicionar-se. Assim, o sentimento de impotência é combatido em *Anonymous*.

Os cidadãos ocidentais, inseridos em um clima de individualismo crescente inerente à lógica capitalista, estariam propensos ao isolamento e ao sentimento de impotência. O cidadão, nessa circunstância, não sentiria que tem força e voz para reivindicar aquilo que lhe parece melhor.

Dentro dessa situação, surge *Anonymous* oferecendo uma possibilidade para o cidadão comum fazer parte de uma coletividade e, com alguns cliques no conforto de sua casa, contribuir para, por exemplo, tirar o *website* da Cientologia do ar. Cria-se, assim, um *efeito de empoderamento* do cidadão, na medida em que ele sente que suas ações estão impactando o mundo a sua volta e que suas palavras estão sendo ouvidas. Temos, portanto, mais uma estratégia de captação.

O anonimato também desempenha um importante papel nessa estratégia, pois é ele que permite *efeito de empoderamento*, na medida em que o anonimato promove e faz a manutenção da ideia de coletividade. Se não há líderes nem denominações individualizadas dos membros, não há mérito público e o individualismo é deixado de lado para que o coletivo cresça. Se todos os membros são anônimos, há um apagamento da individualidade e o que é feito, é feito em nome da coletividade, ou seja, quando um membro faz algo, não é ele quem faz, mas sim *Anonymous*

Dito de outra maneira, o EUC anônimo abre mão de se revelar para que o EUE ganhe força, ou seja, o indivíduo se apaga em detrimento do coletivo *Anonymous*. Como diz o ditado, “a união faz a força”. O coletivo soma as contribuições de seus membros, tornando-se mais impactante, de forma que seus membros possam desfrutar de um *empoderamento* potencializado e não somente do que alcançaria apenas com sua contribuição. Podemos perceber esse *empoderamento* na imagem abaixo, divulgada em vários lugares da Internet:



Figura 8

A pequenez do indivíduo é gritante face à grandeza do coletivo. Esta seria uma boa analogia daquilo que cria o *efeito de empoderamento*. Outra boa metáfora é utilizada pelo próprio *Anonymous* ao se dirigir à empresa HBGary, que havia declarado falsamente ter identificado membros do coletivo:

“Vocês cegamente invadiram a colmeia *Anonymous*, uma colmeia da qual vocês tentaram roubar mel. Vocês pensaram que as abelhas não a defenderiam? Bem, aqui

estamos. Vocês enervaram a colmeia e agora estão sendo ferroados.”³⁹
(ANONYMOUS, HBGary).

Aproveitando a metáfora do coletivo, a ferroadada de uma única abelha não tem tanto efeito, mas um exame é motivo de grave preocupação. A abelha que faz parte do enxame contribui com uma ferroadada, mas sente a glória das consequências provocadas pelo enxame todo. Assim acreditamos que acontece com *Anonymous*: o coletivo é um enxame que tem força unido, força essa que é apropriada por seus membros no processo de *empoderamento*. Ao fazer parte de *Anonymous*, o indivíduo compartilha da força e das conquistas do coletivo, que só foram possíveis pela soma das contribuições individuais.

Como exemplos de *empoderamento*, temos o impedimento do projeto de lei SOPA, já tratado por nós, e houve, ainda, o caso HBGary, o qual trataremos melhor adiante. Há também a recente campanha contra o Estado Islâmico, após os ataques a Paris no mês de novembro de 2015, no qual *Anonymous* interveio para dificultar a comunicação e a propaganda dos terroristas na Internet ao tirar suas contas do *Twitter* do ar, por exemplo.

No documentário sobre *Anonymous*, chamado *We are Legion: the story of the hacktivists*, de 2012, encontramos a fala de Brian Mettenbrink – um antigo membro de *Anonymous* que foi processado pelo FBI por sua participação no *hack* do *website* da Cientologia, após ter tido sua identidade descoberta pela agência – que evidencia essa sensação de poder que combate o sentimento de impotência:

Parecia que você estava fazendo a diferença, sabe?, só você mesmo, e você **nem precisava sair de casa**, sabe? Você simplesmente sentava em frente seu computador e seguia instruções e defendia aquilo que você acreditava, por assim dizer. **Você fez sua voz ser ouvida no mundo** e espera que ele fique melhor com isso.⁴⁰ (WE ARE LEGION, 2012) (grifos nossos).

Observamos na fala acima o apelo (captação) oferecido por *Anonymous*: impactar o mundo do conforto da sua casa, sentir-se ouvido, causando, assim, um *efeito de empoderamento*. Eis como a situação comunicativa tem profunda influência, já que *Anonymous* se constitui moldado ao contexto em que está e adota estratégias que buscam resolver as

³⁹ Tradução nossa do inglês: “You have blindly charged into the Anonymous hive, a hive from which you’ve tried to steal money. Did you think the bees would not defend it? Well, here we are. You’ve angered the hive, and now you are being stung.” (ANONYMOUS, HBGary).

⁴⁰ Tradução nossa do inglês: “It felt like you were making a difference, you know?, just you yourself, and you didn’t even had to leave your home, you know? You just sat at your computer, and followed instructions and stood up for what you believed in, so to speak. You made your say in the world, and hopefully it turns out better for it.” (WE ARE LEGION, 2012).

questões apresentadas pela situação em que estão inseridos. O anonimato como estratégia viria, assim, de uma resposta ao crescente estado de vigilância e invasão de privacidade.

Porém, perante o isolamento causado pelo individualismo típico do capitalismo, o anonimato possibilita outro desvio estratégico dessa restrição situacional ao ser humano, ser social por instinto. Ele permite a criação de uma coletividade através do apagamento do EUC: no anonimato não se mostram os rostos e não se identificam os nomes para que todos falem formando uma única voz, a voz *Anonymous* – o EUC.

3.2. As consequências do anonimato e seus usos estratégicos

Examinaremos nessa subseção mais algumas consequências que pudemos identificar no uso do anonimato por *Anonymous*. Buscaremos mostrar como essas consequências se configuram como estratégias, pois contribuem discursivamente para ajudar a lidar com questões trazidas pelas restrições e pela situação comunicativa em que o coletivo se encontra.

Já vimos como o anonimato foi estratégico na campanha contra a Cientologia e como ele serve de estratégia de captação pelo *efeito de empoderamento* e pelo combate ao isolamento. Agora veremos outras consequências.

Começaremos pelo *efeito de opacidade* criado pelo anonimato. A máscara anônima serve como um escudo que protege aqueles que estão por trás dela. Cria-se algo como uma cortina de fumaça, um jogo de espelhos que não permite que o olhar de outrem tenha acesso a certas informações importantes, o que acarreta também numa imprevisibilidade que paira sobre *Anonymous*.

O que temos acesso a respeito do coletivo vem em sua maioria do que ele quer que saibamos. Não sabemos ao certo o que *Anonymous* faz e não faz exatamente. O anonimato pode servir como a vassoura que limpa a sujeira para debaixo do tapete, criando uma impressão mais adequada ao esconder as partes indesejadas. O coletivo, por exemplo, pode ser conduzido para outros fins além daqueles divulgados por eles ou até mesmo estar sendo usado por outros para interesses próprios. A questão estratégica encontra-se justamente aí: há sempre a dúvida.

Uma estratégia que deriva desse efeito de opacidade é a *estratégia da imprecisão*. Charaudeau a classifica como um caso de mentira política e afirma que essa estratégia “consiste em fazer declarações suficientemente gerais, sutis e, às vezes, ambíguas para que seja difícil surpreendê-lo em erro ou recriminá-lo por ter mentido conscientemente” (CHARAUDEAU, 2006, p.106). O anonimato de *Anonymous* permite uma generalização que pode encobrir uma mentira. O coletivo é vago por natureza e, assim, o conceito de mentira fica ainda mais diluído em seu jogo irônico. Tudo faz parte de sua cortina de fumaça.

Essa mesma máscara protege também contra quaisquer sanções que o indivíduo poderia sofrer. Os membros de *Anonymous* se escondem na multidão e seus atos passam a ser os atos do coletivo para o bem e para o mal: da mesma forma que o indivíduo não toma para si o crédito das ações positivas, ele não sofre as consequências das ações negativas. O manto anônimo não faz distinção e não tem preferências.

Tudo é feito e creditado na conta de *Anonymous*. A responsabilidade recai sobre o coletivo, EUe. É por isso que não há contabilização social para os indivíduos, EUc, a não ser quando suas identidades sociais são descobertas, como já aconteceu com alguns membros que enfrentam/enfrentaram processo judicial do FBI.

Porém, o anonimato pode trazer consequências negativas. A descentralização e a estrutura sem hierarquia concedem a seus membros uma grande liberdade, que também funciona para o bem e para o mal. O anonimato que protege das sanções também possibilita menos controle sobre as ações realizadas em nome de *Anonymous*. E tanto os atos positivos quanto os negativos são de responsabilidade do coletivo e não do indivíduo.

Como a estrutura de *Anonymous* é descentralizada e horizontal, muitas vezes o controle das ações negativas é muito mais difícil do que se fosse uma entidade hierarquizada. Observamos que o coletivo já antecipava essa desvantagem e tentou minimizá-la no vídeo *Code of conduct*. O objetivo desse vídeo era estabelecer regras de bom comportamento para que não houvesse problemas no protesto contra a Cientologia que pudessem afetar negativamente a imagem do recém-politizado *Anonymous*. Notamos essa preocupação já na segunda regra:

Regra 2: Fique de boa, principalmente quando assediado. Você é um **embaixador** de *Anonymous*. Embora indivíduos que estejam tentando atrapalhar seu protesto irão lhe irritar, **você não deve perder a compostura**. Fazê-lo só irá atrapalhar o protesto e

manchar a reputação de Anonymous.⁴¹ (ANONYMOUS, Code of conduct) (grifos nossos).

[...]

Regra 12: Se você quer fazer algo estúpido, escolha outro dia. Isso devia ser autoexplicativo. A violação dessas regras durante uma manifestação **manchará a reputação de Anonymous, causará danos à própria manifestação e o deixará vulnerável à atenção dos oficiais da lei.**⁴² (ANONYMOUS, Code of conduct) (grifos nossos).

Destacamos a escolha lexical para denominar os participantes do protesto como “embaixadores”, indicando a responsabilidade e o poder de representação que cada um tem, pois qualquer deslize poderá “manchar a reputação” do coletivo, expressão utilizada duas vezes no mesmo texto.

Além disso, é usado o argumento de atrair problemas pessoais com a lei, já que esse protesto contra a Cientologia foi uma exceção por ter sido realizado nas ruas, onde os membros do coletivo não estavam protegidos contra possíveis sanções pela dissolução identitária existente no mundo cibernético. Para concluir, é feito um apelo aos participantes para manter a compostura, o que apontaria para uma outra preocupação do coletivo: a manutenção de sua credibilidade. Observamos que essa mesma questão é reforçada em várias outras regras:

Regra 8: Sem violência.

Regra 9: Sem armas. A manifestação é um evento pacífico. As suas armas, você não precisará delas.

Regra 10: Sem álcool ou beber previamente. A violação dessa regra pode facilmente causar a violação das regras 1 e 2.

Regra 11: Sem grafite, destruição ou vandalismo.

[...]

Rule #16: Vista-se adequadamente. Formar regras fluidas, porém razoáveis de vestimenta ajudará a manter a coesão e **fazer com que o público leve você a sério.**⁴³ (ANONYMOUS, Code of conduct) (grifos nossos).

⁴¹ Tradução nossa do inglês: “Rule #2: Stay cool, especially when harassed. You are an ambassador of Anonymous. Although individuals trying to disrupt your demonstration will get on your nerves, you must not lose your temper. Doing so will harm the protest and tarnish the reputation of Anonymous.” (ANONYMOUS, Code of conduct).

⁴² Tradução nossa do inglês: “Rule #12: If you want to do something stupid, pick another day. This should be self-explanatory. Violation of these rules during a demonstration will tarnish the reputation of Anonymous, harm the demonstration itself and leave you vulnerable to attention from law enforcement.” (ANONYMOUS, Code of conduct).

⁴³ Tradução nossa do inglês: “Rule #8: No violence.

Rule #9: No weapons. The demonstration is a peaceful event. Your weapons, you will not need them.

Rule #10: No alcohol or pre-drinking. Violating this rule may easily precipitate a violation of rules 1 and 2.

Rule #11: No graffiti, destruction, or vandalism.

[...]

Temos, portanto, uma série de regras de bom comportamento que prezam pela boa imagem do coletivo e pela seriedade da manifestação. Esse cuidado em construir uma boa imagem de si vem da má reputação que a mídia havia atribuído ao coletivo, como está explicitado no trecho: “As notícias recentes das nossas campanhas têm sido, no mínimo, mal informadas. Nós não somos uma organização terrorista como governos, demagogos e a mídia querem que você acredite.”⁴⁴ (ANONYMOUS, Operation Payback Manifesto).

Além de ter que rebater a má imagem construída pela mídia, o coletivo ainda teve que tentar se reparar pelos atos de um *Anonymous* ainda não politizado, que era conhecido pelas *trollagens* e por fazer tudo pelas *risadas* (*the lulz*): “Por favor, não nos despreze, pois nós não somos o *Anonymous* que talvez você conheça. O passado de *Anonymous* não é o nosso presente.”⁴⁵ (ANONYMOUS, Operation Payback Manifesto).

Construir uma boa imagem de si é uma preocupação comum para os sujeitos falantes. Porém, para *Anonymous* essa questão é ainda mais forte, pois contribui para que o coletivo desfrute de mais credibilidade para que possa, assim, conquistar seu espaço e ser levado a sério. O papel da credibilidade é mais importante em *Anonymous* do que o normal, pois deve compensar a condição de falta de legitimidade do coletivo. Explicamos.

O sujeito em *Anonymous* é anônimo porque o EUC é desconhecido, enquanto que o EUE é a própria entidade do coletivo. Como vimos, o EUC se encontra no circuito externo, lugar das identidades sociais e “é na identidade social do sujeito político que se projeta sua legitimidade” (CHARAUDEAU, 2006, p.65). Se há um apagamento do EUC, a identidade social é desconhecida. Assim, não haverá como verificar o estatuto de legitimidade do EUC anônimo e cria-se, portanto, uma dúvida.

Esta situação pode ser negativa se o sujeito tiver uma posição social que o ajudaria em seu discurso. Porém, pode ser positiva se o sujeito já não conta com muita legitimidade, pois,

Rule #16: Know the dress code. Forming a loose yet reasonable dress code for protest members will help to maintain cohesion and get the public to take you seriously.” (ANONYMOUS, Code of conduct).

⁴⁴ Tradução nossa do inglês: “The recent news of our campaigns has been, at best, misinformed. We are not a terrorist organization as governments, demagogues, and the media would have you believe.” (ANONYMOUS, Operation Payback Manifesto).

⁴⁵ Tradução nossa do inglês: “Please, do not despise us, as we are not the Anonymous that you may be familiar with. Anonymous' past is not our present. (ANONYMOUS, Operation Payback Manifesto).

afinal, a dúvida é melhor que a certeza. De qualquer forma, a falta de legitimidade se configura como um problema com o qual se deve lidar.

No seguinte trecho de um dos vídeos de *Chanology*, encontramos uma tentativa de mostrar que *Anonymous* é um grupo sério composto por mais que adolescentes (que é como muitas pessoas costumam vê-lo): “Em nossos números, você encontrará indivíduos de todas as condições sociais – advogados, pais, profissionais de TI, membros da execução da lei, estudantes universitários, técnicos veterinários e mais.”⁴⁶ (ANONYMOUS, Call to action). Notamos que as denominações são todas identidades sociais respeitadas, o que seria, a nosso ver, uma tentativa de preencher um pouco do apagamento da identidade social de *Anonymous*.

Retomando Charaudeau (2005, p.7), o espaço das estratégias é subdividido em três grandes tipos: as estratégias de legitimação, de credibilidade e de captação. Em *Anonymous*, o que observamos é um investimento nas últimas duas e praticamente o abandono da primeira, o que atribuímos à compensação da falta de legitimidade do coletivo.

Por exemplo, há vídeos produzidos por *Anonymous* que são destinados apenas para mostrar o *Saber-fazer* do coletivo e tem como título *Anonymous – what we are capable of* (“Anonymous – do que somos capazes”)⁴⁷. Esses vídeos contribuem para a manutenção da credibilidade do coletivo.

Porém, foi o sucesso dos protestos do *Chanology* que deu o pontapé inicial para a construção de sua credibilidade. Quando os membros de *Anonymous* saíram da Internet e, simultaneamente, tomaram as ruas em mais de 100 cidades de países diferentes, o mundo parou para ver e ouvir o coletivo que estava se formando.

O caráter transgressivo de *Anonymous*, no entanto, é um dos fatores que influenciariam para a má fama do coletivo. Seu anonimato também poderia ser visto negativamente, pois o desconhecido não é bem recebido por muitas pessoas, além do fato da difícil responsabilização de seus membros. Essas seriam as perdas que vêm com a falta de legitimidade, a falta de institucionalidade e o questionamento do direito de dizer de *Anonymous*.

⁴⁶ Tradução nossa do inglês: “Among our numbers you will find individuals from all walks of life - lawyers, parents, IT professionals, members of law enforcement, college students, veterinary technicians and more.” (ANONYMOUS, Call to action).

⁴⁷ Ver links: <<https://www.youtube.com/watch?v=3mxR75DAwL8>>, <<https://www.youtube.com/watch?v=YbUK4FryxA8>>.

O coletivo, então, investe em demonstrar seu *Saber-fazer* para que sua “pessoa” não seja ou seja menos questionada, já que “questionar a legitimidade, é questionar o próprio direito e não a pessoa; questionar a credibilidade, no entanto, é questionar a própria pessoa, uma vez que ela não apresenta provas de seu dizer ou fazer” (CHARAUDEAU, 2006, p.67). O caso com a empresa HBGary é um ótimo exemplo do fortalecimento da “pessoa”/EUE *Anonymous*, que contribuiu tanto para a credibilidade do coletivo quanto para a captação de novos membros.

O fato de uma empresa de segurança de computadores que prestava serviços ao FBI ter atacado o coletivo e *Anonymous* ter dado o troco em um tom de zombaria construiu uma imagem de respeito às habilidades cibernéticas de seus membros. Afinal, aqueles que não têm legitimidade superaram uma empresa bem-sucedida e apoiada pela grande instituição de investigação federal dos Estados Unidos; nada mal.

E a massa anônima não deixou de tirar proveito disso, como já percebemos no vocativo da mensagem: “Saudações, HBGary (uma empresa de “segurança” de computadores)”⁴⁸ (ANONYMOUS, HBGary). O uso das aspas tem um tom irônico que predominará em toda a mensagem. Através da ironia, *Anonymous* destacará sua vitória sobre a empresa legitimada. Isso é expressamente colocado pelo coletivo: “O que vocês parecem não ter percebido é que, só porque vocês têm **o título e a aparência geral** de uma empresa de “segurança”, **vocês não são nada comparados a *Anonymous***”⁴⁹(ANONYMOUS, HBGary) (grifos nossos). A referência ao “título” que HBGary tem aponta para a questão da legitimidade. Ao dizer em seguida que *Anonymous* é melhor, ou muito melhor, que essa empresa com título, o coletivo está argumentando para mostrar que ter legitimidade não é garantia de nada, de forma a diminuir sua importância.

Como uma forma de provar sua vitória sobre a empresa, *Anonymous* escreve em sua mensagem divulgada no próprio *site* de HBGary, após *hackeá-lo*: “Deixem-nos **ensiná-los uma lição** que vocês nunca se esquecerão: você não mexe com *Anonymous*”⁵⁰ (ANONYMOUS, HBGary) (grifos nossos). O tom professoral e irônico cria uma hierarquia de conhecimento e de superioridade de *Anonymous* em relação à empresa. Para sustentar ainda mais sua argumentação, o coletivo transcreve logo em seguida um trecho na íntegra de um email de

⁴⁸ Tradução nossa do inglês: “Greetings HBGary (a computer “security” company)” (ANONYMOUS, HBGary).

⁴⁹ Tradução nossa do inglês: “What you seem to have failed to realize is that, just because you have the title and general appearance of a “security” company, you’re nothing compared to Anonymous.” (ANONYMOUS, HBGary).

⁵⁰ Tradução nossa do inglês: “Let us teach you a lesson you’ll never forget: you don’t mess with Anonymous.” (ANONYMOUS, HBGary).

Aaron Barr, o diretor da empresa, admitindo que estavam usando *Anonymous* para reforçar a credibilidade da empresa ao provar que realmente teve acesso aos documentos privados de HBGary:

Você principalmente não mexe com Anonymous simplesmente porque você quer aproveitar uma tendência para atenção pública, como Aaron Barr admitiu no seguinte email:

*“Mas não tem a ver com eles... tem a ver com nosso público ter a impressão certa da nossa **capacidade e da competência** da nossa pesquisa. Anonymous vai fazer o que eles puderem para desacreditar isso, e **eles têm o microfone**, por assim dizer, porque eles estão no Al Jazeera, ABC, CNN, etc. Eu vou continuar o debate porque eu acho que é bom para os negócios, mas eu vou ser esperto quanto minhas respostas públicas”⁵¹. (ANONYMOUS, HBGary) (grifos nossos).*

O uso das palavras “capacidade” e “competência” remetem à credibilidade. O diretor de HBGary planejou, então, conquistar credibilidade para a empresa já legitimada através da caça a *Anonymous*. A escolha do coletivo como alvo não parece ter sido aleatória. Nas palavras de Barr “eles têm o microfone”, isto é, *Anonymous* têm (ou tinham, pelo menos naquela época) a atenção dos grandes meios de comunicação (“Al Jazeera, ABC, CNN, etc”). Lembramos aqui que a máscara de V estampou a revista americana *Time* quando o coletivo foi escolhido como a “pessoa” mais influente do ano de 2012 pelos leitores da revista. Isso indica que, se não credibilidade, o coletivo tinha ao menos um grande poder de captação.

HBGary quis se valer dessa característica para jogar atenção para sua empresa. Porém, o que se sucedeu foi o contrário: *Anonymous* usou da legitimidade de HBGary para se fortalecer: “Vocês não podem nos quebrar, vocês não podem nos causar danos, mesmo vocês tendo claramente tentado”⁵² (ANONYMOUS, HBGary). *Anonymous* sai da situação como o vencedor e com sua moral re-energizada, o que reflete não somente como estratégia de credibilidade, mas também como estratégia de captação, como veremos mais adiante.

⁵¹ Tradução nossa do inglês: “You especially don’t mess with Anonymous simply because you want to jump on a trend for public attention, which Aaron Barr admitted to in the following email:

“But its not about them... its about our audience having the right impression of our capability and the competency of our research. Anonymous will do what every they can to discredit that, and they have the mic so to speak because they are on Al Jazeera, ABC, CNN, etc. I am going to keep up the debate because I think it is good business but I will be smart about my public responses.”” [sic] (ANONYMOUS, HBGary).

⁵² Tradução nossa do inglês: “You cannot break us, you cannot harm us, even though you have clearly tried.” (ANONYMOUS, HBGary).

Para apresentar mais provas de que *Anonymous* havia de fato *hackeado* o *site* de uma empresa de segurança cibernética, o coletivo divulgou os documentos internos da empresa na Internet:

Nós vimos seus documentos internos, todos eles, e vocês sabem o que fizemos? **Nós rimos.** [...]

Seu **glorioso** trabalho *falacioso* pode ser uma **maravilha** para todos *esquadrinharem*, assim como seus e-mails particulares (mais de 66.000 **belezinhas** para o público desfrutar). Agora como você está provavelmente ciente, *Anonymous* é muito sério quando se trata de coisas assim e, normalmente, *nós conseguimos elaborar gratuitamente nosso pensamento* por detrás das operações, mas nós daremos uma explicação simples para vocês, pois vocês parecem ser **peessoas primitivas** [...].⁵³ (ANONYMOUS, HBGary) (grifos nossos).

Nesse trecho, marcamos em itálico as partes em que percebemos uma valorização da imagem de si através de um vocabulário diferenciado para mostrar que se trata de pessoas instruídas e que, finalmente, são dignas de crédito. Esse vocabulário mais elaborado pode ser observado em todo o *corpus*, como por exemplo o uso de uma construção gramatical formal da língua inglesa em: “Believers will become aware that salvation **needn't** come at the expense of their livelihood.”⁵⁴ (ANONYMOUS, Message to Scientology) (grifo nosso). Acreditamos que essa maneira de se expressar seja em si, mais uma estratégia de credibilidade para compensar a falta de legitimidade inerente ao anonimato de *Anonymous*.

Marcamos também no trecho acima, porém em negrito, aquelas palavras que indicam a ironia e, às vezes, o escárnio utilizado pelo coletivo para zombar de HBGary e se vangloriar de seu feito. A nosso ver, a ironia, nesse caso, é utilizada para evidenciar a própria ironia da situação: uma empresa que cuida da *segurança na Internet* sofre ataques em seu próprio *site* e sistema particular. Como eloquentemente coloca o próprio coletivo em tom, novamente, de zombaria, fazendo um interessante jogo de palavras: “Parece que os especialistas em segurança não são especialmente seguros”⁵⁵ (ANONYMOUS, HBGary).

⁵³ Tradução nossa do inglês: “We’ve seen your internal documents, all of them, and do you know what we did? We laughed. [...]”

[...] Your gloriously fallacious work can be a wonder for all to scour, as will all of your private emails (more than 66,000 beauties for the public to enjoy). Now as you’re probably aware, *Anonymous* is quite serious when it comes to things like this, and usually we can elaborate gratuitously on our reasoning behind operations, but we will give you a simple explanation, because you seem like primitive people: [...]” (ANONYMOUS, HBGary).

⁵⁴ Tradução para o português: “Os crentes se tornarão conscientes de que a salvação não precisa vir às custas de seu sustento.

⁵⁵ Tradução nossa do inglês: “It would appear that security experts are not expertly secured.” (ANONYMOUS, HBGary).

A ironia e a chacota não são algo novo em *Anonymous*. Basta lembrar de suas raízes no debochado *4chan*, das *trollagens* e das risadas (*the lulz*). O ato da *trollagem*, inclusive, é uma herança que muitas vezes parece ter atacado sua credibilidade. Porém, nesse caso de HBGary, no qual observamos um uso intenso da ironia, *Anonymous* ganharia respeito e crédito por suas habilidades cibernéticas por ter conseguido ser melhor que uma empresa que prestava serviços até para o FBI.

O tom de brincadeira misturado com a seriedade da demonstração de poder de *Anonymous* parece funcionar como estratégia de captação. Participar do coletivo é divertido. Isso é colocado por *Anonymous* em sua explicação do porquê decidiu protestar contra a Cientologia: “Pelo bem de seus seguidores, pelo bem da humanidade e **pelo nosso próprio divertimento**, nós procederemos para expulsá-los da Internet e sistematicamente dismantelar a Igreja da Cientologia na sua forma presente”⁵⁶ (ANONYMOUS, Message to Scientology) (grifo nosso).

As risadas (*the lulz*) parecem ter sido um dos fatores que motivou tantos a se juntarem a *Anonymous*. Outro fator que apontamos como estratégia de captação é a fantasia e o mistério que se traduzem na máscara de V. O caráter dramático de *Anonymous* pode encantar e fascinar muitos, com sua voz computadorizada, a capa, peruca e máscara, bem como as trilhas sonoras dramáticas de seus vídeos.

Há também outros fatores já analisados neste trabalho que entendemos como estratégia de captação, como o potencial de carnavalização e a transgressão herdado do *4chan*, o efeito de empoderamento e o luxo do efeito de anonimato em um mundo que invade cada vez mais a privacidade em nome da segurança pública.

Propomos também que o anonimato seja uma *estratégia transgressiva* em um mundo Panóptico, como analisado no primeiro capítulo dessa dissertação. É interessante perceber como o coletivo assimilou característica de seus adversários para conseguir ser páreo para eles. Destacamos um trecho em que *Anonymous* admite que tem traços semelhantes ao de seu adversário: “Nós estamos cientes dos muitos que podem depreciar **nossos métodos como sendo**

⁵⁶ Tradução nossa do inglês: “For the good of your followers, for the good of mankind, and for our own enjoyment, we shall proceed to expel you from the Internet and systematically dismantle the Church of Scientology in its present form.” (ANONYMOUS, Message to Scientology).

similares àqueles da Igreja da Cientologia⁵⁷ (ANONYMOUS, Message to Scientology) (grifos nossos).

Assim, ao encarar adversários opacos e abstratos como a Cientologia ou o próprio governo, *Anonymous* encontra no anonimato uma estratégia para transgredir sua situação de “prisioneiro na luz” para escapar para “as sombras da torre do vigia”, onde ninguém sabe bem o que e quem está lá. O anonimato como estratégia em um mundo panóptico tem apelo discursivo, pois transgride as restrições, e tem apelo como captação, por oferecer uma mudança de posicionamento para cidadão comum.

Há ainda um outro efeito que deriva do anonimato e que é também uma estratégia de captação, é o que chamamos de *efeito de igualdade*. O sujeito (EUc) anônimo previne a formação de uma hierarquia por não permitir a identificação do coletivo com um líder. Assim, é o anonimato que possibilita a estrutura descentralizada e horizontal que *Anonymous* parece ter e cria, dessa forma, um efeito de igualdade entre os membros do coletivo. Desse modo, aqueles que normalmente não teriam voz, ganham uma máscara (a de V) que lhes permite serem ouvidos em várias partes do mundo. Esse efeito está intimamente ligado ao de empoderamento.

No entanto, as consequências estratégicas do anonimato em *Anonymous* não param por aí. Como o sujeito anônimo possibilita uma estrutura coletiva sem líderes, é admitido um espalhamento do coletivo. Isso é possível, pois, retomando o quadro comunicativo de Charaudeau, o EUE é sempre o mesmo, mas o EUc não. Assim, devido ao anonimato, qualquer um pode assumir esse lugar sem que se identifique o indivíduo e colocar o mesmo EUE *Anonymous* em cena. Vejamos o trecho abaixo:

Nós reconhecemos vocês como **opponentes** sérios e não esperamos que nossa campanha termine em um curto período de tempo. No entanto, você não prevalecerá para sempre contra a **nervosa massa de cidadãos**. Sua hipocrisia e sua tosca organização geral assinaram sua sentença de morte. Você não tem nenhum lugar para se esconder **porque nós estamos em todos os lugares**.

Você não conseguirá revidar nenhum **ataque** porque **para cada um de nós que cai, dez mais tomarão esse lugar**.⁵⁸ (ANONYMOUS, Message to Scientology) (grifos nossos).

⁵⁷ Tradução nossa do inglês: “We are cognizant of the many who may decry our methods as parallel to those of the Church of Scientology” (ANONYMOUS, Message to Scientology).

⁵⁸ Tradução nossa do inglês: “We recognize you as serious opponents, and do not expect our campaign to be completed in a short time frame. However, you will not prevail forever against the angry masses of the body politic. Your choice of methods, your hypocrisy, and the general artlessness of your organization have sounded its death knell. You have nowhere to hide because we are everywhere. You will find no recourse in attack because for each of us that falls, ten more will take this place.” (ANONYMOUS, Message to Scientology).

Ao denominar a Cientologia como “oponentes”, podemos perceber que o coletivo encara a situação como um embate, uma guerra. Notamos, então, que a caracterização que o próprio *Anonymous* faz de si logo em seguida tem um teor de ameaça e de estratégia, pois serve para argumentar o porquê *Anonymous* prevalecerá na campanha contra a igreja.

Ao se descrever como uma “massa”, *Anonymous* já evidencia seu caráter coletivo, como um enxame de abelhas ou uma nuvem de gafanhotos, que ganham força não pelo indivíduo sozinho, mas pela soma dos números de participantes unidos e que agem de forma conjunta. Esse atributo tem ainda mais impacto pela não existência de líderes, pois o coletivo se descentraliza e consegue ter “poderes onipresentes”, ou como é colocado acima, o adversário “não tem nenhum lugar para se esconder porque nós estamos em todos os lugares”.

Começamos a notar, então, o teor de estratégia que a habilidade de trocar de EUc, mas manter o mesmo EUE possui: “para cada um de nós que cai, dez mais tomarão esse lugar”. Essa é a arma que *Anonymous* tem para se proteger dos “ataques” da Cientologia, no caso. A mesma ideia é repetida em um cartaz exposto por uma pessoa que portava a máscara de V:



Figura 9

Podemos ler no cartaz: “Prenha um de nós; dois mais aparecem. Você não pode prender uma ideia!”. Parafraçando o coletivo, a detenção de seus membros ou os ataques da Cientologia não surgiriam efeito, pois o importante em *Anonymous* não é o indivíduo, que pode ser facilmente substituído, mas sim a ideia que é defendida por eles.

A nosso ver, estamos diante de um uso estratégico do anonimato, pois *Anonymous* encontrou uma maneira de desviar dos obstáculos impostos a eles e que fogem de seu controle, seja a influência e os advogados da Cientologia, seja os agentes do FBI.

Quando o coletivo afirma que “Vocês claramente negligenciaram algo muito óbvio aqui: **nós somos todos e nós não somos ninguém.**” (ANONYMOUS, HBGary) (grifos nossos), também estão explicitando a propriedade que *Anonymous* tem de conseguir se perpetuar para além do indivíduo. Podemos perceber que o coletivo tem consciência disso na imagem divulgada na Internet que segue abaixo:



Figura 10

Em português:

Você não está entendendo a questão de *Anonymous*. O indivíduo não é importante. A IDEIA é o que é importante. Não faz diferença QUEM está por trás da máscara. Nós todos trabalhamos juntos como um para lutar contra forças que ninguém mais nem quer encarar. Nós não temos medo de instituições corruptas, governos ou falsas religiões. Nós simplesmente declaramos “Nós não somos ovelhas”. Liberdade do controle mental. Liberdade da tirania. Liberdade da censura. Essas são as coisas que *Anonymous* defende.

A priorização da ideia sobre o indivíduo, como podemos perceber, é recorrente em *Anonymous* e é algo central de sua identidade. O coletivo parece ter a necessidade de explicar essa questão, talvez porque um grupo sem líderes seja algo novo para muitos e até inusitado. Vemos que eles se sentem mal compreendidos: “Vocês claramente negligenciaram algo muito

óbvio aqui” e “Você não está entendendo a questão de *Anonymous*”. A recorrência de se auto definir, sempre frisando a descentralização e a perpetuação da ideia também são indícios para nós da importância dessas questões para o coletivo.

Completando nossa análise, o EUE seria a ideia transmitida pelas ações ou palavras do grupo, enquanto o EUC seriam os indivíduos que se apropriam da máscara. Porém, o funcionamento de *Anonymous* não tem nada a ver com ações isoladas, mas sim depende de uma ação coletiva que se reveza na construção do discurso: “Nós todos trabalhamos juntos como um”. Portanto, a coletividade é parte fundamental para que o anonimato funcione como estratégia discursiva em *Anonymous*, pois é preciso que haja harmonia e sincronia entre seus membros, de forma a manter o “corpo” unido, isto é, para que a ideia *Anonymous* não se perca na troca de EUCs.

Ainda sobre a estrutura sem líderes que o anonimato proporciona, gostaríamos de examinar a seguinte imagem, também divulgada em várias partes da Internet:

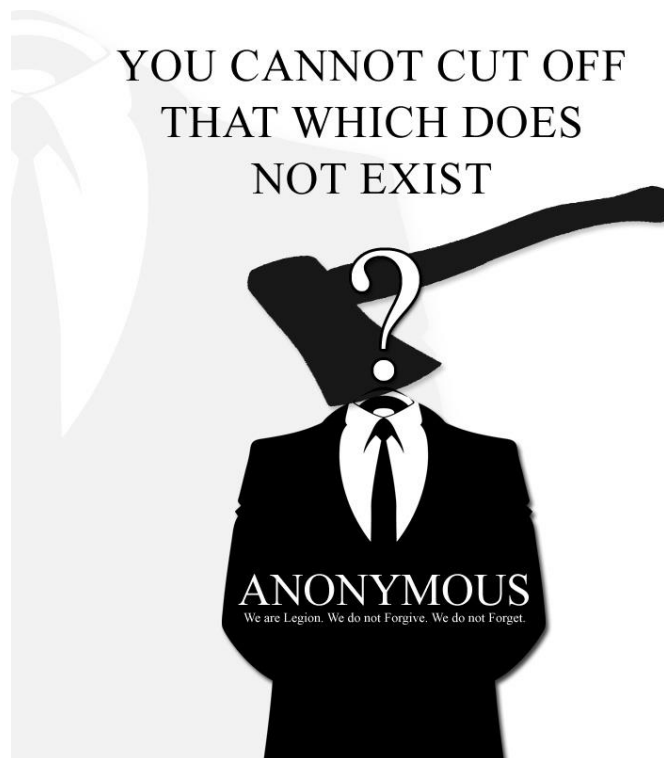


Figura 11

Nessa imagem, temos algo como uma ilustração de uma das formas pelas quais o anonimato é utilizado de maneira estratégica por *Anonymous*. Nela, lê-se: “Você não pode cortar aquilo que não existe” a figura mostra o homem de terno sem cabeça, ícone típico de

Anonymous, com um machado cortando uma cabeça que não existe. O que há é apenas um ponto de interrogação onde deveria estar a cabeça.

O uso estratégico do anonimato ilustrado nessa imagem envolve novamente a horizontalidade e a não existência de líderes, o que é representado pela falta da cabeça na figura. O ponto de interrogação representaria o anonimato do EUc e a dúvida que paira a respeito do coletivo (cortina de fumaça).

Todavia, é no machado cortando uma cabeça que não existe que está simbolizada a grande sacada estratégica de *Anonymous*: por não ter líderes, por ser baseado em uma *ideia* e não ter sua identificação com nenhum indivíduo específico, o combate ao coletivo se torna dificultado. Não adianta combater os membros, não adianta capturar o líder do movimento ou, dito de forma metafórica, não adianta cortar “o cabeça” de *Anonymous*, pois, afinal, “você não pode cortar aquilo que não existe”.

Para “matar” *Anonymous*, seria necessário algo além de apenas atacar a liderança, pois o coletivo é regido pela *ideia* e não por um grupo de pessoas específico – até porque mesmo se fosse, o anonimato esconderia. Uma ideia é muito mais forte que uma figura de liderança, um salvador, pois a ideia é da ordem do abstrato, do ideológico e do imaginário. Ela é fortalecida por aspectos que transcendem o próprio indivíduo. Daí a força do anonimato como estratégia em *Anonymous*. Graças a ele, é possível que a ideia prevaleça e que o machado não represente ameaça para a legião anônima de um corpo sem cabeça.

3.3. O anonimato enquanto estratégia enunciativa

Para continuar a melhor compreender o funcionamento e as consequências do uso do anonimato em *Anonymous*, buscaremos aplicar a metodologia modalizante de Herman Parret (1983) ao discurso do coletivo. Tal esforço nos parece interessante, pois esperamos poder pensar teoricamente sobre anonimato do coletivo ao perceber e discutir a deitização e a modalização da enunciação, conforme apresenta o teórico.

Julgamos que essa reflexão nos ajudará a entender mais amplamente a questão do sujeito (ou do apagamento do sujeito) na constituição enunciativa do coletivo. Além disso, analisar a enunciação em *Anonymous* é uma maneira de ter acesso ao modo como o discurso do coletivo é construído, pois a enunciação seria “[...] como uma “testemunha” do modo pelo qual o sujeito falante se apropria da língua, a fim de organizar seu discurso” (MACHADO, 2001, p.67).

Para dialogar com Parret, vamos nos valer das reflexões de P. Charaudeau (2006) e A. Rabatel (2005) por nos parecerem complementares às ideias de Parret, enriquecendo, assim, a análise. No entanto, antes disso, apresentaremos a parte teórica que utilizaremos.

Em seu artigo *L'énonciation en tant que déitisation et modalisation*⁵⁹, Herman Parret (1983) busca entender o ato de enunciar através de duas metodologias: enunciação enquanto deitização e enquanto modalização. Antes de abordar cada uma, o autor marca sua posição dentro dos estudos discursivos: para ele, “a teoria do discurso não pode ser uma teoria do sujeito *antes que ele enuncie*, mas uma teoria da *instância de enunciação* que é ao mesmo tempo e intrinsecamente um *efeito de enunciado*”⁶⁰ (p. 83), ou seja, não é possível pensar teoricamente sobre uma enunciação que ainda não aconteceu. Uma teoria do discurso deve considerar o sujeito relacionando-o a uma instância de enunciação.

Para Parret, o efeito de enunciado não está presente apenas linguisticamente, ou seja, “sobre a forma de marcadores ou indicadores morfo-sintáticos ou semântico-sintáticos” (PARRET, 1983, p. 83)⁶¹, pois “a enunciação está *em todo lugar* onde há significação, ela não está sob a forma de uma presença ‘empírica’, observável e determinada por metodologias semânticas clássicas”⁶² (1983, p. 86). Como a enunciação, ou melhor, o *efeito de enunciado*, não é concreto, e por isso não pode ser encontrado apenas na materialidade linguística, para chegar a ele seria preciso, segundo o autor, fazer um esforço interpretativo por uma atividade de paráfrase, ou como Parret coloca, por uma atividade de *encatálise* e não apenas se ater à concretude da língua, como faz a teoria dos atos de fala.

Como, para Parret, as metodologias semânticas clássicas não são suficientes para

⁵⁹ “A enunciação como deitização e modalização”.

⁶⁰ Tradução nossa do francês: “La théorie du discours n’est pas une théorie du sujet *avant qu’il énonce* mais une théorie de *l’instance d’énonciation* qui est en même temps et intrinsèquement un *effet d’énoncé*.”

⁶¹ Tradução nossa do francês: “sous forme de marqueurs ou d’indicateurs morfo-syntaxiques ou sémantiques-syntaxiques”.

⁶² Tradução nossa do francês: “l’énonciation est partout où il a de la signification, elle ne se présente pas seulement sous la forme d’une présence “empirique”, observable et déterminée par des méthodologies sémantiques classiques”.

entender o ato enunciativo, ele propõe duas metodologias que irão mais além, a deitização e a modalização. Elas são hierarquizáveis e complementares, o que se traduz no esquema piramidal proposto por ele, como explicaremos mais adiante. Antes, trataremos da deitização e da modalização, que são peças-chave para analisar o anonimato como estratégia.

O autor parte da ideia de *mostração* na enunciação: quando a instância de enunciação se apresenta (se mostra) enquanto sujeito, este irá ser percebido como *índice*, no sentido peirciano; porém, quando a instância enunciativa se ausenta, o que temos é uma re-presentação de um não-sujeito, já que, em vez de se mostrar, ele se des-mostra, fazendo com que o sujeito se torne um *símbolo*.

Na situação em que o sujeito é índice, temos investimento do sujeito e estamos no campo da enunciação pela mostração. Assim, temos uma enunciação transparente, ou melhor, temos uma instância de enunciação que se mostra de forma transparente na presença do sujeito. Esse é o âmbito da deitização.

Por outro lado, quando o que encontramos é uma opacidade da instância de enunciação, causada pelo desinvestimento do sujeito ausente, temos um processo de enunciação por des-mostração. Esse é o âmbito da modalização. Sobre a variação do grau de mostração da instância enunciativa, vejamos o que Parret tem a dizer:

O que torna um discurso dêitico opaco é precisamente o desinvestimento do sujeito, ou o fato de que a instância de enunciação se retira (se ausenta ao projetar a representação de seu contrário, a objetivização do mundo). A opacificação do discurso se realiza com a ajuda de estratégias de uma subjetividade que se ausenta enquanto sistema dêitico ⁶³(1983, p. 91).

Tentaremos esclarecer melhor o raciocínio apresentado acima, que será valioso na análise de nosso *corpus*. Temos, então, que, para que a instância de enunciação se ausente, ela lança mão de algumas estratégias. Uma delas envolve a passagem de uma subjetividade (da ordem da deitização) para uma objetividade (da ordem da modalização). Quando a instância de enunciação se apaga, é como se fosse trocada a subjetividade por uma objetividade, ou pelo menos um *efeito* de objetividade. Isso afetará o modo como a mensagem será expressa, uma vez que aquilo que se está sendo dito tenderá a ser percebido como uma verdade, oferecendo

⁶³ Tradução nossa do francês: “Ce qui rend un discours déictisé opaque est précisément le désinvestissement du sujet, ou le fait que l’instance d’énonciation se retire (s’absentifie en projetant la représentation de son contraire, l’objectivité du monde). L’opacification du discours se réalise à l’aide des stratagèmes d’une subjectivité qui s’absentifie en tant que systématique déictique”. (PARRET, 1983, p. 91).

uma estruturação do mundo em termos objetivos.

Vemos, portanto, que há algo estratégico na escolha do apagamento da subjetividade da instância enunciativa: “[...] trata-se evidentemente de uma retirada ilusória e a opacidade é mais persuasiva que real: o sujeito retirado exerce todos os estratagemas manipuladores aptos a fazer crer precisamente que o discurso demonstrativo é ‘neutro’ e ‘objetivo’ ”⁶⁴ (1983, p.91). O apagamento do sujeito é apenas ilusório, pois a instância de enunciação não deixa de existir; ela está apenas se escondendo por detrás de um efeito de objetividade. Isto, no entanto – apesar de não ser real, mas algo mais próximo de um truque –, poderá projetar uma força persuasiva muito grande.

O ciclo vai da opacidade e da ausência do sujeito para, então, se fechar em uma estratégia enunciativa – e, acrescentaríamos, argumentativa – de objetivização, que leva a um efeito de neutralidade ao apresentar o mundo de forma estruturada a partir de demonstrações: como afirma o próprio Parret, “[...] aqui onde o mundo ou a projeção objetiva é representada [...], o sujeito se ausentifica ‘ao demonstrar’ ”⁶⁵ (PARRET, 1983, p. 89). O conteúdo proposicional é apresentado, dessa forma, como algo imparcial e neutro, já que o sujeito e suas inclinações emocionais não interfeririam na veracidade da proposição.

Com pensamento paralelo a essa visão, Charaudeau (2006, p.97) fala de “condições de simplicidade”, que uma instância política ou cidadã deve satisfazer ao apresentar seus valores. O autor afirma que “simplificar não é fácil e comporta um risco. [...] A condição de simplicidade acarreta sempre a perda de um pouco de verdade” (CHARAUDEAU, 2006, p. 98). Vemos aqui uma conexão com a proposta de estruturalização e objetivização do mundo pela modalização da enunciação da qual fala Parret. Vejamos mais:

Quanto mais uma fórmula é concisa e, ao mesmo tempo, carregada semanticamente – apresentando, assim, de maneira global, uma ou mais idéias, essencializando-as e tornando-as fluidas –, mais ela terá poder de atração. Essa é, ao menos, a hipótese psicossociológica que diz que quanto mais uma idéia é indeterminada, mais somos atraídos por ela. Esse tipo de fórmula é destinado a produzir um efeito de evidência. [sic] (CHARAUDEAU, 2006, p.99).

O “efeito de evidência” de que fala Charaudeau acima aproxima-se ao “efeito de objetividade” de Parret na medida em que ambos lidam com uma enunciação que se apresenta

⁶⁴ Tradução nossa do francês: “[...] il s’agit évidemment d’un retrait illusoire et l’opacité est plus persuasive que réelle: le sujet en retrait exerce de fait tous des stratagèmes manipulateurs aptes à faire croire précisément que le discours démonstratif est ‘neutre’ et ‘objectif’ ”. (PARRET, 1983, p.91).

⁶⁵ Tradução nossa do francês: “[...] là où le monde ou la projection objective est représentée [...], le sujet s’absentifie ‘en démontrant’ ”. (PARRET, 1983, p. 89).

de tal forma a mostrar-se como uma verdade. Parret fala em “símbolo” e Charaudeau fala em “ideia”, mas vemos em ambos propostas muito similares: o sujeito estrutura seu discurso de forma a criar um efeito de veracidade, sendo que isso se dá a partir da tendência à não-mostração do sujeito, que se torna símbolo/ideia.

Ora, já observamos semelhanças do que apresenta Parret e Charaudeau com o coletivo *Anonymous*, que é mestre em se *des-mostrar*. Continuemos a apresentar a teoria para traçar mais pontos com o coletivo.

Como já apontamos, os dois tipos de enunciação são apresentados por Parret como hierarquizáveis e complementares, o que leva o autor a apresentá-los em um esquema piramidal, isto é, há um topo, que faz parte da pirâmide, mas é apenas um pedaço dela e há uma base que sustenta toda a pirâmide e que, de certa maneira, acaba contendo o topo. Nessa analogia, quanto mais próximo ao topo, mais tende-se à deitização, e quanto mais próximo da base, mais tende-se à modalização.

Parret distingue quatro tipos de modalidades. Para cada uma delas, há um tipo de sujeito mostrador e um tipo de estratégia enunciativa. Esta última varia segundo uma posição de mostração ou de des-mostração. A pirâmide é organizada em níveis que incluem, cada um deles, um tipo de modalização, um sujeito mostrador e a estratégia enunciativa equivalentes.

São quatro níveis no total, sendo que, cada um, corresponde a um tipo de *comunidade*. Começando do topo para a base, são elas: a *comunidade de fala* (onde ocorre a co-decodificação do código; relativa às categorias gramaticais); a *comunidade de mundo* (expressividade de um fragmento discurso no que toca à verdade a ser veiculada; é onde encontramos as estratégias de subjetivação ou objetivação); a *comunidade de ação* (último estágio alcançado pelo *eu*; relativa a uma intencionalidade e a uma co-análise das convenções); e a *comunidade transcendental*, que é a base para haver qualquer tipo de instância enunciativa, pois é axiológica, transcende o indivíduo.

Todas essas *comunidades* somadas são nomeadas por Parret como *comunidade enunciativa*, que, segundo ele, seria equivalente à *subjetividade comunitária*, que, por sua vez, é denominada lexicalmente pelo *Nós*. Vemos, assim, que a modalização é mais ampla que a deitização, pode-se alcançar um âmbito maior com ela. Além disso, podemos compreender melhor o porquê é superficial procurar pela enunciação apenas na *comunidade de fala* (como faz a teoria dos atos de fala), já que ela está subordinada às outras comunidades que a contêm.

Analisando essas relações, temos que quanto mais para o topo da pirâmide, mais deitizante (âmbito do *eu*) e quanto mais para a base, mais modalizante (que tende para o *Nós*), e a partir disso, podemos entender a colocação de Parret (1983, p. 93) que diz que a organização dêitica adequada é *ego-central*, enquanto a modal é *ego-fugal*. Dito de outra forma, quando pensamos em dêixis, temos que pensar no *eu*.

Dessa forma, particularizamos o espaço e o tempo a partir do *eu*, que é mostrado e conhecido. Já quando pensamos na organização modal, não podemos partir do *eu* – uma vez que este não se apresenta, mas sim se re-presenta ao se ausentar. Devemos, portanto, partir do *Nós*, e é aí que há o processo do que nós chamaremos de *desparticularização*.

A escala de *desparticularização* iria da base para o topo da pirâmide, isto é, quanto mais modalizante, mais desparticularizante, e quanto mais deitizante, mais particularizante. Estamos propondo essa ideia de *desparticularização* pensando nos graus de individualização que parece haver na variação dêitico-modal. Parece-nos que quanto mais transparente e mostrada a instância de enunciação está, há, como consequência, uma maior particularização e individualização de todos os elementos envolvidos, seja o ponto de vista de verdade da mensagem (subjatividade), seja o tempo ou o espaço.

O processo de *desparticularização* está ligado à enunciação modal, pois busca uma instância opaca, que abre mão de sua subjetividade (aspecto particularizante) para alcançar um efeito de objetividade estruturalizante do mundo, algo que tem um potencial persuasivo muito grande e que pode contribuir para dar credibilidade da instância enunciativa.

Levando em conta a falta de legitimidade institucional de *Anonymous* e a desconfiança que vem com ela, acreditamos que o alto grau de *desparticularização* que o coletivo apresenta, pode ser uma peça-chave para montar o quebra-cabeça que é *Anonymous*. Aquilo que estamos chamando de *desparticularização* estaria no elemento constitutivo do coletivo: o anonimato.

O anonimato de *Anonymous* já se faz evidente no próprio nome do coletivo, mas está presente também na importância identitária da máscara de Guy Fawkes – identificadora do grupo, mas não reveladora de quem o sustenta – e na atitude persistente de *Anonymous* em rechaçar qualquer pessoa ou grupo de pessoas que se identificam nominalmente como porta-voz do coletivo.

Pensando no nosso *corpus*, entendemos que a instância de enunciação não é conhecida, é anônima, pois não se sabe quem toma autoria pelos discursos. Há, como já afirmamos, um

apagamento da subjetividade e, logo, uma modalização da enunciação. Isso cria uma situação de comunicação bastante peculiar, pois identificamos um eclipse (quase) total do *eu* em detrimento do *Nós*, como podemos observar no seguinte trecho do manifesto da *Operation Payback*⁶⁶: “Deixe-nos lembrá-lo de que Anonymous é uma **entidade dinâmica**. Além disso, qualquer coisa atribuída ou ligada a Anonymous não é sempre baseada no consenso sobre **nós** como um todo”⁶⁷ (ANONYMOUS, Operation Payback) (grifos nossos). Vemos, assim, que a instância se apresenta como uma “entidade” e não como uma pessoa, mas vai além, é uma “entidade dinâmica”; não há espaço para o *eu* nesse cenário, o que há é um alto grau de *desparticularização* a partir de um *Nós* polimorfo:

“*Anonymous* é um **coletivo** de pessoas espontâneo que compartilham o objetivo comum de proteger o livre fluxo de informação na Internet. Nossos postos estão cheios de pessoas **representantes de muitas partes do mundo e de todas as orientações políticas**. **Nós** podemos ser qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer tempo”⁶⁸ (ANONYMOUS, Operation Payback) (grifos nossos).

Observamos novamente a escolha pelos pronomes de primeira pessoa do plural, bem como a denominação da instância enunciativa como “coletivo de pessoas”, e não indivíduos separados. O *Nós* polimorfo de *Anonymous* é “uma entidade dinâmica”, é “coletivo” e contém diversidade de posições de membros. Julgamos que essa colocação de si no enunciado contribua ainda mais para a opacidade da instância enunciativa, pois ela se des-mostra, se modaliza e representa um não-sujeito, que deixará de ser dêitico (*índice*) para se tornar um *símbolo*.

Gostaríamos, nesse ponto, de traçar novamente uma conexão com a teoria de P. Charaudeau no que toca seu quadro enunciativo dos sujeitos da linguagem. Como já expusemos, Charaudeau divide o ato de comunicação em dois circuitos, o externo (em que temos o EUc e o TUi) e o interno (onde estão o EUe e o TUD).

Para comunicar suas ideias, *Anonymous* precisa se engajar num ato comunicativo, que

⁶⁶ Parret (1983) coloca que não podemos identificar a enunciação na materialidade linguística. Porém, como linguístas e analistas do discurso, nós, respeitosamente, sugerimos que não podemos identificá-la *apenas* na materialidade, isto é, encontramos, sim, traços linguísticos dela, mas temos que ir a fundo e relacioná-los com aquilo que também não está marcado concretamente; temos que considerar a pirâmide de Parret desde o topo até a base. Por isso, analisaremos trechos e marcas linguísticas do nosso *corpus* buscando relacioná-los com toda a situação de comunicação.

⁶⁷ Tradução nossa do inglês: “May we remind you that Anonymous is a dynamic entity. Furthermore, anything attributed, credited, or tagged to *Anonymous* is not always based on the consensus of us as a whole”. (ANONYMOUS, Operation Payback).

⁶⁸ Tradução nossa do inglês: “*Anonymous* is a spontaneous collective of people who share the common goal of protecting the free flow of information on the Internet. Our ranks are filled with people representative of many parts of the world and all political orientations. We can be anyone, anywhere, anytime”. (ANONYMOUS, Operation Payback).

prevê uma relação contratual entre os sujeitos da linguagem. Para isso, o EUC coloca o EUE para encenar, para “dramatizar” seu discurso e para isso faz uso de estratégias discursivas para atingir um TUD específico.

Em *Anonymous*, no entanto, o EUC pode mudar livremente, enquanto o EUE permanecerá mais ou menos o mesmo, não no sentido que será sempre uma mesma pessoa, mas sim no sentido de que, como explicamos anteriormente, qualquer que seja a forma de transmissão usada, ela divulgará a mesma ideia defendida por *Anonymous*. Essa é justamente a proposta do grupo, pois ao promover essa flexibilidade do EUC, mas manter um EUE, a propagação de suas ideias acontecesse muito mais rápido e envolve muito mais pessoas em sua causa.

Além disso, o conceito de *Anonymous* como “ideia” – e não como grupo centralizado, com membros e líderes mortais – é perpetuado. Dessa forma, *Anonymous* “nunca morrerá”, pois sempre haverá alguém para ocupar o lugar de EUC e colocar em cena o mesmo EUE de sempre. Ele seria como a máscara de V que lhe confere identidade, mas, esconde o indivíduo para que o que continue seja a ideia, que pode se manter viva por qualquer um que deseje dar continuidade aos ideais que a máscara representa.

A máscara que esconde a face da instância enunciativa e a transforma em *símbolo*, projetará um efeito de objetividade, que é alcançado pela *desparticularização*. Em outros termos, com a enunciação modalizante, o que passa a importar é a ideia que *Anonymous* quer simbolizar e não sua condição particular de sujeito.

Ora, isso é possível graças ao (não-)sujeito *símbolo*, que é reforçado pela definição de *Anonymous* como *ideia*, como observamos em nosso *corpus*: “*Anonymous* não é sempre o mesmo grupo de pessoas: *Anonymous* é uma ideia viva. ***Anonymous* é uma ideia que pode ser editada, atualizada**, mantida – mudada por um capricho. Nós somos consciência viva”⁶⁹ (ANONYMOUS, Operation Payback) (grifos nossos).

Parece-nos que, à maneira como propõe A. Rabatel (2005), o locutor (o que corresponderia ao EUE de Charaudeau) atualiza o dêitico e o enunciador (EUC de Charaudeau) atualiza o modal. Rabatel afirma que opta por um “[...] desligamento *teórico* das atualizações para melhor dar conta das *práticas dinâmicas* da *mise en scène* enunciativa em um quadro

⁶⁹ Tradução nossa do inglês: “*Anonymous* is not always the same group of people: *Anonymous* is a living idea. *Anonymous* is an idea that can be edited, updated, remanded – changed on a whim. We are living consciousness”. (ANONYMOUS, Operation Payback).

radicalmente dialógico”⁷⁰ (RABATEL, 2005, p. 119). Isso parece funcionar com o polimorfo *Anonymous*: aquele que assume o lugar de locutor/EUc no aqui e agora é sempre atualizado no circuito externo, mas o enunciador/EUe que está no âmbito do modal remete à ideia-símbolo que será atualizada no circuito interno.

Como Parret (1983, p.89) aponta, em uma enunciação modalizante, a representação da objetividade provoca um movimento de estruturação do mundo. Podemos notar no nosso *corpus* esse tipo de apresentação do mundo, como nos trechos:

Quando **governos** têm permissão para censurar, **eles** são capazes de cometer grandes atrocidades e agir de forma corrupta – livres do escrutínio daqueles de quem seu poder deriva. Quando **corporações** são capazes de usar a vasta riqueza **delas** para manipular ou influenciar o livre fluxo de informação, **elas** controlam *você*. *Nós* estamos lutando contra isso – *nós* nos recusamos a ser enganados!⁷¹ (ANONYMOUS, Operation Payback) (grifos nossos).

Pela Internet, todas as pessoas do mundo têm acesso à informação. Quando nós todos temos acesso à informação, nós somos fortes. Quando *nós* somos fortes, *nós* possuímos o poder para fazer o impossível – para fazer a diferença, para melhorar *nosso* mundo. É por isso que o **governo** está agindo contra os *Wikileaks*. Isso é o que **eles** temem. **Eles** temem *nosso* poder quando *nós nos* unimos. Por favor, não se esqueça disso.⁷² (ANONYMOUS, Operation Payback) (grifos nossos).

O mundo é apresentado de uma forma relativamente simples: há *eles* (que destacamos os trechos em negrito) e há *nós* (que destacamos no texto em itálico e sublinhado); *você* é potencialmente parte do *nós*. *Eles* são corruptos, controladores e os inimigos do bem; *Nós*, por sua vez, são íntegros, os heróis da liberdade e os guerreiros do bem. Essa polarização que é feita estruturaliza o mundo a partir de uma posição generalizadora perigosa, mas potencialmente muito persuasiva (a força do efeito de objetividade).

Interessantemente, *Anonymous* não utiliza a enunciação delocutiva, que, segundo Charaudeau, é aquela que “[...] faz o auditório entrar em **um mundo de evidência** e, empregada

⁷⁰ Tradução nossa do francês: “[...] *déliation théorique* des actualisation, pour mieux rendre compte des *dynamiques pratiques* de la mise en scène énonciative dans un cadre radicallement dialogique.” (RABATEL, 2005, p. 119).

⁷¹ Tradução nossa do inglês: “When governments are allowed the power of censorship, they are able to commit great atrocities and act in corrupt ways --free from the scrutiny of those from whom their power derives. When corporations are capable of using their vast amounts of wealth to manipulate or influence the free flow of information, they control you. We are taking a stand against this--we refuse to be deceived!” (ANONYMOUS, Operation Payback).

⁷² Tradução nossa do inglês: “Through the Internet, all the people of the world have access to information. When we all have access to information, we are strong. When we are strong, we possess the power to do the impossible – to make a difference, to better our world. This is why the government is moving on Wikileaks. This is what they fear. They fear our power when we unite. Please, do not forget this.” (ANONYMOUS, Operation Payback).

no discurso político, paramenta o orador como se fosse um *soberano*, pois ele é colocado acima da massa e se faz portador de uma **verdade estabelecida**. ” (CHARAUDEAU, 2006, p.179) (grifos nossos).

Anonymous utiliza o que o autor classifica como enunciação elocutiva, que “[...] é expressa com a ajuda de pronomes pessoais de primeira pessoa acompanhados de verbos modais, de advérbios e de qualitativos que revelam a implicação do orador e descrevem seu ponto de vista pessoal” (CHARAUDEAU, 2006, p.174).

Logo, parece-nos que *Anonymous* alcança o efeito de objetividade que estrutura o mundo através do uso, não da enunciação delocutiva – que apresenta uma verdade estabelecida em um mundo de evidência – mas através da enunciação elocutiva, pelo uso do *nós* em oposição ao *eles*. O uso da primeira pessoa do plural criaria uma polarização estruturalizante.

O próprio texto como um todo do manifesto da *Operation Payback*, por exemplo apresenta uma organização muito estruturalizante, quase lembrando um texto científico: há uma introdução em que se faz uma descrição resumida do que o texto tratará, há citações literárias ao modo de epígrafes e há subtítulos que estruturam o texto de forma bem clara e “objetiva”.

O primeiro subtítulo é *Our message is clear (Nossa mensagem é clara)*: destaque para a adjetivação da mensagem como “clara”. O segundo é *Our intention is just (Nossa intenção é apenas)*: destaque para a palavra “apenas”, que simplifica a questão. O último subtítulo é *Our method of choosing targets is simple (Nosso método de escolha de alvos é simples)*: destaque para a escolha da palavra “simples” para caracterizar os métodos de escolha de alvos.

O mesmo pode ser observado em um dos vídeos do *Chanology, Code of conduct (Código de conduta)*, no qual as regras para o protesto contra a Cientologia são expostas e delimitadas para que haja unidade, isto é, estrutura. Os cinco minutos e sete segundos do vídeo são consagrados ao ditado de uma série de regras. Há, pois, uma clara tentativa de estruturação nesse vídeo, algo comum a *Anonymous*, devido ao seu caráter descentralizado. Como vimos, a falta de controle é uma das desvantagens do anonimato. Portanto, a busca por estruturação nos parece natural e é, segundo Parret, esperada para o tipo de enunciação modalizante que encontramos em *Anonymous*.

Enfim, observamos que a enunciação do coletivo é do tipo modalizante e não deitizante, já que há uma ausentificação do sujeito (anonimato). A consequência disso é um discurso objetivante que apresenta o mundo de maneira estruturada, causando, assim, um efeito de

neutralidade que contribui para a credibilidade de um *Anonymous* desconhecido e à deriva de qualquer institucionalização.

A enunciação modalizante do coletivo se configuraria como *estratégia enunciativa* e tem seu poder argumentativo na maneira como faz, no mínimo, parecer que o que é dito (ou deixado implícito) por *Anonymous* tende a uma verdade. Esse *efeito de neutralidade e de objetividade* contribuiria, assim, para fortalecer o discurso do coletivo e contribui para que seus interlocutores possam estar mais aptos a acreditar e aderir a um locutor desconhecido e sem legitimidade. Nesse sentido, o anonimato como estratégia enunciativa se encontraria no espaço das estratégias de credibilidade.

Ademais, essa visão de um mundo estruturado, dualizado e objetivo tem também seu apelo. É muito atraente um discurso que apresenta essa lógica e entendimento de mundo, pois simplifica os problemas em algo como *nós versus eles*, apontando a “*origem do mal* que se encarna em um adversário ou um inimigo, e [insiste] na *solução salvadora* encarnada pelo político que sustenta o discurso.” (CHARAUDEAU, 2006, p.91). Ao analisar cada operação de *Anonymous*, observamos sempre essa polarização e uma estigmatização da origem do mal, o inimigo, o adversário.

No *Chanology*, o inimigo era a Igreja da Cientologia. Na *Operation Payback*, o próprio governo americano e as corporações que se opuseram ao *WikiLeaks* foram o alvo. Já no caso HBGary, a empresa, que era o inimigo, foi quem procurou a briga com o coletivo ao fazer declarações falsas que descreditavam *Anonymous*.

Nos outros projetos do coletivo, sempre encontramos essa estratégia da *origem do mal* de que fala Charaudeau. Em muitos casos, o adversário é o governo. Recentemente, o coletivo declarou guerra ao ISIS (Estado Islâmico do Iraque e da Síria). Essa antagonização, fruto da objetivação do mundo típica da enunciação modalizante, tem outros desdobramentos estratégicos. Segundo Charaudeau:

A solução salvadora consiste em propor medidas que deveriam reparar o mal existente. De repente, o defensor dessas medidas **parece crível, persuasivo e tentará construir para si uma imagem** mais ou menos forte **de salvador da pátria**, dado que o objetivo é fazer o público encontrar o libertador de seus males e voltar-se totalmente para ele. (CHARAUDEAU, 2006, p.91) (grifos nossos).

Ao criar uma situação dualizada, cria-se a ilusão de haver apenas duas escolhas: *nós* ou *eles*. Isso é também uma estratégia em si. Ao apresentar o adversário como a *origem do mal*,

resta a *Anonymous* o papel de salvador da pátria, *ethos* que será construído pelo coletivo, por exemplo, na mensagem de convocação aos protestos contra a Cientologia:

Ao contrário das suposições da mídia, *Anonymous* não é simplesmente “um grupo de super hackers”. *Anonymous* é um coletivo de indivíduos unidos pela consciência de que **alguém tem que fazer a coisa certa**, que alguém tem que **trazer luz para a escuridão**, que alguém tem que **abrir os olhos do público** que esteve adormecido por tempo demais.

Dentre nossos números, você encontrará indivíduos de todas as condições sociais – advogados, pais, profissionais de TI, membros da execução da lei, estudantes universitários, técnicos veterinários e mais. *Anonymous* é todos e está em todo lugar. Nós não temos líderes, nenhuma entidade em particular nos dirige – somente o coletivo de indivíduos, guiando nossa mão nos presentes **esforços de trazer consciência**.⁷³ (ANONYMOUS, Call to action) (grifos nossos).

Observamos nas partes destacadas como *Anonymous* se coloca como aquele que tem uma posição privilegiada sobre os eventos, pois sabe de coisas que mais ninguém sabe e, por isso, apresenta-se como o salvador da pátria que irá conscientizar todos dessas informações que o tornam, de certa forma, superior.

Em resumo, o anonimato permite uma enunciação modalizante do discurso (PARRET, 1983), pois apaga a instância de enunciação. Isso causa um *efeito de objetividade* da forma de apresentar o mundo, o que leva também a um *efeito de neutralidade*, já que o mundo é apresentado a partir de *demonstrações*. Há, portanto, um processo de simplificação que leva a um *efeito de evidência* (CHARAUDEAU, 2006). *Anonymous* cria em seu discurso um mundo estruturado e antagonizado, construindo um *ethos* de salvador da pátria.

Tudo isso é possível graças ao anonimato constitutivo do coletivo, que força a instância de enunciação a se tornar opaca e a trocar sua subjetividade por uma objetividade (*estratégia enunciativa* que se encontra no âmbito tanto das estratégias de credibilidade quanto de captação). Esta, por sua vez, privilegiará o *Nós* num processo de *desparticularização*, projetando o símbolo da ideia chamada *Anonymous*. Temos, assim, mais uma vez, a ideia sendo privilegiada em detrimento do indivíduo.

⁷³ Tradução nossa do inglês: “Contrary to the assumptions of the media, Anonymous is not simply “a group of super hackers”. Anonymous is a collective of individuals united by an awareness that someone must do the right thing, that someone must bring light to the darkness, that someone must open the eyes of a public that has slumbered for far too long.

Among our numbers, you will find individuals from all walks of life - lawyers, parents, IT professionals, members of law enforcement, college students, veterinary technicians and more. Anonymous is everyone and everywhere. We have no leaders, no single entity directing us - only the collective outrage of individuals, guiding our hand in the current efforts to bring awareness.” (ANONYMOUS, Call to action).

CONCLUSÃO

Nesse trabalho, perseguimos a hipótese de que o anonimato pode se configurar como uma estratégia discursiva. Essa ideia nasceu do estudo do objeto escolhido por nós, o coletivo *Anonymous*, que carrega em seu próprio nome a marca do anonimato. Tentamos confirmar nossa hipótese por meio dos instrumentos teóricos advindos da Teoria Semiolinguística de Charaudeau e de conceitos de Foucault, Bakhtin e Parret.

Após concluir nossa pesquisa, acreditamos que o anonimato em *Anonymous* não é somente um ocultamento da face, mas algo muito maior que isso. Ele é um dos pilares que sustentam a ideia chamada *Anonymous*, como também é o que lhe designa força nesse “cabo de guerra” do jogo de poder e influência. Charaudeau afirma que “o discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras” (CHARAUDEAU, 2006, p.8). Portanto, o mascarado *Anonymous* parece estar bem equipado como jogador do embate político de que faz parte.

A máscara do anonimato é uma das armas que lhe atribuem poder no jogo político e o anonimato seria, portanto, uma das características-chave para compreender a força de *Anonymous*. Seu uso confere ao coletivo algo mais que uma estratégia de persuasão, pois é um elemento constitutivo dele e tem um papel importante em sua argumentação e formação identitária.

Para analisar o misterioso *Anonymous*, posicionamo-nos enquanto analistas do discurso e sabemos que “a análise do discurso, do ponto de vista das ciências da linguagem, não é experimental, mas empírico-dedutiva”. (CHARAUDEAU, 2005, p.5). Assim, após analisar o *corpus*, aplicando os conceitos e instrumentos teóricos à nossa disposição, pudemos chegar a algumas conclusões.

No capítulo 1, vimos como o anonimato é uma estratégia transgressiva em um mundo panóptico, onde parece estar instaurado um estado de vigilância aos cidadãos. Não sabemos bem quem é o vigia da torre – ele(s) é (são) anônimo(s). Tentamos mostrar, então, que *Anonymous* seria uma reação dessa situação e que o coletivo parece ter assimilado características daquele que o oprime.

No capítulo 2, abordamos os instrumentos teórico-metodológicos e apresentamos um quadro, baseado na obra de Charaudeau, que tem como objetivo reunir em um esquema os conceitos e visão geral da teoria para facilitar seu entendimento e aplicação. Tratamos, também,

da questão do sujeito, pois é através dela que entendemos o lugar e importância das estratégias no discurso. É no espaço das estratégias que o sujeito tem liberdade para criar e diferenciar seu discurso, adaptando-o às suas necessidades.

Acreditamos, portanto, que o estudo das estratégias mereça destaque dentro dos estudos discursivos. Por isso, ensejamos uma problematização quanto à tipologia das estratégias, pois acreditamos que nessa teoria existem ainda espaços para contribuições que possam melhor sistematizar seu estudo. Propusemos um caminho para podermos pensar nos diferentes tipos de estratégias de acordo com os diferentes níveis do dispositivo sociocomunicativo de Charaudeau. Essa pesquisa, é claro, não pretende dar conta do assunto; pelo contrário, queremos que mais respostas sejam dadas a fim de fortalecer o estudo sobre a questão.

No capítulo 3, vimos como a situação comunicativa influencia na escolha das estratégias. No caso de *Anonymous*, observamos que o anonimato é fruto da reação contra a crescente vigilância, tanto no mundo real quanto na Internet e que foi reforçado pelo embate com a Cientologia, que processava na justiça seus opositores. Buscamos ainda entender a relação do anonimato com as origens de *Anonymous* no *4chan* e percebemos que a situação comunicativa cibernética contribuiu para seu uso do mesmo modo.

Vimos também as vantagens e desvantagens do anonimato. Dentre as desvantagens, temos a possível falta de controle sobre a imagem do coletivo e sobre o uso de seu nome; e temos a falta de legitimidade provocada pelo apagamento da identidade social do sujeito (EUc). Esta última acarretará no investimento nas estratégias de credibilidade e captação, como uma forma de compensar a falta de legitimidade que assombra o coletivo.

O sucesso de suas operações contribui fortemente para a credibilidade de *Anonymous*. Na mensagem a HBGary, a ironia é uma estratégia na medida em que é utilizada para evidenciar a vitória do coletivo sobre a empresa de segurança de computadores, que detém legitimidade. O *efeito de neutralidade* causado pela enunciação modalizante adotada por *Anonymous* também contribui para a credibilidade do coletivo.

A máscara, o mistério, a fantasia e a dramatização são estratégias de captação, assim como o tom de brincadeira (as risadas – *the lulz* – e a *trollagem*) e o ambiente de carnavalização. Os *efeitos de opacidade*, de *empoderamento* e de *igualdade* também se configuram como estratégias de captação.

Todos esses efeitos são possíveis devido ao anonimato do coletivo, pois ele causa o apagamento do EUC, a criação de um *sujeito-anônimo* e a estrutura horizontal e descentralizada, que permite, por sua vez, a não existência de líderes. Isto oferece um forte poder estratégico, pois possibilita que o coletivo seja livre de uma associação à identidade social de um ou mais EUC específicos, conferindo um “poder onipresente” à massa cibernética.

Assim, como *Anonymous* não se associa a nenhum EUC, será o EUE que ganhará destaque e representará o coletivo, tornando-o próximo de uma *ideia* (algo abstrato e difícil de combater). Essa identificação de *Anonymous* como *ideia* foi também observada por nós ao analisar a enunciação modalizante do coletivo, que leva à construção de um *sujeito-símbolo*.

Em conclusão, pudemos observar com este trabalho de análise o poder estratégico que o uso do anonimato pode proporcionar a um discurso. Se, como disse Charaudeau,

a máscara não é necessariamente o que esconde a realidade. [...] a máscara é também, em outras tradições, o que define o ser em sua perenidade, em sua imutável essência. Ela é símbolo da identificação, a ponto de nela se confundirem o ser e o parecer, a pessoa e a personagem, tal como no teatro grego. Não há mais oposição entre o verdadeiro e o falso, o autêntico e o artifício, vivido e o representado (2005, p.7),

então, entendemos que o anonimato que mascara o ser *Anonymous* funcionaria da mesma maneira: ao mesmo tempo escondendo e mostrando, definindo e dispersando, protegendo e atacando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANONYMOUS. *Message to HBGary*. Apud COLEMAN, Gabriella. Our weirdness is free In: *May*, n. 9, jun. 2012b, p.90.

AUERBACH, David. Anonymity as culture: Treatise. In: *Triple Canopy*, n. 15, fev. 2012. Disponível em: <http://canopycanopycanopy.com/contents/anonymity_as_culture_treatise>. Acesso em: 06 ago. 2014.

BAKHTIN, Mikhaïl. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. Des conditions de la *mise en scène* du language. In: DECROSSE, Anne. *L'esprit de société: vers une anthropologie sociale du sens*. Bruxelas: Mardaga, 1993, p. 27 – 65.

_____. Ce que communiquer veut dire. In: *Revue des Sciences humaines*, n°51, jun 1995. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Ce-que-communiquer-veut-dire.html>>. Acesso em 28 de setembro de 2015.

_____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo et al. (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso In: PAULIUKONIS, M. A. & GAVAZZI, S. (org.) *Da língua ao discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11 – 29. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>>. Acesso em: 08 maio, 2015.

_____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

COLEMAN, Gabriella. Our weirdness is free In: *May*, n. 9, jun. 2012b. Disponível em <<http://gabriellacoleman.org/wp-content/uploads/2012/08/Coleman-Weirdness-Free-May-Magazine.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2014.

_____. Anonymous in Context: The Politics and Power Behind the Mask. Paper No 3. In: *Internet Governance Papers*. The Center for International Governance Innovation. Waterloo, Ontario, 2013. Disponível em: <<http://www.cigionline.org/publications/2013/9/anonymous-context-politics-and-power-behind-mask>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. 30th anniversary edition. Oxford: Oxford University Press, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Pourparlers*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da Prisão*. Trad. Raquel Ramalheite. 20^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JARVIS, Jason L. Digital image politics: the networked rhetoric of Anonymous. In: *Global Discourse*. V.4, issue 2-3, 2014. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/ref/10.1080/23269995.2014.923633>. Acesso em: 13 jan. 2015.

MACHADO, Ida Lucia. *Essai d'analyse du fonctionnement de l'ironie comme élément de communication*. Thèse de doctorat. Université Toulouse II, France, 1988, 368 p.

_____. Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de leitura. In: *Caligrama* (UFMG), Belo Horizonte, v. 6, p. 63-78, 2001.

_____. Algumas reflexões sobre a Teoria Semiolinguística. In: *Letras & Letras*. Uberlândia, n.22 (2), p.13-21, jul/dez 2006.

_____. A construção de “vozes” reveladoras de uma dada sociedade e de suas práticas discursivas. In: DAHLET, Véronique Braun (coord). *Ciências da linguagem e didática das línguas*, Humanitas/Fapesp, 2011, p.47-58.

_____. *Parodie et analyse du discours*. Paris: L'Harmattan, 2013.

_____. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. In: *Bakhtiniana*. São Paulo, n.9 (1), p.108-128, jan/jul 2014.

MEDINA, Leonardo César Corrêa. *Transgredindo o discurso jornalístico: a paródia nas reportagens de Ernesto Varela*. 2012. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Orientador: Ida Lucia Machado.

MENN, Joseph. Cyberactivists warned of arrest. In: *Financial Times*. 04 de fev. 2011. Disponível em: <http://www.ft.com/cms/s/0/87dc140e-3099-11e0-9de3-00144feabdc0.html#axzz3TjQpgbwr>. Acesso em 01 mar. 2015.

PARRET, Herman (org). L'énonciation en tant que déictisation et modalisation. In: *Langages*, v. 18, n. 70, 1983, p. 83-98.

RABATEL, Alain. La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. In: *Marges linguistiques*, n. 9, M.L.M.S. éditeur, Saint Chamas, maio, 2005, p. 115-136.

SILVA, Débora Cristina R. A. *How We Became Legion: Burke's Identification and Anonymous*. 98f. Dissertação de Mestrado em *Rhetoric and Communication Design*, University of Waterloo, Waterloo, Ontario, 2013.

WE ARE LEGION: the story of the hacktivists. Direção: Brian Knappenberger. Los Angeles: Luminant Media, 2012. 1 DVD (94 min.), widescreen, color., legendado.

SITES CONSULTADOS :

ANONYMOUS. *Message to Scientology*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JCbKv9yiLiQ>. Acesso em: 06 ago. 2014.

_____. *Call to action*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YrkchXCzY70>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

_____. *Code of conduct*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qIaLdMqMRh8>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

_____. *Operation Payback Manifesto from Anonymous*. Disponível em: <<http://www.indybay.org/newsitems/2010/12/09/18666107.php>>. Acesso em 19 nov. 2014.

ANONYMOUS REVOLUTION. *Anonymous message to what is the plan.org*. Disponível em <<https://www.facebook.com/notes/anonymous-revolution/anonymous-message-to-what-is-the-planorg/229786203724831>>. Acesso em 01 de ago. 2014.

COLEMAN, Gabriela. What It's Like to Participate in Anonymous' Actions. In: *The Atlantic*, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/technology/archive/2010/12/what-its-like-to-participate-in-anonymous-actions/67860/>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

_____. Am I Anonymous? In: *Limn*, n. 2, mar. 2012a. Disponível em <http://limn.it/am-i-anonymous/>. Acesso em 06 ago. 2014.
. Acesso em 06 ago. 2014.

COLEMAN, Gabriella. AUERBACH, David. GRIMMELMAN, James. *We Are All Anonymous*. Conferência. Brooklyn, NY, 23 maio, 2012.

ANEXOS

Anexo 1 :

Transcrição livre do vídeo: *Message to Scientology*

Hello, Scientology. We are Anonymous.

Over the years, we have been watching you. Your campaigns of misinformation, your suppression of dissent, your litigious nature, all of these things have caught our eye. With the leakage of your latest propaganda video into mainstream circulation, the extent of your malign influence over those who have come to trust you as leaders has been made clear to us. Anonymous has therefore decided that your organization should be destroyed. For the good of your followers, for the good of mankind, and for our own enjoyment, we shall proceed to expel you from the Internet and systematically dismantle the Church of Scientology in its present form.

We recognize you as serious opponents, and do not expect our campaign to be completed in a short time frame. However, you will not prevail forever against the angry masses of the body politic. Your choice of methods, your hypocrisy, and the general artlessness of your organization have sounded its death knell. You have nowhere to hide because we are everywhere.

You will find no recourse in attack because for each of us that falls, ten more will take this place. We are cognizant of the many who may decry our methods as parallel to those of the Church of Scientology. Those who espouse the obvious truth that your organization will use the actions of Anonymous as an example of the persecution of which you have for so long warned your followers. This is acceptable to Anonymous; in fact, it is encouraged.

We are your SPs. Over time, as we begin to merge our pulse with that of your church, the suppression of your followers will become increasingly difficult to maintain. Believers will become aware that salvation needn't come at the expense of their livelihood. They will become aware that the stress and the frustration that they feel is not due to us, but a source much closer to them.

Yes, we are SPs but the sum of suppression we could ever muster is eclipsed by that of your own RTC.

Knowledge is free. We are Anonymous. We are Legion. We do not forgive. We do not forget. Expect us.

Anexo 2

Transcrição livre do vídeo: *Call to action*

It has come to the attention of Anonymous that there are a number of you out there who do not clearly understand what we are or why we have undertaken our present course of action. Contrary to the assumptions of the media, Anonymous is not simply "a group of super hackers". Anonymous is a collective of individuals united by an awareness that someone must do the right thing, that someone must bring light to the darkness, that someone must open the eyes of a public that has slumbered for far too long.

Among our numbers you will find individuals from all walks of life - lawyers, parents, IT professionals, members of law enforcement, college students, veterinary technicians and more. Anonymous is everyone and everywhere. We have no leaders, no single entity directing us - only the collective outrage of individuals, guiding our hand in the current efforts to bring awareness.

We want you to be aware of the very real dangers of Scientology. We want you to know about the gross human rights violations committed by this cult. We want you to know about Lisa McPhearson. We want you to know about former members of Scientology's private navy, SeaOrg, who were forced to have abortions so that they could continue in service to the church. We want you to know about Scientology's use of child labor and their gulags. We want you to know about Operation Freakout and Paulette Cooper. We want you to know about Operation Snow White and Scientology's efforts to infiltrate the government of the United States of America. We want you to know about all of these things that have been swept under the rug for far too long.

The information is out there. It is yours for the taking. Arm yourself with knowledge. Be very wary of the 10th of February. Anonymous invites you to join us in an act of solidarity. Anonymous invites you to take up the banner of free speech, of human rights, of family and freedom. Join us in protest outside of Scientology centers worldwide. We are Anonymous. We are Legion. We do not forgive. We do not forget. We will be heard. Expect us.

Anexo 3

Transcrição livre do vídeo: *Code of conduct*

The following video is intended as guide for Anonymous preparing to engage in their first real life public demonstration. It will also provide a refresher for those of you who have experience with this modality of petition. The purpose of the demonstration in a modern western society is to convey a message to the public. In keeping with this objective, Anonymous has drafted 22 rules that Anonymous can follow in order to ensure epic win and no loss of hit points on your part.

Rule #0: Rules #1 and #2 of the internet still apply. Your memes are not, at this juncture, something that the real world can appreciate. Although meme speak between fellow Anonymous is acceptable, focus on the target and keep it to a minimum.

Rule #1: Stay cool.

Rule #2: Stay cool, especially when harassed. You are an ambassador of Anonymous. Although individuals trying to disrupt your demonstration will get on your nerves, you must not lose your temper. Doing so will harm the protest and tarnish the reputation of Anonymous.

Rule #3: Comply with the orders of law enforcement officers above all else. Doing otherwise is harmful to the demonstration as a whole and may compromise your performance as a human being. Do not request badge numbers unless you are being treated in a very abusive manner, as doing so will anger officers.

Rule #4: Notify city officials. Most jurisdictions either have rules about public protests, or would prefer to be notified that they are taking place. Know the rules for your jurisdiction and abide by them.

Rule #5: Always be across the street from the object being protested.

Rule #6: In the absence of a road, find another natural barrier between yourself and the target of protest. Doing so will make it more difficult for individuals hostile to your cause to come and harass you.

Rule #7: Stay on public property. You may be charged for trespassing if you do not.

Rule #8: No violence.

Rule #9: No weapons. The demonstration is a peaceful event. Your weapons. You will not need them.

Rule #10: No alcohol or pre-drinking. Violating this rule may easily precipitate a violation of rules 1 and 2.

Rule #11: No graffiti, destruction, or vandalism.

Rule #12: If you want to do something stupid, pick another day. These should be self explanatory. Violation of these rules during a demonstration will tarnish the reputation of Anonymous, harm the demonstration itself and leave you vulnerable to attention from law enforcement.

Rule #13: Anonymous is legion. Never be alone. Isolation during a protest marks you as a target for handlers who wish to provoke an angry reaction from you and other hostiles. In keeping with this principle...

Rule #14: Organize in squads of 10 to 15 people.

Rule #15: One or two megaphones per squad. A megaphone is helpful for maintaining the overall cohesion of a demonstration and spreading your message. However, too many will confuse the public and render you hearing impaired.

Rule #16: Know the dress code. Forming a loose yet reasonable dress code for protest members will help to maintain cohesion and get the public to take you seriously.

Rule #17: Cover your face. This will prevent your identification from videos taken by hostiles, other protesters or security. Use scarves, hats and sunglasses. Masks are not necessary, and donning them in the context of a public demonstration is forbidden in some jurisdictions.

Rule #18: Bring water. A dehydrated, thirsty Anonymous is not a useful Anonymous.

Rule #19: Wear good shoes. Following these rules will assure your comfort during the demonstration. Keep in mind that demonstrations may often be quite lengthy.

Rule #20: Signs, fliers, and phrases. Have yours ready. Make sure that signs are large enough to read. Also ensure that the text on your signs and your phrases are pertinent to the target of the protest.

Rule #21: Prepare legible, uncomplicated and accurate flyers to hand out to those who wish to know more regarding the motivations behind your actions.

Rule #22: Document the demonstration. Videos and pictures of the event may be used to corroborate your side of the story if law enforcement get involved. Furthermore, posting images and videos of your heroic actions all over the internet is bound to generate win, exhorting other Anonymous to follow your glorious example.

Anexo 4

Mensagem deixada por *Anonymous* no site de HBGary

This domain has been seized by Anonymous under section #14 of the rules of the Internet.

Greetings HBGary (a computer "security" company),

Your recent claims of "infiltrating" Anonymous amuse us, and so do your attempts at using Anonymous as a means to garner press attention for yourself. How's this for attention?

You brought this upon yourself. You've tried to bite at the Anonymous hand, and now the Anonymous hand is bitch-slapping you in the face. You expected a counter-attack in the form of a verbal brawl (as you so eloquently put it in one of your private emails), but now you've received the full fury of Anonymous. We award you no points.

What you seem to have failed to realize is that, just because you have the title and general appearance of a "security" company, you're nothing compared to Anonymous. You have little to no security knowledge. Your business thrives off charging ridiculous prices for simple things like NMAPs, and you don't deserve praise or even recognition as security experts. And now you turn to Anonymous for fame and attention? You're a pathetic gathering of media-whoring money-grabbing sycophants who want to reel in business for your equally pathetic company.

Let us teach you a lesson you'll never forget: you don't mess with Anonymous. You especially don't mess with Anonymous simply because you want to jump on a trend for public attention, which Aaron Barr admitted to in the following email:

"But its not about them...its about our audience having the right impression of our capability and the competency of our research. Anonymous will do what every they can to discredit that. and they have the mic so to speak because they are on Al Jazeera, ABC, CNN, etc. I am going to keep up the debate because I think it is good business but I will be smart about my public responses."

You've clearly overlooked something very obvious here: we are everyone and we are no one. If you swing a sword of malice into Anonymous' innards, we will simply engulf it. You cannot break us, you cannot harm us, even though you have clearly tried...

You think you've gathered full names and home addresses of the "higher-ups" of Anonymous? You haven't. You think Anonymous has a founder and various co-founders? False. You believe that you can sell the information you've found to the FBI? False. Now, why is this one false? We've seen your internal documents, all of them, and do you know what we did? We laughed. Most of the information you've "extracted" is publicly available via our IRC networks. The personal details of Anonymous "members" you think you've acquired are, quite simply, nonsense.

So why can't you sell this information to the FBI like you intended? Because we're going to give it to them for free. Your gloriously fallacious work can be a wonder for all to scour, as will all of your private emails (more than 66,000 beauties for the public to enjoy). Now as you're probably aware, Anonymous is quite serious when it comes to things like this, and usually we can elaborate gratuitously on our reasoning behind operations, but we will give you a simple explanation, because you seem like primitive people:

You have blindly charged into the Anonymous hive, a hive from which you've tried to steal honey. Did you think the bees would not defend it? Well here we are. You've angered the hive, and now you are being stung.

It would appear that security experts are not expertly secured.

```
We are Anonymous.
We are legion.
We do not forgive.
We do not forget.
Expect us - always.
```

Anexo 5

Operation Payback Manifesto from *Anonymous*

by *Anonymous* w/ OperationPayback

Thursday Dec 9th, 2010 4:56 AM

A Letter from *Anonymous*: Our Message, Intentions, and Potential Targets

Hello World. We are *Anonymous*. What you do or do not know about us is irrelevant. We have decided to write to you, the media, and all citizens of the free world to inform you of our intentions, potential targets, and our ongoing, active campaign for the freedom of information exchange, freedom of expression, and free use of the Internet.

"True, This! —
 Beneath the rule of men entirely great,
 The pen is mightier than the sword. Behold
 The arch-enchanters wand! — itself a nothing! —
 But taking sorcery from the master-hand
 To paralyse the Cæsars, and to strike
 The loud earth breathless! — Take away the sword —
 States can be saved without it!"

- The Cardinal
 Richelieu; Or the Conspiracy by: Edward Bulwer-Lytton

"In a time of universal deceit, telling the truth becomes a revolutionary act."
 ~George Orwell

"All truths are easy to understand once they are discovered; the point is to discover them."
 --Galileo Galilei

Our message is clear:

We support the free flow of information. *Anonymous* is actively campaigning for this goal everywhere in all forms. This necessitates the freedom of expression for: The Internet, for journalism and journalists, and citizens of the world. Though we recognize you may disagree, we believe that *Anonymous* is campaigning for you so that your voice may never be silenced.

The recent news of our campaigns has been, at best, misinformed. We are not a terrorist organization as governments, demagogues, and the media would have you believe. Rather, *Anonymous* is a spontaneous collective of people who share the common goal of protecting the free flow of information on the Internet. Our ranks are filled with people representative of many parts of the world and all political orientations. We can be anyone, anywhere, anytime. If you are in a public place right now, take a look over your shoulder: everyone you see has all the requirements to be an Anon. But do not fret, for you too have all the requirements to stand with those who fight for free information and accountability.

Accordingly, *Anonymous* is not always the same group of people: *Anonymous* is a living idea. *Anonymous* is an idea that can be edited, updated, remanded--changed on a whim. We are living consciousness. At this time, *Anonymous* is a consciousness focused on actively campaigning for the free flow of information and accountability by our public institutions. We ask the world to support us, not for our sake, but for your own. When governments and corporations control information they control you. When governments are allowed the power of censorship, they are able to commit great atrocities and act in corrupt ways --free from the scrutiny of those from whom their power derives. When corporations are capable of using their vast amounts of wealth to manipulate or influence the free flow of information, they control you. We are taking a stand against this--we refuse to be deceived!

The Internet is one of the last bastions of the free flow of information in our evolving information society, and one that is capable of connecting us all. Through the Internet, all the people of the world have access to information. When we all have access to information, we are strong. When we are strong, we possess the power to do the impossible--to make a difference, to better our world. This is why the government is moving on Wikileaks. This is what they fear. They fear our power when we unite. Please, do not forget this.

Our intention is just:

The intention of *Anonymous* is to protect free flow of information of all types from the control of any individual, corporation, or government entity. We will do this until our proverbial, dying breath. We do this not only for ourselves, but for the citizens of the world. We are people campaigning at this very moment for your freedom of information exchange, freedom of expression, and free use of the Internet. Please remember this as you watch the news, read posts on Twitter, comment on Youtube or Facebook, or send email to a friend or loved one: *Anonymous* is making every effort to defend free speech and free information on the Internet.

We ask for the attention of the world as the events that are unfolding are fundamentally influencing the course of history. *Anonymous'* campaign will defend against any individual, organization, corporation, and/or government entity that seeks to hinder the free flow of information on the Internet and beyond. Our methods may appear to be unjustly burdening our targets, but we argue that in this moment when the Freedom of Speech is under attack by the

very institutions which are supposed to support it, drastic measures must be taken. During the Civil Rights Movement in the 1960s, access to many businesses was blocked as a peaceful protest against segregation. Today much business is conducted on the Internet. We are using the LOIC to conduct distributed denial of service attacks against businesses that have aided in the censorship of any person. Our attacks do no damage to the computer hardware. We merely take up bandwidth and system resources like the seats at the Woolworth's lunch counter.

Please, do not despise us, as we are not the *Anonymous* that you may be familiar with. *Anonymous'* past is not our present. May we remind you that *Anonymous* is a dynamic entity. Furthermore, anything attributed, credited, or tagged to *Anonymous* is not always based on the consensus of us as a whole. Even the document you read now was written by at least ten people simultaneously. *Anonymous'* campaign does not intend to harm *websites* of the individual citizen, organization, or government, that supports the free flow of information. We are here for all of you; to campaign for all of you. Where others have made this promise and failed, we make this promise and aim to keep it for everyone. *Anonymous* wishes to defend the free flow of information on the Internet and beyond; We would like to ask that you as a citizen, organization, media organization, or government do the same. Any individual, organization, corporation, and/or government entity which supports Freedom of Speech and a free Internet is an ally of *Anonymous*.

Our method of choosing targets is simple:

We are against anyone who supports censorship, such as those who are responsible for the silencing of Wikileaks.

We are against any entity that work towards the defilement of free speech and/or the free flow of information.

Our request of you is simple.

We ask you to consider the value of your natural Freedoms.

We ask you to consider the value of free information for you and future generations.

We ask you to consider the implications of information censorship, be it through the

Internet or physical speech.

We ask you to consider the future of your own human rights, as those who wish to take these rights from you now will not stop with this.

Signed,

Anonymous